

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Tayse Feliciano Marques
Valéria Cunha dos Santos

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Florianópolis
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Tayse Feliciano Marques
Valéria Cunha dos Santos

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Isabel Monguilhott

Florianópolis
2013

Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente, à professora orientadora Isabel Monguilhott pelas sugestões e opiniões objetivas e esclarecedoras.

Agradecemos também a nossas famílias e amigos pelo suporte fora da universidade.

Aos colegas da disciplina, pela troca de experiências e sugestões nos projetos e nas aulas.

À professora Nara, docente regente de língua portuguesa da turma do 1º A do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, por, além de ter cedido espaço para nossas aulas, ter sido tão atenciosa e prestativa.

À professora Maria Alice pela forma acolhedora com que nos recebeu em seu projeto de recuperação de estudos com alunos do 6º ano.

À comunidade escolar, principalmente aos alunos participantes do projeto extraclasse e à turma do primeiro ano A.

Sumário

1.	Introdução.....	4
2.	A docência no Ensino Médio.....	6
2.1	Descrição do campo de estágio.....	6
2.2	Observação das aulas.....	10
2.2.1	Relato individual: Tayse Feliciano Marques.....	10
2.2.2	Relato individual: Valéria Cunha dos Santos.....	19
2.3	Projeto de docência.....	31
2.3.1	Problematização.....	31
2.3.2	Escolha do tema.....	32
2.3.3	Justificativa.....	33
2.3.4	Referencial teórico.....	35
2.3.5	Objetivos.....	37
2.3.6.	Conhecimentos trabalhados.....	38
2.3.7.	Metodologia.....	38
2.3.8.	Recursos utilizados.....	39
2.3.9	Avaliação.....	39
2.4	Planos de aula.....	41
2.5	Relato do exercício de docência.....	121
3.	Participação em atividades extraclasse na instituição.....	133
3.1	Projeto extraclasse.....	133
3.2	Reuniões.....	139
4.	Ensaios individuais.....	142
5.	Considerações finais.....	151
6.	Referências.....	153
7.	Anexos.....	156

1. Introdução

Na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II demos continuidade ao trabalho iniciado no semestre anterior, em que tivemos vivência docente em turmas do Ensino Fundamental. Dessa vez, o trabalho foi realizado com turmas de Ensino Médio, no nosso caso, com o primeiro ano.

Soubemos, no primeiro dia de aula, que nosso campo de estágio seria o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Já conhecíamos a instituição por outras disciplinas da graduação, como Didática e Linguística Aplicada, o que nos tranquilizou em diversos pontos. O “primeiro contato” já havia sido feito, mesmo que em uma ocasião distinta, e já conhecíamos alguns professores, inclusive a de língua portuguesa do 1º ano A, turma escolhida para a realização das atividades do estágio.

O estágio de docência é dividido em etapas: observação das aulas (10 horas/aula), observação do ambiente escolar (4 horas/aula), docência (16 horas/aula) e projeto extraclasse (12 horas/aula). Além das horas em que estivemos presentes na escola, elaboramos relatórios, projetos e planos de aula, sob orientação da professora da disciplina, Isabel Monguilhott. As atividades foram realizadas em dupla, assim como no semestre anterior. A escolha pela parceria foi por afinidade e experiências anteriores de trabalhos em grupo que deram certo.

O período de observação das aulas do 1º ano A foi de 27 de março até 12 de abril de 2013. Durante esse tempo, tivemos oportunidade de conhecer os alunos, o que nos fez ter condições de elaborar o projeto de docência e os planos de aula voltados àquela turma.

Essa etapa também serviu para conhecermos melhor a instituição escolar, seus representantes pedagógicos, suas regras, a forma como está organizada, sua estrutura hierárquica e seu projeto político-pedagógico. Todo esse processo foi acompanhado com registros diários para que, posteriormente, fossem relatados e servissem de reflexão para a futura prática docente.

Após isso, iniciamos a elaboração de um planejamento, considerando os conteúdos programados para o ano letivo, que nos foram apresentados pela professora regente em um reunião no dia 25 de março de 2013. Dentre as opções disponíveis de conteúdos, escolhemos trabalhar com o movimento literário Barroco, as figuras de linguagem e o gênero textual resenha.

Anteriormente à prática docente, elaboramos o projeto extraclasse *Recontando histórias do nosso jeito*, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, que consistiu na elaboração de adaptações em quadrinhos da fábula *A Cigarra e a Formiga*.

O presente relatório trará as experiências acerca dos projetos de docência e extraclasse, bem como as reflexões que servirão como pilar para nossa atuação como professoras.

2. A docência no Ensino Médio

2.1 Descrição do campo de estágio

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina fica localizado no campus João David Ferreira Lima, no bairro Trindade, e atende alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, nos períodos matutino e vespertino. Foi criado em 1961, com o objetivo de servir de campo de estágio destinado à prática docente dos alunos matriculados nos cursos de Didática da então Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). Atualmente, o colégio conta com 102 docentes, 32 servidores e 935 discentes. As vagas disponibilizadas são distribuídas aos alunos por meio de sorteios realizados anualmente.

O colégio possui uma estrutura física ampla e esse é um dos motivos que faz dele um modelo de instituição educacional. A maioria das salas de aula possui aparelho *datashow*, computador, acesso à *internet*, boa iluminação e ventilação, ar condicionado, cortinas, carteiras e cadeiras conservadas. Em cada sala de aula há um armário onde ficam guardados livros didáticos, além de quadro de avisos. Banheiros e bebedouros são bem distribuídos no espaço físico e são acessíveis às diversas necessidades. Portas e portões são largos e rampas de acesso facilitam a locomoção.

Ainda sobre a estrutura física, o colégio possui biblioteca, três auditórios, brinquedoteca, salas de música, teatro e dança, laboratórios de informática e de química, laboratório de linguagem, salas de línguas estrangeiras, salas de reforço, refeitório, pátio, sala de professores, salas de coordenadorias e de reuniões, consultórios médico e odontológico. Além disso, os alunos frequentam espaços da UFSC, como a Biblioteca Central, o Restaurante Universitário e o Centro de Desportos, onde são feitas as aulas práticas de educação física a partir do 6º ano do Ensino Fundamental.

Os professores e funcionários da coordenação e orientação pedagógica são contratados e foram admitidos no colégio por meio de concursos. Funcionários terceirizados cuidam da limpeza e da segurança do patrimônio. No período de observação não presenciamos nenhum impasse entre funcionários, que, pelo o que vimos, convivem bem e se respeitam.

Os professores, junto com a equipe pedagógica, formulam os planos de ensino de cada série, bem como o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do colégio. Esse é um aspecto que ilustra a liberdade proporcionada ao profissional, fazendo com que as diretrizes sejam criadas pelas pessoas que as seguirão, num processo de formulação que inclui reuniões com representantes discentes e pais dos alunos.

Conforme previsto no PPP, a instituição deve se moldar às diversas necessidades dos alunos, tanto “regulares” quanto “especiais”.

O colégio é um espaço inclusivo e cada aluno com necessidade especial tem o acompanhamento de um estagiário que o auxilia nas atividades dentro e fora da sala de aula. Nesse contexto, a educação especial é concebida para possibilitar que o aluno com necessidades educacionais especiais atinja os objetivos da educação geral.

No ano de 2009 foram contratadas duas pedagogas para atuarem com os alunos com deficiência, sendo criado oficialmente o Setor de Educação Inclusiva do Colégio de Aplicação, que atualmente atende 47 (quarenta e sete) alunos desde o 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano de Ensino Médio, com as mais diversas deficiências (autismo, paralisia cerebral, síndrome de Down, deficiência mental, deficiência auditiva, distúrbio de processamento auditivo, dislexia, TDAH, síndrome de Asperger) (PPP do Colégio de Aplicação, 2013).

De acordo com a Ação Civil Pública nº 2001.72.00.001291-8/SC, o Colégio de Aplicação “deverá assegurar nos cursos fundamental e de 2º grau, um percentual de 5% (cinco por cento) das vagas às pessoas portadoras de deficiência física”. O que, infelizmente, não é assegurada é a real inclusão desses alunos.

As adaptações no espaço físico não são suficientes nesses casos. É preciso um trabalho conjunto de todos que compõem a comunidade escolar para que alunos especiais deixem de viver numa “ilha” e possam efetivamente conviver com os demais alunos.

A disciplina de língua portuguesa conta com 4 horas/aula semanais no Ensino Médio, que, no caso da turma do 1º A, ocorrem nas quartas-feiras, das 07h30 às 09h00, e nas sextas-feiras, das 09h00 às 10h50.

No que toca à disciplina, o PPP prevê que a leitura e a formação de leitores deve se constituir em um elemento estruturante do currículo escolar e um compromisso de todas as áreas do conhecimento. O documento valoriza a interdisciplinaridade, pois considera imprescindível que exista diálogo entre os núcleos disciplinares.

No entanto, o PPP está em processo de reformulação. Participamos de uma das reuniões cujo tema era a elaboração de um novo currículo. Assuntos relacionados ao futuro do colégio, como a implementação do ensino em tempo integral, mudanças no espaço físico e na carga horária, foram abordados nessa reunião. Apesar de o novo PPP não estar concluído, fica clara nas falas dos professores a importância dada à formação de leitores e pesquisadores.

Outro documento que direciona a prática pedagógica dos professores do colégio são os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM). Os Parâmetros são

divididos em três áreas que abarcam a formação humana e social do indivíduo, embasados nos quatro pilares da educação propostos pela Unesco: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser (BRASIL, 2000. p. 23). Os objetivos para a educação na sociedade contemporânea são tão amplos que certamente não são atingidos com um ensino conteudista e fragmentado. Por isso, a abordagem em áreas, relacionando temas interdisciplinares, é a proposta dos PCNs.

A disciplina de língua portuguesa faz parte da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, junto com língua estrangeira moderna, artes, educação física e informática. Segundo os PCNs,

o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão lingüística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (BRASIL, 2000. p.55).

Apesar de a professora de língua portuguesa não ter mencionado os PCNs como alicerce para sua prática pedagógica, notamos que suas concepções de linguagem e texto convergem com o proposto nos Parâmetros que afirmam que, muito mais do que um conjunto de orações ou frases, os textos estão impregnados de visões de mundo proporcionadas pela cultura e resultam, necessariamente, das escolhas e combinações feitas no complexo universo que é uma língua.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no art. 22, a finalidade da disciplina de língua portuguesa é “desenvolver o educando, assegurando-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornece-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos superiores”. Na observação das aulas, percebemos que a professora planeja suas atividades com esse mesmo propósito.

Observamos, entre 27 de março e 12 de abril, a turma do 1º ano A, composta por 24 alunos entre 14 e 18 anos de idade, 12 meninos e 12 meninas. As turmas do Colégio de Aplicação são geralmente formadas por 25 alunos. No caso do 1º A, a turma é composta por 24, pois uma aluna pediu trancamento de matrícula por motivo de gravidez.

Ao longo da observação e, sobretudo, devido ao questionário aplicado aos alunos (anexo 01), constatamos que se trata de uma turma heterogênea. O número de meninos e meninas é o mesmo, as idades variam, assim como o trajeto percorrido pelos alunos para

chegar à escola: alguns moram longe e demoram até 1 hora e meia, outros chegam em 10 minutos.

Também com os resultados do questionário aplicado, vimos que a maioria dos alunos valoriza o colégio. Frases como “gosto do Colégio de Aplicação pois acho um dos melhores colégios públicos e fica dentro da UFSC” e “gosto porque o ensino é de qualidade” foram usadas como argumentos em prol do colégio. Apenas dois alunos disseram não gostar da escola, um deles não disse o porquê e outro argumentou não gostar porque, nesse ano, as antigas turmas da 8ª série foram misturadas.

Notou-se, também pelo questionário, que 72% dos alunos costumam ler fora da sala de aula e que a maioria dos seus familiares tem o hábito de leitura de livros, revistas e jornais.

Em geral, durante as aulas acompanhadas e os recreios, a turma demonstrou bom comportamento. No entanto, como grande parte dos adolescentes, eles também se dispersam facilmente e cochicham durante as aulas, mas, nas vezes em que a professora pedia a colaboração de todos, os alunos obedeciam.

Apesar de a turma ser dividida em “panelinhas”, tanto nas atividades em equipe quanto no recreio, notamos que os alunos têm boa convivência em geral, respeitam a opinião e a individualidade dos colegas.

A turma apresentou diferentes níveis e ritmos de aprendizagem. Há alunos mais participativos, que concluem as atividades mais rapidamente e outros que demonstram mais dificuldades. A professora, no entanto, respeita a individualidade de cada aluno, dentro de suas limitações.

A docente de língua portuguesa da turma do 1º ano A é Nara Caetano Rodrigues. É formada em Letras e possui mestrado em Letras/Linguística e doutorado em Linguística Aplicada, pela UFSC. Dá aula há 22 anos e atualmente trabalha no Colégio de Aplicação num regime de 42 horas semanais, (30 horas de ensino, 4h de extensão, 6h pesquisa e 2h de administração (coordenação da disciplina de língua portuguesa).

Para conhecermos melhor a professora, além de conversas realizadas pessoalmente, enviamos por *e-mail* perguntas sobre sua perspectiva teórica e metodológica do ensino de língua portuguesa e sobre seus hábitos de leitura e produção de textos.

De acordo com suas respostas (anexo 02), a professora procura trabalhar na perspectiva da linguagem como interação, que se realiza nas diversas situações/encontros entre os sujeitos que se relacionam, seja na esfera escolar ou em outras esferas. Sua fundamentação vem dos estudos do Círculo de Bakhtin e de pesquisadores brasileiros que

discutem Bakhtin e a educação, como João Wanderley Geraldi, Roxane Rojo, Irandé Antunes, Raquel Fiad e Maria Aparecida Lopes-Rossi.

No que diz respeito à metodologia utilizada, a professora busca planejar atividades em sala que possibilitem o diálogo com diferentes vozes. Propõe atividades de produção textual (verbal/visual) individualmente, em dupla ou em grupo. Nas saídas de estudos, comuns no colégio, a professora procura trabalhar na perspectiva de que o conhecimento é produzido em diferentes lugares sociais e esferas, não sendo restrito ao professor e à escola. Entende sua aula como agenciamento de vozes diversas para construir conhecimentos plurais. Por isso, ela manifesta dificuldade com o uso de determinados recursos como o livro didático, provas e na atribuição de notas para os trabalhos produzidos, pois sua tendência é flexibilizar as avaliações na medida em que sente que os alunos não estão significando o que está sendo abordado. Costuma utilizar materiais variados (dependendo do gênero trabalhado): revistas, jornais, livros de literatura, vídeos e *sites*.

A professora entende a aprendizagem como um processo que se dá na interação dos alunos com os vários outros com os quais eles dialogam: professora, pais, colegas, estagiários, funcionários da escola, guias e demais pessoas que, em algum momento, se envolvem em questões ligadas aos conteúdos e à vida dos alunos, principalmente no que diz respeito à linguagem (suas regularidades e seu uso).

Em relação à turma 1º A, a professora nos expôs que os alunos estão em processo de entrosamento, pois há 4 alunos repetentes e 6 alunos novos que entraram no Colégio de Aplicação em 2013. Segundo ela, a maioria dos alunos se envolve nas atividades de sala de aula e a participação oral está crescendo. No início do ano, a turma era tímida, mas agora está começando a participar mais e tem se mostrado um pouco mais animada. Quanto à postura, os alunos são tranquilos, respeitosos – muitas vezes afetuosos – e receptivos na relação professora-alunos.

Sobre sua relação com os alunos, a professora busca interagir de modo amigável, mas sempre deixa claro que está em sala na condição de professora e, portanto, tem tarefas a desempenhar nessa função. Ou seja, tem clareza do seu ato responsável na relação com os alunos e espera deles que também tenham clareza de suas responsabilidades no acontecimento da aula. Afinal, a aula só acontece com ambos os sujeitos envolvidos tendo uma participação ativa.

2.2 Observação das aulas

2.2.1 Relato individual: Tayse Feliciano Marques

1ª e 2ª aulas

Data: 27/03/2013

Horário: 7h30 às 9h00

A aula iniciou pontualmente com a realização da chamada, sem alvoroço na turma. Após isso, a docente solicitou que eu me apresentasse à classe e explicasse o porquê da minha presença nos próximos meses. Feita a apresentação e os devidos esclarecimentos, a aula seguiu normalmente.

Os primeiros quinze minutos de aula, aproximadamente, foram reservados para avisos e lembretes. Nesse período, a professora lembrou que os alunos deveriam buscar na biblioteca livros sobre relatos de viagem, enfatizou que as obras deveriam conter relatos verídicos. Lembrou, também, que no dia 10 de abril aconteceria a avaliação de língua portuguesa, abrangendo os seguintes conteúdos: fonologia, poesia concreta e análise do texto.

Em seguida, a professora pediu para que os alunos retirassem os cadernos e abrissem o livro didático na página 196. Relembrou com eles o conteúdo de fonologia abordado nessa parte do livro e citou, da página 222, os termos: sessão, seção e cessão, como exemplo de palavras que têm a mesma pronúncia, mas com grafia e sentidos diferentes. Outros cinco pares de palavras serviram de exemplo para a mesma explicação, a saber: cumprimento e comprimento; acento e assento; concerto e conserto; flagrante e fragrante e mandado e mandato. Todos os termos foram comentados pela professora que, com a ajuda dos alunos, distinguiu os sentidos das palavras parônimas.

Logo depois, a docente pediu para uma aluna ler o conceito de fonologia presente no livro didático e explicou para a turma que, nas próximas aulas, eles iriam aprofundar os conhecimentos dessa parte do português e que, para isso, iriam trabalhar com a poesia concreta, por ser um gênero que costuma gerar maior reflexão sobre a língua.

Após isso, a professora explicou o que são fonemas e salientou que, muitas vezes, a troca de um único fonema provoca a mudança de sentido em uma palavra. Foi dedicada atenção especial para comentar sobre as vogais orais e as vogais nasalizadas e distinção entre as vogais e as semivogais.

Depois, a professora explicou o conceito de consoante, lembrou que, ao contrário das vogais, na realização das consoantes sempre há um obstáculo para a passagem do som, como a língua ou os dentes.

Em seguida, a docente passou para o conceito de sílabas, lembrou com os alunos o que são monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas. Revisou também o que são oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Nesse momento, os alunos responderam bem à revisão, ajudando-a na elaboração dos conceitos.

Imediatamente, a professora explicou a concepção de encontros consonantais e de dígrafo. Cada conceito foi muito bem explicado por meio de vários exemplos.

Após todas as revisões e explicações, a professora enfatizou que o desejado por ela não era que os discentes memorizassem conceitos e nomenclaturas, mas sim que entendessem as concepções e, sobretudo, que soubessem que letra e fonema não têm uma representação direta.

Por fim, a professora solicitou aos alunos que fizessem os exercícios da página 200/201 do livro didático. Enquanto os alunos respondiam às questões, a professora atendeu àqueles que demonstraram dificuldade em interpretar as perguntas.

3ª e 4ª aulas

Data: 03/04/2013

Horário: 7h30 às 9h00

Após a realização da chamada, a professora solicitou que os alunos entregassem o trabalho das “Memórias”. A atividade já tinha data prévia de entrega, ainda assim, apenas quatro alunos a concluíram. Sabendo disso, a professora avisou que o prazo de entrega poderia ser estendido até a próxima aula, no entanto, o trabalho passaria a valer nota 9,0.

A docente destacou a importância da entrega da atividade, já que seria a primeira nota dos alunos no trimestre, lembrou que a segunda nota seria a prova sobre fonologia, poesia concreta e análise de texto, marcada para a próxima semana. E lembrou também outras datas importantes, como o dia da saída de estudos e da entrega do livro de relatos de viagem.

Após isso, a professora perguntou aos alunos se tinham concluído as atividades do livro didático solicitadas na aula passada. A maioria deles terminou os exercícios. Antes de dar início à correção, a docente indagou os alunos sobre o conteúdo discutido na aula passada, a fim de fazê-los lembrar dos conceitos vistos.

Imediatamente, a professora iniciou a correção. Todas as questões foram corrigidas, primeiramente, de forma oral, e, posteriormente, escritas e analisadas no quadro. A docente dedicou atenção especial aos dígrafos /ãw/, em palavras como *questionam* e *amam*, explicou que o /m/ pode tanto nasalizar uma vogal quanto ter o som de uma.

A última questão da atividade solicitava o número de letras e de fonemas da palavra *triiimm*. A professora confessou aos alunos que tinha dúvida quanto à resposta da questão, pois não sabia se deveria representar as três vogais *i* com apenas um fonema nasalizado, ou se, apenas os dois últimos *i* seriam nasalizados. Em frente a tal dúvida, alunos e professora ficaram refletindo alguns minutos sobre os fonemas da palavra, mas não chegaram a uma resposta final.

Assim que concluíram a correção dos exercícios, o sinal bateu e a professora deu início a um novo assunto: poesia concreta. Antes de entrar propriamente nas características do gênero, a docente perguntou aos alunos se sabiam o contexto histórico do Brasil nos anos de 1950. Como nenhum aluno se manifestou, a professora explicou que tal década foi marcada pela rápida modernização e crescimento industrial impulsionados pela presidência de Juscelino Kubitschek. Além disso, enfatizou as novidades na pintura, na arquitetura e, sobretudo, na poesia, em que se destacaram nomes como Haroldo de Campos, Arnaldo Antunes e Paulo Leminski.

Em seguida, a professora distribuiu cópias de seis poemas concretos aos alunos e solicitou que eles lessem em silêncio e refletissem sobre o conteúdo de cada poema. Após alguns minutos, a docente perguntou o que a turma achou dos poemas. Alguns alunos os consideraram “nada a ver com nada”, enquanto outros consideraram “legais” tais obras.

Alguns discentes falaram qual dos seis poemas mais gostaram e o porquê. A professora seguiu a aula explicando os poemas concretos de forma geral e atentando especialmente para cada um dos seis poemas.

No momento em que teve que explicar o poema *Beba Coca Cola*, de Décio Pignatari, ela falou para os alunos do conflito existente entre Estados Unidos e União Soviética, na década de 1970, a fim de fazer com que os alunos fizessem a ligação: Estados Unidos, Capitalismo e Coca-cola.

Após enfatizar a importância de ler os poemas tendo em vista o contexto histórico da época em que foram escritos, a professora pediu aos alunos que escolhessem três, dos seis poemas, para explicar o trabalho com a linguagem, a forma, o conteúdo e a sonoridade.

Enquanto os alunos faziam a atividade, havia silêncio. A professora pouco interferiu nesse momento. Faltando alguns minutos para o final da aula, a docente mostrou as poesias que trouxe, projetadas no *power point*.

5ª e 6ª aulas

Data: 05/04/2013

Horário: 9h00 às 10h50

Após a realização da chamada, a professora pediu aos alunos que entregassem a atividade das “Memórias”, lembrando que, esse dia, era o prazo máximo para entrega. Aparentemente, todos entregaram, e não houve pedidos para que o prazo fosse estendido.

Em seguida, a professora solicitou que os alunos abrissem seus cadernos e a folha distribuída na aula passada contendo os poemas concretos. Enquanto isso, a docente ligou o computador da sala e abriu os *slides* contendo os poemas.

Professora e alunos chegaram num consenso que o único, dos seis poemas, ainda não trabalhado foi *O Ovo*, de Augusto de Campos. Então, ela os questionou sobre a distribuição das palavras do poema, com a intenção que os alunos reconhecessem o formato de ovo que as palavras, juntas, desenhavam. No entanto, tal formato não foi percebido pelos alunos, sem que a professora o apontasse.

Após isso, a docente e a turma refletiram sobre o renascimento que o ovo representa e analisaram juntos cada frase do poema. A professora sempre abriu espaço para ouvir as interpretações dos seus alunos, considerando-as como plausíveis, e enfatizou que os poemas não têm uma interpretação única e fechada.

Depois de terminarem a interpretação, a professora distribuiu cópias sobre a poesia concreta e selecionou sete alunos voluntários para lerem cada parágrafo. Ao longo da leitura, a docente tecia alguns comentários, explicando com suas palavras o que foi dito e acrescentando mais exemplos sobre as poesias concretas. Importante destacar o quanto é fluida e clara a leitura dos alunos que leram.

Depois que concluíram a leitura, o sinal para o recreio bateu. Vinte minutos depois, todos já estavam na sala de aula.

A professora continuou falando sobre a estrutura dos poemas concretos. Em seguida, ela mostrou os seguintes poemas de Augusto de Campos em forma de vídeo: *SOS*, *Pós - tudo* e *Pós do Cosmo*. Durante os vídeos, os alunos demonstraram interesse e ficaram atentos.

Após isso, a professora mostrou a música "Batmacumba" de Gilberto Gil e Mutantes, retirada do *Youtube*. Explicou o contexto histórico em que a música foi produzida e a relação dela com o concretismo.

Em seguida, ela entregou fotocópias contendo a letra de música *Poder*, de Arnaldo Antunes. Fez um breve resumo da biografia do autor e mostrou a música para os alunos, no *Youtube*. Novamente, os alunos ficam atentos.

Por fim, a docente pediu que os alunos assinalassem na letra da música *ABC* as rimas encontradas por oposição, sinônimos, complementação e palavras da mesma família. Os alunos iniciaram a atividade, mas, logo o sinal bateu.

7ª e 8ª aulas

Data: 10/04/2013

Horário: 7h30 às 9h00

Esse foi o dia da avaliação com os seguintes conteúdos: fonologia, poesia concreta e análise do texto. Antes de entregar as provas, a professora comunicou que os alunos poderiam consultar o livro didático e que deveriam responder às questões à caneta.

Como um dos alunos havia quebrado o braço, a docente solicitou que eu escrevesse as resposta para ele.

Assim que distribuiu as provas, a professora conectou a *internet* para ouvir a música *Meu Amanhã*, de Lenine, que fazia parte da prova, mas antes de reproduzi-la, ela esperou que todos da turma chegassem nessa questão. Então, ao perceber que todos já estavam na questão da música, ela passou o clipe.

Quando a música estava quase no final, a *internet* travou, mas o que foi ouvido foi o suficiente para seguirem com a avaliação. Professora perguntou se precisava passar novamente, mas os alunos disseram que não havia necessidade.

Os alunos chamaram a professora ao longo da prova para esclarecer dúvidas, e ela atendeu todos.

Percebendo a dificuldade da maioria em determinada questão da prova, a docente comunicou, em voz alta, que em tal questão, os alunos deveriam lembrar-se da relação entre letra, som e sentido.

Poucos minutos após a primeira aula, alguns alunos já haviam terminado a prova e, enquanto esperavam os demais colegas concluírem, ficaram escrevendo e lendo outras coisas.

A cada avaliação entregue, a professora conferiu se havia alguma questão em branco, e quando havia, pedia para que o aluno completasse a prova e ajudava-o na interpretação da questão.

Poucos minutos antes da aula acabar, todos os alunos já haviam concluído a avaliação.

9ª e 10ª aulas

Data: 12/04/2013

Horário: 9h00 às 10h50

Como já havíamos combinado com a professora regente, logo nos primeiros minutos de aula, eu e Valéria entregamos aos alunos os questionários, a fim de conhecermos mais nossos futuros alunos e detectarmos seus interesses com a disciplina.

Em aproximadamente 20 minutos, todos já tinham terminado de respondê-lo.

Após isso, a professora fez a chamada, lembrou com os alunos os conteúdos que caíram na prova e os avisou que, na próxima aula, não viria e que, em seu lugar, outra professora lhes daria aula. Ela já adiantou que a professora substituta passaria o documentário "O Mundo em Duas Voltas", fez um breve resumo sobre e passou o seu *trailer*.

Em seguida, a docente explicou aos alunos que a atividade da aula seria sobre livros de relatos de viagens. Pediu para que a turma se dividisse em grupos de três a quatro alunos para realizarem uma "pré-leitura" dos livros. A turma se dividiu em sete grupos, cada grupo ficou com um livro diferente. Os livros eram: "Aventuras no fim do mundo", "Canudos", "Paratii", "Em Busca do Sonho", "Città di Roma" e "O Homem que Chorava".

A professora explicou que a pré-leitura consistia em fazer uma análise geral do livro, observando os elementos formais da obra, como capa, título, subtítulo, sumário, orelha e ilustrações.

A atividade foi bem explicada pela professora. Ela avisou que um aluno do grupo deveria anotar as informações solicitadas numa folha para entregar e que, no final da aula, todos deveriam apresentar seu livro para a turma.

Faltando aproximadamente 15 minutos para o término da aula, a professora pediu para que um dos grupos que terminou a atividade a apresente para a turma. O grupo era composto por três meninas que apresentaram o livro "Em Busca do Sonho". Em seguida, foi a exposição do livro "O Homem que Chorava", pelo segundo grupo composto por quatro meninas, e, por último, foi a apresentação do livro "Canudos", realizada por três alunas e um aluno.

Todos os grupos responderam positivamente à proposta. Nas vezes em que a professora observava a falta de alguma informação, ela mesma acrescentava.

Percebendo que o sinal estava prestes a bater, a professora informou que os demais grupos apresentariam na próxima aula.

Análise Fundamentada das Aulas e das Atividades Acompanhadas

Apesar de a observação ter acontecido em um curto espaço de tempo, foi possível fazer algumas considerações acerca do diálogo da professora, o qual é fortemente marcado por um comportamento amigável e dialógico.

Vários pontos positivos merecem destaque quanto à metodologia utilizada pela professora regente da turma 1ºA. Primeiramente, deve ser ressaltado o cuidado da docente em, antes de iniciar um novo conteúdo, atentar ao que seus alunos já sabem para ajustar as propostas de ensino às condições iniciais deles. A professora, ao questioná-los sobre o que já sabiam sobre fonética e fonologia, por exemplo, colheu os conhecimentos prévios desses alunos e trabalhou a partir deles. Ao invés de impor concepções já prontas aos discentes, ela constrói com eles um conceito.

De acordo com o psicólogo Vygotsky (2001), a relação educador-educando deve ser uma relação de colaboração e de crescimento e não uma relação de imposição, em que apenas o professor é o detentor do conhecimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito pensante e ativo no seu processo de construção de conhecimento.

Por essa razão, cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. Percebe-se, então, que a professora não assume um papel autoritário de detentora da palavra e dos saberes.

Corroborando com esse propósito, Antunes (2003) afirma que o professor de língua portuguesa precisa, juntamente com os alunos, pesquisar, observar, levantar hipóteses, analisar, refletir, descobrir, aprender e reaprender, ao invés de trazer produtos finais e acabados para a sala de aula

O segundo ponto a ser salientado é o não apego da professora à memorização de nomenclaturas. Infelizmente, sabe-se que quase sempre o ensino da língua portuguesa está voltado para a nomenclatura gramatical e não capacita o discente para o uso adequado da língua, nas diversas situações de interação comunicativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A gramática de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalinguagem para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. (BRASIL, 2000. p. 39)

Muitas vezes, além da gramática ensinada de forma descontextualizada, temos um outro problema: a tentativa de “vencer” os conteúdos de língua portuguesa. O aluno é saturado de regras, com a falsa ilusão de que, quanto mais exposto a elas, menos dificuldade terá ao escrever. O resultado é, quase sempre, frustrante, pois só a memorização de terminologias não traz como consequência o desenvolvimento da habilidade da escrita.

No entanto, percebe-se que a professora do 1ºA tem plena consciência que atividades de reflexão são mais fundamentais do que a apreensão de uma metalinguagem construída pelo livro didático, por exemplo.

Vale destacar também, como ponto positivo, o cuidado da professora de sempre, ao iniciar aula, relembrar o assunto da aula passada para que haja uma ligação entre os conteúdos. É importante que haja esse momento de recordação, pois sabemos que os alunos têm várias disciplinas de outras matérias entre as aulas de português, o que facilita o esquecimento do que vem sendo trabalhado.

Ao observarmos as aulas, percebemos que a professora manteve a relação de cooperação para com os alunos, seja no momento da correção dos exercícios, em que não hesitava em passar nas carteiras dos alunos com mais dificuldades em concluir a atividade proposta, seja no momento da explicação de novo conteúdo, em que, a cada dúvida surgida, a professora insistia em se fazer compreendida. Ao passar nas carteiras dos alunos, individualmente, nota-se a preocupação da professora com a Zona de Desenvolvimento Proximal, proposta por Vygotsky, de cada aluno, ou seja a distância entre aquilo que cada aluno já sabe e aquilo que ele é apto para futuramente aprender. A professora tem a sensibilidade de perceber que cada aluno tem seu próprio ritmo de aprendizagem.

A distância entre o nível de desenvolvimento que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou de companheiros mais capazes. (VYGOTSKY apud GOMES, 1989. p. 97)

Percebeu-se que professora valoriza bastante a leitura em voz alta dos alunos, estimulando a interpretação durante a leitura. Sabemos que o ensino do português deve ser usado como instrumento para se aprender também as outras disciplinas. Isso significa que os alunos precisam saber, durante a leitura, produzir sentido “levando em conta os recursos lingüísticos presentes [no texto] e percebendo sua inter-relação” e, na escrita, “saber escolher e usar os recursos linguísticos adequados aos propósitos da interlocução” (COSTA, VAL, 1998, p.2).

Em relação ao método de avaliação da professora, ela utiliza a avaliação processual, feita tanto de maneira contínua e informal, no dia-a-dia da sala de aula, quando incluindo instrumentos mais formais, como provas e apresentações de trabalhos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio:

Diferentemente do que ocorre no ensino tradicional, privilegia-se hoje a avaliação do processo de aprendizagem como um todo, durante seu desenvolvimento. Em função disso, ao propor determinada atividade o professor precisa ter muita clareza sobre suas intencionalidades bem como sobre os critérios que utilizará para avaliar seus resultados. (BRASIL, 2000. p.81):

No entanto, não deve ser desconsiderada a prova como forma de avaliar. Segundo Aretio (2002), as provas de avaliação bem estruturadas constituem um elemento a mais de aprendizagem e não só de controle, pois exigem que o aluno recorde, compreenda e reconstrua seus conhecimentos. Além disso, sabemos que as provas como instrumento avaliativo precisam existir para atender às exigências dos concursos vestibulares e ENEM.

Percebeu o esforço da professora em deixar claro que a intenção não é tornar o aluno uma máquina de decorar conteúdos, mas um aluno reflexivo, que se volta para as suas avaliações de maneira reflexiva e repensando os conteúdos dados a partir de seu posicionamento.

No período de observação, três aulas foram dedicadas ao ensino de gramática, focado na fonética e fonologia. A professora demonstrou excelente desenvoltura para trabalhar com esse conteúdo, trouxe bons exemplos para a explicação dos fonemas e conseguiu “prender” os alunos na sua explicação.

Não basta, no entanto, que o aluno aprenda tópicos gramaticais, ele também necessita saber usá-los de forma significativa, ou seja, ele precisa conhecer estes tópicos dentro de contextos de uso da língua, pois, segundo Morita (1998), os alunos aprendem melhor quando se conscientizam da necessidade de determinadas estruturas gramaticais. Desta maneira, observa-se que também neste contexto de ensino-aprendizagem o ensino da gramática pode ser necessário.

De acordo com Possenti (1996, p.30), “Saber uma língua significa saber sua gramática. Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras, (...) é o conhecimento necessário para falar efetivamente a língua”. Assim, para que o aluno seja capaz de se expressar efetivamente na língua, dentro de contextos de uso, é indispensável que ele conheça a gramática dessa língua.

Merece ressaltar também a forma atenciosa e prestativa da professora para com nós estagiárias. Ela sempre se mostrou disponível para esclarecer nossas dúvidas e ceder informações. Essa atitude mostra que a professora considera a presença dos estagiários na escola construtiva tanto para os futuros docentes, quanto para a instituição de ensino.

2.2.2 Relato individual: Valéria Cunha dos Santos

1º dia de observação – 2 aulas – 27/03/2013 (quarta-feira)

22 alunos presentes.

Os registros dos primeiros 15 minutos de aula foram feitos pela minha colega Tayse, pois houve um “acidente”. Para evitar que chegasse atrasada, perto da entrada do colégio, resolvi correr. “Apressando o passo”, tropecei e acabei caindo numa poça de lama. Fiquei com a roupa muito suja e tentei limpar o máximo que pude antes de entrar em sala. Contei à Tayse sobre o ocorrido via SMS e ela conseguiu avisar à professora Nara que me atrasaria. No final das contas, ocorreu tudo bem.

07:30 – A professora entrou em sala e fez a chamada. Em seguida, apresentou a Tayse como estagiária.

Após isso, a professora perguntou quais alunos haviam escolhido livros de relato de viagem verídico. Somente três alunos fizeram a tarefa: um deles trouxe um livro de ficção, que deveria trocar.

Surgiu o título do romance “Comer, rezar, amar”. A professora disse que pesquisou e viu que se trata de uma história verídica, mas ressaltou que o livro é bem romanceado.

Em seguida, disse para os alunos pesquisarem nas livrarias, na *internet*. Dali a duas semanas os alunos deveriam iniciar a leitura do livro escolhido.

Depois, a professora lembrou que dia 10 de abril seria a avaliação de língua portuguesa. Enquanto esse assunto era tratado, os alunos faziam silêncio. A professora escreveu no quadro o conteúdo da prova (fonologia, poesia concreta e análise de texto) para que os alunos anotassem no caderno.

Então, deu início ao conteúdo do dia, perguntando o que foi visto na aula passada e pedindo que os alunos abrissem os cadernos e o livro didático na página 196 (Capítulo 3, Sons e letras). Retomaram as questões que estavam respondendo.

Às 07h45, cheguei. A professora me apresentou e contei aos alunos o motivo do atraso. Me sentei ao lado da Tayse, no fundo da sala.

Dando continuidade à aula, a professora falou sobre palavras com mesma pronúncia, mas grafia e sentido diferentes. Escreveu no quadro alguns exemplos:

sessão – reunião

seção- departamento

cessão – do verbo ceder

A professora pediu que os alunos fossem à página 222 do livro didático (quadro de palavras). Falou e escreveu no quadro outras palavras, perguntando aos alunos o significado e as diferenças entre parônimas e homônimas. Uma aluna respondeu a maioria das perguntas. Os alunos conversavam um pouco, mas participaram bastante.

Então, voltaram à página 196 e leram o conceito de fonologia. Uma aluna leu o texto. A professora tentou fazer com que os alunos relembressem o conteúdo e avisou que era uma revisão e reflexão (para estudo posterior de poesia concreta) do que foi aprendido no Ensino Fundamental.

Os alunos responderam a questões como: o que é fone? O que é fonema?

Foi iniciada uma explicação sobre algumas diferenças que os sons trazem para as palavras. Para ilustrar a explicação, a professora exemplificou: menino e menina. A troca de uma letra/fonema muda o sentido da palavra.

Os alunos mantinham conversas curtas e, quando essas conversas se alongavam, a professora se dirigia ao grupo e chamava a sua atenção, o que resolvia na maioria das vezes.

A discussão sobre fonologia seguiu e começaram a falar sobre fonemas nasalizados. A professora buscou exemplos, pediu para os alunos pronunciarem diversas palavras, notarem a saída de ar pelo nariz e boca. Pediu que todos participassem porque deveriam *entender* o assunto tratado, não *decorar* o que está no livro.

Nem todos os alunos estavam com os livros abertos.

Seguindo a aula, foram revisadas noções de sílaba, vogal, semi-vogal e consoante.

No quadro, foram escritos exemplos dos conceitos abordados:

pa-ís – hiato/ pais – encontro vocálico/ ditongo

A professora orientou que lessem, na página 198, as definições de vogal e semi-vogal apresentadas no livro didático. Após isso, foi feita uma discussão sobre número de letras e de sons e conceito de sílaba em língua portuguesa. Então, foi feita uma revisão de alguns conceitos: monossílaba, oxítone, proparoxítone. Alunos lembraram esse conteúdo, que foi visto em séries anteriores e leem, na página 242, as regras de acentuação gráfica.

Dois alunos se debruçaram na carteira “dormindo”. Um grupo que conversou durante a aula, copiava os deveres de matemática. A maioria dos alunos não copiou os exemplos escritos no quadro.

Como atividade, foi solicitado que fizessem os exercícios da página 201, de 1 a 8, no caderno. A professora passava de carteira em carteira para cobrar a execução da atividade e dar orientação aos que pediam.

09:00 - Bateu o sinal. A atividade ficou para ser concluída na próxima aula. A professora se despediu e saímos da sala.

2º dia de observação – 2 aulas – 03/04/2013 (quarta-feira)

21 alunos presentes.

07:30 – Professora chegou em sala e, em seguida, fez a chamada. Alunos estavam em silêncio e conversaram um pouco.

Os alunos foram lembrados de que era o dia de entrega das memórias de leitura. Para os alunos que não cumpriram a tarefa, a professora estendeu o prazo de entrega até o dia 05/04, com nota até 9,0. Os que haviam entregado as memórias tiveram avaliação integral (valendo 10,0).

A professora explicou que essa era a 1ª avaliação e lembrou as outras, escrevendo no quadro, explicando cada uma delas:

Avaliação fonologia/poesia concreta/análise de texto – 10/04

Saída de estudos – 24/04

Trabalho sobre o livro (relato de viagem) – 26/04

Entrega de relato de viagem – 03/05

A professora também relembrou que era dia de recuperação de estudos no contraturno e disse que quem entregasse as memórias até 15:00 teria avaliação integral.

Duas meninas chegaram atrasadas, aproximadamente 07:40.

07:47 - Professora conferiu quem chegou atrasado e relembrou dos exercícios da página 201 para corrigir.

Alguns alunos pegaram o livro didático no armário da sala. Antes de iniciar, a professora perguntou o que eles viram na semana passada. Alunos responderam: sílaba, vogal, semi-vogal, hiato e ditongo.

Professora retomou que esses conteúdos iriam servir para o estudo de poesia concreta.

A correção dos exercícios foi iniciada com comentários como “a questão 1 é óbvia, porque o número de letras entrega a resposta”. Alguns alunos corrigiam no caderno. A professora corrigiu algumas questões no quadro, outras oralmente.

Poucos alunos mexiam no celular, mas volta e meia paravam para prestar mais atenção na aula.

Alguns pontos levantados com mais ênfase na correção foram colocados no quadro e amplamente discutidos. Por exemplo, em “questionam” - /ãw/ representa ditongo em “am”. Um aluno respondeu que o “m” não é apenas nasalização do “a”, porque é “como se tivesse um ‘ão’ no final de ‘questionam’”. Professora complementou explicação, exemplificando no quadro:

Amaram > passado

Amarão > futuro

Em alguns momentos, em que não eram tão claras as respostas dos exercícios, a professora parava para pensar com os alunos. Como na onomatopéia “triiimm”, tínhamos (todos) dúvidas sobre como transcrever foneticamente. Chegamos numa conclusão dedutiva e a professora disse que iria pesquisar se estava correta.

A transcrição dos fonemas era feita na correção, mas a professora ressaltou que os alunos não precisavam decorar os símbolos fonéticos, só precisavam entender o que acontecia.

08:15 - Professora pediu para um aluno pegar a chave do armário e o controle do projetor na inspetoria. Três alunos chegam para a segunda aula.

A segunda aula foi iniciada com uma fala introduzindo o Concretismo. Nessa fala, a professora situou historicamente o movimento artístico, falando sobre presidente da república na época, ídolos da música e arquitetura dos anos 1950. Depois falou que o objetivo dos artistas desse movimento era fazer algo novo. Citou alguns autores, como Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Paulo Leminski.

Não havia ninguém na inspetoria, por isso a professora inverteu a ordem das atividades. Ela entregou uma folha para cada aluno contendo cópias de poemas concretos. Antes de iniciar a atividade com os poemas, fez novamente a chamada.

Os alunos tiveram um tempo para ler os poemas. Então foram questionados sobre o que tinham achado. As respostas variaram do “legal” ao “nada com nada”.

Depois, a professora perguntou qual poema eles haviam gostado mais. Quase toda turma respondeu dando suas justificativas: por causa da sonoridade das palavras, por causa da forma que o texto está colocado na página ou por causa da ironia.

A professora disse que poema concreto pode ter coisas óbvias, mas que existem outras formas de sentido que precisam de nossa atenção. Assim, leu alguns sentidos e pediu para os alunos buscarem interpretações. Os alunos participaram bastante dessa atividade.

A professora voltou a falar sobre contexto sócio-histórico, só que agora da década de 1970 para interpretar o poema “Beba Coca-Cola”.

Uma atividade que os alunos deveriam fazer em seus cadernos foi escrita no quadro:

“Poesia concreta

Escolha dois poemas e explique o trabalho com linguagem feito pelo poeta (forma, conteúdo, sonoridade)”.

A professora cobrou a atividade, mas avisou que não precisariam entregar.

Alguns alunos fizeram, outros conversaram e outros não fizeram nada. A aula já estava terminando.

08:55 – A professora entrou na internet para mostrar o vídeo “Cinco poemas concretos”¹ no *Youtube*.

09:00 - Bateu o sinal e o vídeo ficou como atividade para a próxima aula.

3º dia de observação – 2 aulas – 05/04/2013 (sexta-feira)

(Não contamos quantos alunos estavam presentes nesse dia).

09:00 - Bateu o sinal. Logo em seguida entramos em sala com a professora.

Os alunos conversavam um pouco nesse intervalo entre as aulas.

Professora cobrou a entrega das memórias, fez a chamada e perguntou em que ponto haviam parado na aula anterior.

Utilizando o computador, apresentou em *PowerPoint* os mesmos poemas da fotocópia dos alunos para que continuassem a análise.

Alguns alunos participavam, outros mexiam no celular, escreviam no caderno ou se distraíam com outra coisa.

Depois de analisado o último poema, foi distribuída uma cópia para cada aluno de um texto sobre Poesia Concreta escrito pelas professoras Nara e Rachel. Alguns alunos leram em voz alta. A turma em geral lê bem em voz alta, com entonação e pausa.

A cada parágrafo lido, a professora fazia um comentário complementar, falando sobre obras que interagem com o público. Citou exposições, como a bienal de São Paulo, onde algumas obras são modificadas pelos expectadores.

09:45 - Bateu o sinal para o recreio. Todos se levantaram rapidamente foram para o refeitório lanche.

O lanche do dia era pão com geléia e frutas. Alguns alunos levam lanche de casa, mas a maioria come o oferecido no colégio.

No recreio os alunos interagem com colegas de outras turmas.

10:00 - Primeiro sinal para os alunos voltarem às salas.

¹ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yC3e7rmSYM4>

10:05 - Outro sinal. A professora já estava em sala. Os alunos entraram, mas continuaram levantados e demoraram poucos minutos para se sentarem e aquietarem. Como imaginávamos, após o recreio a turma fica mais agitada.

A professora usou o aparelho de *datashow* para mostrar o vídeo-poema “SOS” de Augusto de Campos². Depois buscou no *Youtube* o clipe da música “Batmacumba” de Gilberto Gil e Mutantes³. Os alunos riram. Alguns acharam interessante, mas a maioria estranhou e achou sem sentido.

Novamente a professora situou época da composição, auge do movimento concretista em que a influência chegou até a música.

Outros poemas foram procurados na *internet*, mas a conexão “caiu”. Com isso, a ordem das atividades foi invertida.

Foi entregue aos alunos uma fotocópia com a letra da música “Poder” de Arnaldo Antunes. Os alunos leram silenciosamente.

Quando voltou a conexão à *internet*, a professora mostrou também a música “ABC”, do mesmo cantor e compositor. Os alunos riram pelo estranhamento, mas gostaram da atividade.

Encaminhando o final da aula, a professora escreveu no quadro uma atividade para ser feita no caderno:

“Assinale na letra da música “Poder” onde ocorre rima por:

- a) oposição
- b) sinônimos
- c) palavras da mesma família.”

10:50 – Bateu o sinal e a professora saiu de sala.

4º dia de observação – 2 aulas – 10/04/2013 (quarta-feira)

24 alunos presentes.

07:30 - Bateu o sinal.

A aula foi reservada para a avaliação de língua portuguesa.

² Vídeo disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/sos.htm>

³ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pObbaUIqIQU>

A professora avisou aos alunos que poderiam consultar o livro didático e que deveriam responder às questões à caneta.

Distribuídas as provas, a professora entrou na *internet* para ouvir a música que estava na avaliação (“Meu Amanhã”, de Lenine) para que fosse mais fácil perceber os aspectos fonológicos.

Alunos conversaram um pouco e depois se aquietaram. Tayse, à pedido da professora, foi redigir a prova de um aluno, que estava com braço quebrado.

Duas alunas chegaram alguns minutos atrasadas.

Alguns alunos consultaram o livro didático, outros “consultaram” os colegas rapidamente para perguntar em qual página do livro estaria tal conteúdo.

Então, professora perguntou se todos já haviam lido a primeira parte da prova para ouvirem a música, às 07:40.

O sinal da *internet* na sala de aula era muito fraco. Para carregar um vídeo é necessário aguardar alguns minutos.

A música, quase no final, travou, mas o que foi ouvido foi o suficiente para seguirem com a avaliação.

Os alunos chamaram a professora ao longo da prova e ela atendeu todos, esclarecendo dúvidas.

Alguns alunos ficaram dispersos.

A professora me entregou uma cópia da prova e pediu que eu lesse e comentasse com ela se havia alguma questão que eu julgasse muito difícil, já que acompanhamos as aulas sobre o conteúdo. Falei que um fato “facilitador” foi a utilização de poemas lidos em sala.

Conforme passava o tempo, a professora dava dicas sobre a prova. Explicou que “trabalho fonológico” envolve som/letra/sentido.

Quase o tempo todo alguém chamava a professora, fosse para uma dúvida, fosse para perguntar o que significava alguma palavra.

08:15 - Bateu o sinal para segunda aula e os alunos continuaram fazendo prova.

Quando queriam ir à mesa da professora, os alunos aguardavam quem estava sendo atendido se sentar para que se levantassem, sem que ninguém estabelecesse isso naquele momento.

A professora pediu que eu ficasse à frente da sala enquanto ela fosse tomar água. Um aluno me chamou para responder uma dúvida em uma questão.

Sobre a questão de elaboração do poema, professora esclareceu que a proposta era jogar com as palavras e sons e que não havia porquê ficarem nervosos, pois ela considerava que o tempo e as condições de criação não eram favoráveis.

Comentando comigo, disse que essa questão talvez não devesse estar na avaliação, mas ter sido feita em sala.

Os alunos que terminaram escreviam e liam outras coisas. Quando alguém ia entregar a avaliação, a professora conferia se havia alguma questão em branco e pedia que o aluno completasse a prova.

08:45 - Muitos alunos já haviam entregado a prova e conversavam. A Professora pediu silêncio porque ainda havia outros colegas fazendo prova. Às 08:55 a conversa ficou mais alta e alguns se levantaram. A professora pediu silêncio novamente.

09:00 - Bateu o sinal. Todas as provas foram entregues.

5º dia de observação – 2 aulas – 12/04/2013 (sexta-feira)

22 alunos presentes.

09:00 - Bateu o sinal. A professora entrou na sala.

Hávamos pedido, em aulas anteriores, autorização da professora para aplicarmos um questionário a fim de conhecermos melhor a turma. Esse horário foi cedido para a realização dessa atividade.

A professora e nós explicamos o porquê do questionário e, em seguida, distribuímos as folhas. A Tayse foi escrever as respostas para o aluno que estava com o braço engessado.

Enquanto os alunos respondiam, a professora foi arrumando o projetor e conectando a *internet*.

Alguns alunos tiveram dúvidas nas questões e pediram esclarecimentos.

Às 09:20 todos já haviam respondido. Agradecemos as respostas e a professora deu início à aula retomando o conteúdo da prova. Como sempre, fez uma pequena revisão oralmente lembrando os conteúdos recém trabalhados.

Explicou que iriam retomar o gênero relato de viagem. Disse que, na próxima quarta-feira, a professora Rachel a substituiria e que eles assistiriam ao documentário “O mundo em duas voltas” no auditório. O documentário conta a mesma história do livro “Em busca do sonho” de Heloísa Schurmann. Os alunos assistiram ao *trailer* do filme⁴.

⁴ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NXAAjNlv264>

Então, a professora propôs duas atividades. Os alunos escolheram a atividade em grupo, com os relatos de viagem.

Os alunos deveriam sentar em grupos de três ou quatro integrantes e um membro de cada grupo deveria escolher um livro levado pela professora entre: “Aventura no fim do mundo”- Werner Zotz, “Aventura no Rio-Amazonas”- Werner Zotz, “Canudos: diário de uma expedição”- Euclides da Cunha, “Paratii: entre dois pólos”- Amir Klink, “Em busca do sonho”- Heloisa Schurmann, “Città di Roma”- Zélia Gattai e “O homem que chorava”- Mhário Vicenti.

Um roteiro das atividades foi projetado no quadro. A atividade envolvia leitura e pesquisa de itens pré-textuais: capa, contracapa, orelha, sumário, imagens.

A professora explicou o que os alunos deveriam fazer com uma apresentação de *slides* sobre técnicas de pré-leitura.

Os alunos conversavam, mas quando a professora pedia silêncio, eles obedeciam.

Cada grupo tinha um relator, responsável por redigir as respostas.

A professora foi andando pela sala e auxiliava os grupos.

09:45 - Bateu o sinal para o recreio.

A maioria dos alunos foi lanchar e os professores vão para a sala de convivência.

10:05 - Bateu o sinal para o início da aula.

Professora entrou em sala e colocou no quadro aviso para a aula de sábado, 13/04, no EFI/ UFSC. Os alunos deveriam levar o relato de viagem que estavam lendo para a aula.

O projetor continuou ligado com as coordenadas da atividade.

Os alunos conversavam mais. Uma dupla de meninas se mostrou desinteressada na atividade.

10:34 - Alguns grupos iniciaram a apresentação.

O grupo de três meninas foi à frente da sala e apresentou o livro “Em busca do sonho”.

Quando os alunos que assistiam à apresentação, conversavam muito, a professora solicitava silêncio ou então ia para perto do “foco” da conversa.

O segundo grupo, de quatro meninas, apresentou “O homem que chorava”. O terceiro, de duas meninas e dois meninos, apresentou “Canudos”. Todos foram à frente da sala.

Se algum elemento passava despercebido pelos alunos, a professora ressaltava e complementava a apresentação com comentários.

Os outros grupos deveriam apresentar seus livros na próxima aula.

10:50 - Professora recolheu os livros. Bateu o sinal.

Análise fundamentada das aulas e das atividades acompanhadas

O Colégio de Aplicação é uma instituição referência na cidade de Florianópolis e no estado de Santa Catarina. É referência por muitos motivos, mas o principal deles é a qualidade do ensino.

Os professores do colégio têm formação na área em que atuam e grande parte deles possui pós-graduação, da especialização ao doutorado.

O fato de estar na Universidade Federal de Santa Catarina e de receber constantemente estagiários de docência faz com que a produção científica gerada na universidade chegue rapidamente ao colégio. Esse fato, somado à formação continuada dos professores, mantém a instituição atualizada e aberta a novos conhecimentos. Teorias conhecidas no Ensino Superior são colocadas em prática, conforme o viés teórico que cada disciplina segue.

Nas 10 horas/aulas de língua portuguesa observadas, não vimos nenhum tipo de trabalho com gramática normativa nos moldes tradicionais. No lugar disso, vimos o trabalho efetivo com gêneros textuais e análise linguística, num plano fechado, que contextualiza cada conteúdo.

O objetivo da disciplina de língua portuguesa é possibilitar ao aluno a ampliação e o domínio da língua portuguesa e da linguagem – construídas historicamente nas relações sociais - para que atue como cidadão consciente do seu papel na sociedade. Para atingir esse objetivo, sabe-se que é desnecessário o estudo exaustivo da gramática normativa:

o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, fica claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais. (POSSENTI, 1999. p. 54)

O que interessa aos alunos é “saber dizer” para além da disciplina escolar, afinal, a linguagem é construída na interação e não como conteúdo a ser aprendido na escola. Na escola se aprende a analisar e a aprimorar o uso da linguagem para que dentro e fora dela façamos usos *reais* mais efetivos.

Isso é o que sugere a concepção sociointeracionista de linguagem, que postula que a linguagem, mais do que um código que permite a veiculação de uma mensagem entre um emissor e um receptor, é um *instrumento psicológico de mediação simbólica* por meio do qual se instituem as interações humanas, facultando aos homens representar o mundo e agir

sobre/no mundo, praticando ações que não realizariam sem a linguagem e agindo sobre os tantos *outros*, sujeitos sociais situados historicamente (BAKHTIN, 2002). Essa concepção de linguagem norteia os documentos oficiais que são seguidos pelo colégio.

A visão sociointeracionista considera o aluno interlocutor e não sujeito passivo a quem cabe aprender os conteúdos. O aluno traz à escola conhecimentos de mundo e valores com os quais a escola interage.

No Colégio de Aplicação os alunos têm voz, tanto nas aulas quanto em algumas reuniões. Não presenciamos durante o tempo observado nenhum caso de aluno enviado à coordenação pedagógica ou direção por indisciplina, o que mostrou que conflitos surgidos em sala eram resolvidos dentro dela.

Os alunos são respeitados em sua individualidade. Não há como ignorar que os sujeitos em sala são todos diferentes e é impossível tratá-los do mesmo modo. A igualdade deve se dar com a consciência da subjetividade individual, em que a individualidade do aluno não sobrepõe a turma, unidade heterogênea, mas a compõe.

No caso específico da turma do 1º ano A, os objetivos das aulas eram alcançados e o ritmo dos alunos era similar, o que fazia com que as atividades propostas fossem concluídas, mesmo quando não eram do gosto dos alunos.

Ainda sobre a turma, pudemos perceber a facilidade que os alunos tinham em acompanhar leituras e exemplos, o que revela uma bagagem cultural anterior.

Os fatores citados acima fazem com que a aula realmente *aconteça*, com interação entre os sujeitos envolvidos.

Para que os focos discursivos convirjam ou divirjam, é necessário, no entanto, que haja interação entre professor e alunos e dos alunos entre si. Quando essas interações não se consolidam, por conta de não haver o engajamento dos envolvidos, não se institui a *aula* como gênero do discurso, porque não há interações efetivas em torno de um mesmo eixo (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011. p. 43).

No caso observado, o gênero *aula* se instituiu e foi significativo para professores e alunos.

Nas aulas ministradas pela professora Nara, percebemos segurança no que estava dizendo. Não uma segurança de quem apenas estudou muito bem o que diz, mas de quem *acredita* naquilo que faz.

2.3 Projeto de docência

2.3.1 Problematização

Partindo de diretrizes como os Parâmetros Curriculares Nacionais, do Projeto Político-Pedagógico e das conversas com a professora da turma, buscamos tratar, em nosso estágio de docência, temas relevantes para formação dos estudantes, com uma metodologia que fosse sensível aos alunos e aos objetivos que deveríamos alcançar.

O ensino de língua portuguesa, para que seja pertinente, deve partir de práticas do uso da língua. Uma proposta de abordagem em unidades pode ser dividida em: prática da leitura, prática e produção textual e prática de análise linguística. Procuramos, ao elaborar o projeto de docência, trabalhar com essa abordagem.

Um modelo de escola que centre seu ensino nas práticas, aberto a aprendizagens, sem definição prévia de pontos de chegada, valorizando muito mais o processo do que o produto, trata de forma diferente a presença do texto na sala de aula. Enquanto aquele que centra fogo no ensino se pergunta, diante de um texto, “o que farei com este texto?” para explicá-lo e dele extrair seu sentido que aí já está, aquele que toma a aprendizagem como o ponto de partida vai se perguntar “para que este texto?”, o que resulta num outro movimento: o leitor não vai ao texto para dele extrair um sentido, mas o texto, produzido num passado, vem ao presente do leitor que está carregado de contrapalavras possíveis, e, no encontro das palavras de um com as palavras do outro, constrói-se uma compreensão. Do ponto de vista da produção textual, não se trata simplesmente de redigir um texto sobre determinado tema, mas de dizer algo a alguém a propósito de um tema (GERALDI, 2010. p.7).

Fora a produção textual, planejamos atividades de leitura, visualização e fala/escuta. Todas seguindo o propósito de analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações de acordo com as condições de produção e recepção. Pensar o ensino de língua portuguesa no Ensino Médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de textos e para a oralidade.

O objetivo previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de “compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade” (BRASIL, 2000. p. 22) deve ser sempre levado em consideração e é o que, ao nosso ver, é mais complexo de se alcançar, pois exige que o aluno tenha consciência dos saberes ideológicos que envolvem a linguagem.

As competências e habilidades que o aluno deve desenvolver na escola passam também pela análise e interpretação no contexto de interlocução, bem como o reconhecimento dos recursos expressivos das linguagens e das manifestações culturais no eixo temporal.

Tais considerações sobre o ensino de língua portuguesa são feitas também no Projeto Político-pedagógico do colégio – tanto na versão antiga a que tivemos acesso quanto nas reuniões que estavam sendo feitas para a reformulação do currículo, pudemos perceber a concepção sociointeracionista de linguagem.

Um “problema” usualmente encontrado nas instituições escolares é a falta de coerência entre o que está previsto nas diretrizes e o que está sendo feito efetivamente. Entretanto, no Colégio de Aplicação isso não foi observado por nós. A professora de língua portuguesa Nara Caetano Rodrigues, no caso da turma do primeiro ano A, cumpre com o previsto no plano de atividades e atua em sala conforme as teorias que segue.

Outro “problema” frequentemente encontrado nas escolas é a falta de “ter o que dizer” ou de “saber como dizer” por parte dos alunos nas produções de texto. No Colégio de Aplicação, pelo trabalho pedagógico feito (devemos considerar também a idade dos alunos, todos com mais de 14 anos), esse problema não nos pareceu evidente. Os alunos, em geral, têm o hábito de debater ideias e problematizar temas, o que faz com que suas opiniões sejam pontuais, sem que sejam taxativas.

Certamente o período de observação em sala corresponde a uma amostragem, mas pudemos ver nesse tempo que não há nenhum problema grave em relação aos conteúdos da disciplina. Desse modo, constatamos que poderíamos aprofundar e aprimorar habilidades dos alunos, com foco, principalmente, no estudo de literatura, área que permite maiores interpretações e correlações com conteúdos de outras disciplinas.

2.3.2 Escolha do tema

Foi no dia 25 de março o nosso contato inicial com o Colégio de Aplicação e com a professora regente da turma do primeiro ano A para tratar de assuntos referentes ao estágio. Nesse encontro, além de a professora ter falado sobre a estrutura do colégio, expôs quais os possíveis conteúdos poderiam ser o tema do nosso projeto de docência com a turma do primeiro ano A.

Dentre as opções disponíveis de conteúdos estavam: texto teatral; sermão; resenha; figuras de linguagem; gêneros literários: épico, lírico e dramático; noções de versificação; Barroco; Arcadismo e história da língua portuguesa. O leque de opções foi restrito, mas entendemos que a limitação foi necessária, visto que há um cronograma com conteúdos programados para a turma, que precisaria ser cumprido ao final do ano letivo.

Cientes dos possíveis conteúdos que poderiam compor nosso projeto de docência, iniciamos nosso estágio de observação. Pensávamos que as horas assistindo a turma seriam fundamentais para a definição dos conteúdos, no entanto, não foi o que ocorreu, pois não conseguimos depreender nenhuma característica dos alunos que fosse relevante para essa escolha.

Nas 10 horas/aula observadas, vimos que a turma é calma e participativa e, por isso, a professora regente consegue fluir com o conteúdo. No entanto, apesar do bom desempenho da turma nas aulas, constatamos, por meio de um questionário aplicado aos alunos, que a maioria deles não considera a disciplina de língua portuguesa como uma das matérias que gosta.

Com base no que diagnosticamos no questionário, e nas horas observadas em sala de aula, inferimos que a turma, pelo seu caráter participativo, iria reagir bem ao proposto nas aulas, independente dos conteúdos abordados. Pareceu-nos mais significativo tornar os conteúdos atrativos aos alunos, para que eles passassem a gostar e a considerar interessante a disciplina de língua portuguesa.

Independente dos conteúdos que fossem ministrados, sabíamos que o mais importante é que o professor, como estudioso da língua, seja capaz de produzir conhecimento linguístico e material didático adequado para as necessidades de seus alunos. Para tanto, nosso projeto visou trabalhar com o movimento literário Barroco, as figuras de linguagem e o gênero textual resenha.

2.3.3 Justificativa

Escolhidos os conteúdos que fazem parte do nosso projeto de docência, o próximo passo foi decidir como colocá-lo em prática. O fator que mais contribuiu para definirmos as estratégias de execução do projeto foram, além das 10 horas/aula observadas, as respostas do questionário aplicado aos alunos, no dia 12 de abril.

Por meio do questionário detectamos que a maioria dos alunos não aprecia a disciplina de língua portuguesa, pois, dos 22 alunos que responderam, 15 assinalaram o português como uma das matérias que menos gosta na escola. Sabendo disso, vimos a necessidade de desenvolver nosso projeto de forma atraente e prazerosa.

Uma das perguntas do questionário que mais nos ajudou a refletir sobre a futura prática docente foi: “Se você fosse professor de português, o que faria para tornar as suas aulas mais interessantes?”. Algumas das respostas foram: “Tornaria o ensino mais lúdico, embora eu goste do ensino da professora”; “Sair de sala, fazer atividades em grupos, jogos,

etc..”; “Passaria filme.”; “Iria passar filmes e músicas que os alunos gostassem.” Tais argumentos mostraram o interesse dos alunos em aulas que não fossem apenas expositivas.

Para contemplar os interesses dos alunos que julgamos pertinentes ao projeto, decidimos explorar recursos audiovisuais. Para isso, ao trabalhar com o movimento literário Barroco, resolvemos passar o filme *Sombras de Goya*, que foi analisado dentro da temática barroca e foi resenhado. Decidimos também mostrar a atualidade do movimento, por meio da moda e da música *Certas Coisas*, de Lulu Santos.

Os sermões do Padre Antônio Vieira e os poemas de Gregório de Matos também foram trabalhados. Na análise das obras dos autores, focamos suas temáticas atuais, para, assim, “quebrar” com o distanciamento entre os alunos e as obras canônicas barrocas.

Também por meio do questionário, observamos que grande parte dos alunos tinha o hábito de ler fora da sala de aula. Esse hábito se refletia na forma fluida e clara das suas leituras em sala, notadas durante o período de observação. Considerando que a leitura deve acontecer continuamente com diferentes formas e objetivos, decidimos também trabalhar no aprimoramento dessa habilidade.

Constatamos que boa parte das leituras realizadas pelos alunos fora do ambiente da escola está relacionada à *internet*. Sabendo dessa familiaridade dos alunos com o meio digital, decidimos criar um *blog* para a turma, que serviu como meio de circulação para as resenhas dos alunos. Dessa forma, o público leitor da produção dos alunos foi ampliado, pois o texto deixou de ser criado apenas para a leitura do professor.

2.3.4 Referencial teórico

Tendo em vista grande parte dos textos lidos durante o curso de graduação, optamos por seguir o trabalho do colégio com gêneros textuais embasando nossas abordagens em textos e teorias sociointeracionistas de ensino de língua materna. Além disso, decidimos trabalhar também com a literatura, sem, no entanto, usá-la apenas como pretexto para o ensino de gramática.

O ensino da literatura, muitas vezes, acaba sendo colocado em segundo plano devido às dificuldades encontradas por professores e alunos. Por exemplo, textos antigos não são tão atrativos quanto textos contemporâneos, pela temática “ultrapassada” e vocabulário desconhecido. Uma abordagem fora de contexto, apenas para cumprir cronograma, faz com que o trabalho de leitura de obras canônicas seja “sem graça”, totalmente desvinculado do mundo e dos interesses dos alunos. Entretanto, a dificuldade de uma abordagem “ideal” não faz com que o ensino de leitura seja dispensado.

Ao tratarmos de textos literários em sala de aula, devemos atentar às questões fundamentais na prática de leitura, que são a leitura como busca de informação, como estudo do texto, como pretexto e como fruição. Mesmo seguindo um planejamento, que contemplasse, por exemplo, o estudo do Barroco, a leitura das obras desse estilo literário não deveria ser feita apenas para vencer o conteúdo.

O Barroco foi o primeiro estilo literário desenvolvido no Brasil, ainda no século XVII, e, devido à distância da linguagem e do contexto histórico, traz uma série de dificuldades no seu ensino. Apesar disso, o professor não pode simplesmente ignorar conteúdos que fazem parte da formação do estudante. Cabe a ele buscar possibilidades para tornar esse ensino mais atraente e motivador.

De acordo com os PCNs e os PCNs +, a literatura como conteúdo específico encontra-se na área de Linguagem, Códigos e suas tecnologias, junto com as disciplinas de língua portuguesa, línguas estrangeiras, educação física, arte e informática. De acordo com o PCN + do Ensino Médio:

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural. (...) Esse exercício com a literatura pode ser acompanhado de outros, com as artes plásticas ou a música, investigando as muitas linguagens de cada período (BRASIL, 2003. p. 19).

Com o objetivo de incentivar a intertextualidade com as disciplinas de outras áreas, os mesmos parâmetros sugerem que:

Os sentidos que emanam de obras produzidas no campo da literatura, das artes plásticas, da música, da dança podem ser constituídos e revisitados por meio de projeto que preveja a produção de totalidades significativas, em diferentes linguagens, e a posterior exposição das produções. Um mesmo tema gerador (o Barroco, por exemplo) pode reunir, em uma sala ambiente, tanto reproduções de obras já consagradas e identificadas com esse estilo como as produções dos alunos (textos verbais, esculturas, pinturas, músicas etc.) (BRASIL, 2003. p. 68).

Ao trabalhar com o Barroco, torna-se indispensável a interdisciplinaridade com outras disciplinas, como a história, visto que o contexto histórico do século XVII é de suma importância para a compreensão do movimento literário. Com esse propósito, pretendemos finalizar o conteúdo passando o filme *Sombras de Goya*, que retrata a situação histórica e os conflitos próprios do Barroco. Supusemos que, por se tratar de um movimento com grande contribuição visual, sobretudo na pintura, o filme foi uma boa maneira de finalizar o conteúdo.

Acreditamos que a utilização de filmes é mais significativa para o aluno, além de ser uma maneira prazerosa de aprender.

[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2003. p.11).

Além disso, sabemos que os filmes têm um forte apelo emocional e, por isso, motivam a aprendizagem dos conteúdos apresentados pelo professor e a quebra de ritmo provocada pela apresentação de um audiovisual é saudável, pois altera a rotina da sala de aula.

A intenção de passar o filme consistiu também em solicitar que os alunos produzissem uma resenha crítica sobre ele. O gênero resenha estava previsto no plano de atividades dos primeiros anos, por isso foi o gênero textual escolhido para essa atividade.

Sabemos da importância da produção de textos tanto na vida escolar do aluno quanto fora dela, principalmente porque os alunos têm poucas oportunidades de vivenciar situações reais de escrita de textos para atender a finalidades claras e a destinatários variados.

Tardelli (2002) afirma que:

os trabalhos redacionais ficam vinculados à orientação do manual a que o professor se submete e geralmente finalizam uma unidade pedagógica, a partir da seqüência: leitura do texto, interpretação, gramática, redação. Por outro lado, a produção é escassa, mesmo na disciplina responsável pelo ensino da língua materna. É interessante notar que, conforme o questionário aplicado pelos pesquisadores nas escolas observadas, os alunos produzem muitos textos fora das atividades de obrigação escolar (TARDELLI. 2002.p. 39-40).

É importante que a produção textual seja contextualizada e agregue conhecimentos e valores no meio social em que vive o aluno. Como afirmam os PCNs (BRASIL, 2000. p.22), “a situação formal da fala/escrita na sala de aula deve servir para o exercício da fala/escrita da vida social. Caso contrário, não há razão para as aulas de língua portuguesa”.

Por isso que, além do trabalho com conteúdos previstos no plano de ensino da turma, optamos por veicular as produções textuais em um *blog*, meio de circulação de informações familiar para os alunos. As páginas do *blog* disponibilizam espaços para que os usuários escrevam comentários onde o leitor pode dialogar com o autor e vice-versa, concordando, discordando ou acrescentando alguma outra discussão ou elemento que discuta a temática abordada.

Além de ser um suporte que faz parte do cotidiano dos alunos, o *blog* também é uma ferramenta que pode ser utilizada em sala de aula, contribuindo para exercitar o poder de argumentação dos alunos. O uso dessa ferramenta estimula a prática de produção textual e incentiva a escrita colaborativa, a autoria, o pensamento crítico e a capacidade argumentativa.

Assim, ao utilizar esse conjunto de estratégias, pretendíamos fazer com que os alunos tivessem maior interesse nas aulas de língua portuguesa e, principalmente, aprendessem o conteúdo da maneira mais proveitosa possível.

2.3.5 Objetivos

- Apresentação do movimento artístico Barroco no Brasil e em Portugal;
- Exposição das contribuições de Gregório de Matos para o movimento, bem como suas principais poesias: lírica, satírica, sacra e erótica;
- Exposição das contribuições do Padre Antônio Vieira para o Barroco;
- Apresentação do gênero sermão, por meio de leitura e análise;
- Elaboração de atividades de análise de obras barrocas;
- Identificação das figuras de linguagem: metáfora, paradoxo, antítese, aliteração, assonância, eufemismo e hipérbole;
- Reflexões a respeito da construção do gênero resenha, analisando suas esferas de circulação, especificidades formais e demais aspectos;
- Exibição o filme *Sombras de Goya*, para que os alunos identifiquem características barrocas e façam uma resenha crítica;

- Socialização as resenhas elaboradas por meio do *blog* das turmas dos primeiros anos.

2.3.6 Conhecimentos trabalhados

O movimento Barroco e suas representações na literatura brasileira e portuguesa. Sermões de Padre Antônio Vieira e poemas de Gregório de Matos.

Compreensão e interpretação de textos nos gêneros: sermão, poesia, filme e resenha.

Figuras de linguagem: metáfora, paradoxo, antítese e hipérbole. Cultismo e conceptismo.

Gênero textual resenha e seus diversos suportes. Leitura e análise. Produção de texto: resenha crítica sobre filme *Sombras de Goya*. Reescritura do texto após revisão da primeira versão e publicação no *blog*.

2.3.7 Metodologia

Buscamos atrair a atenção dos alunos de modo que eles não se sentissem entediados e conseguissem realizar plenamente as atividades solicitadas.

Em relação ao movimento artístico Barroco, sabemos que, devido à distância da linguagem e do contexto histórico, é um conteúdo que raramente desperta o interesse nos alunos. A fim de mudarmos essa realidade, exploramos, sobretudo, elementos audiovisuais da estética barroca, como a arquitetura, a música, a pintura, a escultura e a moda. Também com esse propósito, levamos o filme *Sombras de Goya* que fez uma síntese das principais características do movimento artístico.

Fizemos uso de aulas expositivas, para apresentar aos alunos o gênero textual resenha. Levamos variados exemplos de resenha, a fim de mostrar as diferenças entre resenha crítica e resenha descritiva.

Ao final de cada aula, foi proposto aos alunos alguma atividade sobre o conteúdo abordado. Algumas dessas atividades os alunos deveriam nos entregar, e juntas compuseram uma nota da turma.

Após a elaboração em dupla do planejamento, as aulas foram revezadas e de “responsabilidade maior” de cada uma a cada dia, porém na maioria das atividades, as professoras estagiárias trabalharam simultaneamente, auxiliando os alunos.

Ao final da docência, os alunos produziram uma resenha crítica do filme assistido em sala, que foi publicada no *blog* da turma.

A produção textual foi individual, pois por se tratar de uma resenha crítica, cada aluno tem um olhar diferenciado do filme.

Acompanhamos a escrita do texto, lembrando os materiais vistos até ali, tirando dúvidas na escrita, tomando o texto deles como ponto de partida (e não como pretexto) para o ensino da norma padrão.

Recolhemos a primeira versão para corrigir e fazer comentários e a devolvemos aos alunos, cada aluno com seu encaminhamento, para que continuassem a escrita e realizassem alterações.

As primeiras versões do texto foram escritas a lápis em folhas de papel e a última versão, reescrita, foi digitada na sala de informática. Foi importante a digitação do texto, pois sua publicação foi *online*, no *blog* da turma.

2.3.8. Recursos utilizados

Para a realização do projeto, foram utilizados os seguintes recursos:

- Computador – sala de aula;
- Aparelho de *datashow* – sala de aula;
- Fotocópias dos textos e esquemas– professoras estagiárias;
- Computadores e *internet* – laboratório de informática do colégio;
- Quadro e giz - sala de aula;
- Livro didático – professoras estagiárias e alunos;
- Revistas e jornais - professoras estagiárias;
- Caderno para anotações do quadro e das discussões em sala – alunos e professoras estagiárias;
- Câmera fotográfica (fotos para publicação no *blog* da turma) – professoras estagiárias;
- *Blog* – criado para publicar as resenhas produzidas.

2.3.9 Avaliação

A avaliação foi diagnóstica e processual. Foram observados os seguintes aspectos: assiduidade, participação, desempenho, engajamento e colaboração.

Pela participação, considerou-se a elaboração das atividades, tanto orais quanto escritas, solicitadas ao longo das aulas. A produção textual foi avaliada conceitualmente, focalizando aspectos formais do gênero resenha.

Como avaliação procedimental, foram consideradas as atividades de visualização do filme *Sombras de Goya*, bem como a elaboração de uma resenha e sua publicação no *blog*. Nesse processo, examinou-se a autonomia de cada aluno para analisar ou criticar a obra cinematográfica e sua capacidade de sistematizar dados para a escrita do texto.

Avaliou-se o desenvolvimento atitudinal dos alunos em todas as atividades, como expressão de suas opiniões, de respeito com as opiniões dos colegas e das professoras e de trabalho em grupo.

Disciplina, participação durante as aulas e produção da resenha (primeira versão, versão revisada, correção e digitação) constituíram duas notas atribuídas pelas professoras estagiárias que foram repassadas à professora regente.

2.4 Planos de aula

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia do Ensino
Letras – Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas
Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Profa. Isabel Monguilhott
Acadêmicas: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha Dos Santos

PLANO DE AULA N° 01

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade
 Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues
 Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos
 Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott
 Série: 1ª Turma: A Turno: Matutino
 Número de alunos: 24
 Data: 15/05/2013
 Horário: 07h30 às 09h00

2 Objetivos

Apresentar o projeto de docência. Expor o movimento artístico Barroco no Brasil e em Portugal. Mostrar as obras de maior destaque: textos, pinturas, esculturas e arquitetura. Mostrar a influência do Barroco na moda e nas expressões artísticas contemporâneas. Propor atividade de análise de obras barrocas.

3 Conhecimentos

Contexto histórico do século XVII no Brasil e na Europa. Movimento artístico Barroco. Figuras de Linguagem, cultismo e conceptismo.

4 Metodologia

07h30 - 07h35 - Apresentação do projeto e das professoras estagiárias. Explicação oral dos objetivos do projeto aos alunos.

07h35 - 07h40 - Chamada.

07h40 - 08h00 - Perguntar aos alunos o que eles sabem sobre o Barroco. Apresentar o movimento literário: contexto histórico, principais características e principais artistas, utilizando *slides* (anexo).

08h00 - 08h10 - Explicação oral sobre as figuras de linguagem mais “recorrentes”: antítese, paradoxo, hipérbole e metáfora. Cultismo e conceptismo.

08h10 - 08h40 - Apresentação de *slides*: Barroco na arquitetura, escultura, pintura, moda e música.

08h40 - 08h50 - Realizar, com os alunos, a análise da música *Certas Coisas*, de Lulu Santos, focando as características barrocas recorrentes.

08h50 - 9h00- propor a atividade de análise do poema *A Maria dos Povos*, de Gregório de Matos.

Caso todas as atividades tenham sido concluídas antes do tempo previsto, iremos propor atividade de análise de pinturas barrocas: *In Ictu Oculi*, *O enterro do Conde de Orgaz* e *Queda dos Condenados*.

5 Recursos

Quadro, giz, aparelho *datashow* para apresentação de *slides*, caderno.

6 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: participação nas atividades propostas, interesse na aula e colaboração.

7 Referências

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. Barroco. In: **Literaturas brasileira e portuguesa: teoria e texto**. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 131- 142.

CAMPELLO, Bianca. **A atualidade do Barroco**. Disponível em: <<http://literarizando.wordpress.com/2009/06/12/a-atualidade-do-barroco-reinaldo-azevedo-vieira-caetano-e-gregorio/>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: O caso Gregório de Matos**. 2a ed. Salvador, Fundação Casa Jorge Amado, 1989.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**: volume 1. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas; de práticas a objetos**. Disponível em: <

revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5510/4183>. Acesso em: 02 maio 2013.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

SANTOS, Alckmar Luiz Dos; SALES, Cristiano de. Raízes de um Brasil literário. In: _____. **Literatura Brasileira I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SANTOS, Lulu. **Certas coisas**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/lulu-santos/35063/>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

TUFANO, Douglas. **Uma arte que procura comover**. Disponível em: <<http://www2.ups.edu/faculty/velez/Comedia/html/unit1/barroco.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

VILELA, Maria Graciete. Sobre o ensino de literatura: os ensinamentos de Xerazade. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. **Literatura e ensino**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

8 Anexos

Apresentação de *slides*



A slide with a light orange background. The top half features a darker orange floral pattern. A central dark red rectangular box contains the text "CONTEXTO HISTÓRICO" in white, serif, all-caps font.

Contra-reforma, também conhecida por Reforma Católica, é o nome dado ao movimento que surgiu como uma resposta à Reforma Protestante iniciada com Lutero, a partir de 1517.

Em 1545, a Igreja Católica Romana convocou o Concílio de Trento estabelecendo, entre outras medidas, a retomada do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição).

CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1580, ano da morte de Camões, ocorre a unificação ibérica, e Portugal passa a ser dominado pelos espanhóis. Felipe II, da Espanha, era o herdeiro mais próximo do rei D. Sebastião, morto em 1578.

O domínio espanhol durou até 1640. Por 60 anos, Portugal permaneceu mergulhado no obscurantismo medieval, em descompasso com o que ocorria em outros locais da Europa, não convivendo com as descobertas científicas entre os séculos XVII e XVIII. O mesmo ocorreu com o Brasil, que, como colônia portuguesa, pautava-se pelo modelo da metrópole.

CONTEXTO HISTÓRICO

No Brasil, o panorama que se desenrola no século XVII é o das transformações econômicas provocadas pela atividade açucareira. As invasões holandesas, comandadas por Maurício de Nassau, principalmente no Nordeste, também apontam grandes renovações culturais.

AFINAL, O QUE É BARROCO?

barroco• (ô) *adj (ital barocco)*

1. Exagerado, extravagante, irregular.
2. Que se aparta das normas ou regras habituais. *sm*
3. **Bel-art** Estilo arquitetural e decorativo que prevaleceu do fim do século XVI ao fim do século XVIII e influenciou na arquitetura das igrejas coloniais do Brasil. Caracteriza-se pela irregularidade, por figuras plásticas e curvas e, principalmente nas suas últimas fases, pela ornamentação profusa, minuciosa e muitas vezes grotesca.
4. Estilo artístico, literário e musical, bem como modo de pensar filosófico, religioso e político que predominou na Europa e na América Latina na segunda metade do século XVII e se caracterizou pela ornamentação caprichosa, improvisação e uso de efeitos contrastantes na música e pela complexidade da forma, bizarria, bombasticidade e muitas vezes ambiguidade calculada na literatura.
5. (*voc pré-romano*) Pérola de superfície irregular.

Disponível em: <http://dic.busca.uol.com.br/result.html?q=barroco&group=0&t=10>

AFINAL, O QUE É BARROCO?

O Barroco foi o estilo artístico dominante nas cortes europeias do século XVII. Houve, no Brasil colonial, dois tipos de Barroco: o baiano, com manifestações literárias e artísticas no século XVII, e o mineiro, predominantemente na arquitetura e nas artes plásticas, no século XVIII.

O Barroco brasileiro misturou a tendência europeia com a visão local, nativista.

A arte barroca é a expressão de uma época marcada por inúmeros conflitos sociais, guerras e lutas religiosas, que utilizou mecanismos para impressionar e subjugar o observador pelo luxo e pela exuberância. A meta era criar a ilusão de um mundo apoiado em uma ordem ideal, com base em valores como a verdade, a beleza e a harmonia, que tanto marcaram a Antiguidade Clássica. O poder dessas imagens foi usado para promover os interesses políticos de papas e do alto clero, de reis e de nobres. O Barroco serviu, assim, a propósitos que em muito ultrapassaram as superficialidades e frivolidades das cortes ou os aspectos simplesmente decorativos.

CARACTERÍSTICAS

A arte literária barroca opôs-se à clássica. Se esta pretendia construir textos rigorosos por meio de clareza formal, o Barroco fazia uso de formas menos racionais e mais ambíguas. Empregava amplamente figuras de linguagem que indicassem conflitos, como a antítese.

Dualidade barroca: o homem dividido entre o céu (as coisas celestes) e a terra (as coisas terrenas), um conflito entre valores tradicionalistas, ligados à consciência medieval, defendidos pelos jesuítas, e valores progressistas, gerados pelo avanço do racionalismo burguês.

FIGURAS DE LINGUAGEM

Antítese: “Pequei, senhor, mas não porque hei pecado, / Da vossa alta clemência me despido”

Paradoxo: “Enquanto com gentil descortesia”

Hipérbole: “Matem-me, disse eu, vendo abraçar-me”

Metáfora: “Quem semeia ventos colhe tempestades.”

CULTISMO E CONCEPTISMO

Cultismo ou *culteranismo* ou *gongorismo*.

Caracterizado por construções obscuras e preciosistas, próprias da poesia e da prosa barrocas.

Conceptismo

Visava a um perfeito domínio das palavras, por meio do conhecimento conceitual e da concisão.

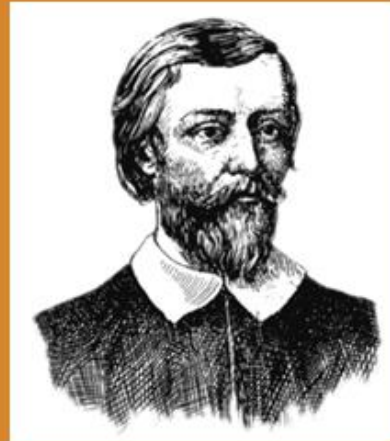
ARTISTAS E OBRAS



Padre Antônio Vieira

CLIQUE PARA ADICIONAR UM
TÍTULO

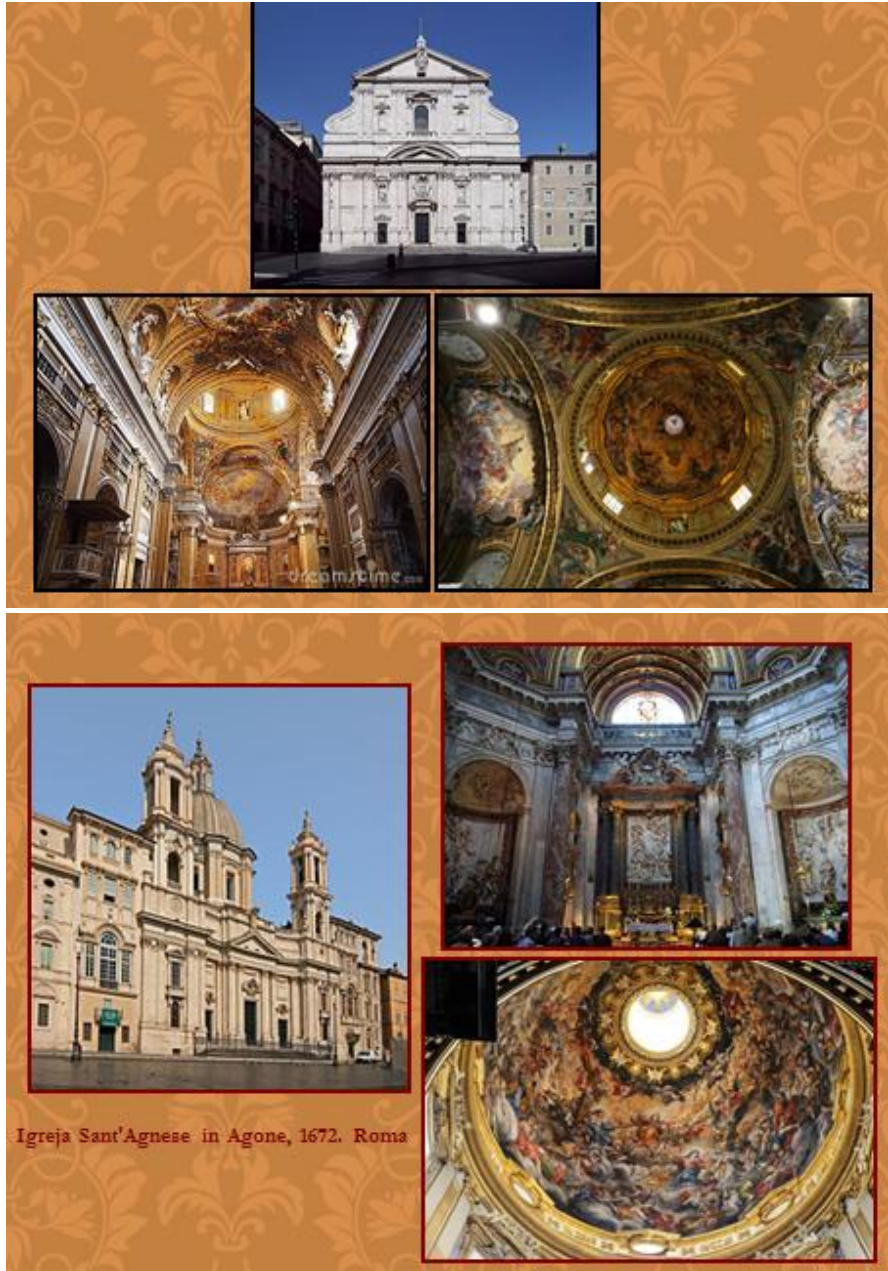
Gregório de Matos



ARQUITETURA BARROCA

Características:

- complexidade na construção do espaço ;
- busca de efeitos impactantes e teatrais;
- uso de contrastes entre cheios e vazios, entre formas convexas e côncavas;
- exploração de efeitos dramáticos de luz e sombra, e integração entre a arquitetura e a pintura, a escultura e as artes decorativas em geral.



Igreja Sant'Agnese in Agone, 1672. Roma



Hotel dos Inválidos, Paris. 1675.



Portal de entrada dos Invalides.



Altar no salão de entrada.



Cúpula interior



Túmulo de Napoleão Bonaparte.



Fachada da Catedral de Santiago de Compostela, na
Província de La Coruña, Espanha.

NO BRASIL...

A Igreja São Francisco de Assis é uma das mais importantes de Ouro Preto e uma das mais conhecidas do Brasil. Construída em 1766, é considerada uma das maiores obras do escultor (e arquiteto) Aleijadinho. Ele participou no planejamento e na feitura de várias peças da igreja, como o altar-mor.



Igreja São Francisco de Assis, Ouro Preto.





Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. 1773.



Última Ceia - Obra de Aleijadinho - Santuário do Bom Jesus de Matosinhos - MG.



Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio Recife. 1790.



Altar-mor



Altar de Nossa Senhora das Dores e do Senhor Crucificado



Igreja de São Francisco, em Salvador



Igreja do Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro



Museu da Inconfidência, em Ouro Preto. 1785



ESCULTURA BARROCA

Características:

- Intenso dramatismo;
- exuberância das formas;
- expressões teatrais;
- luz e movimento.



Apolo e Dafne, obra de Gian Lorenzo Bernini
Galleria Borghese, Roma.



O Êxtase de Santa Teresa, Bernini.



*Medusa, obra de Bernini.
Museu Capitolinos, Roma.*



Plutão e Proserpina, Bernini



NO BRASIL...



Anjo com o cálice da Paixão, Aleijadinho.



Cristo carregando a Cruz, Aleijadinho.



Última Ceia, Aleijadinho.

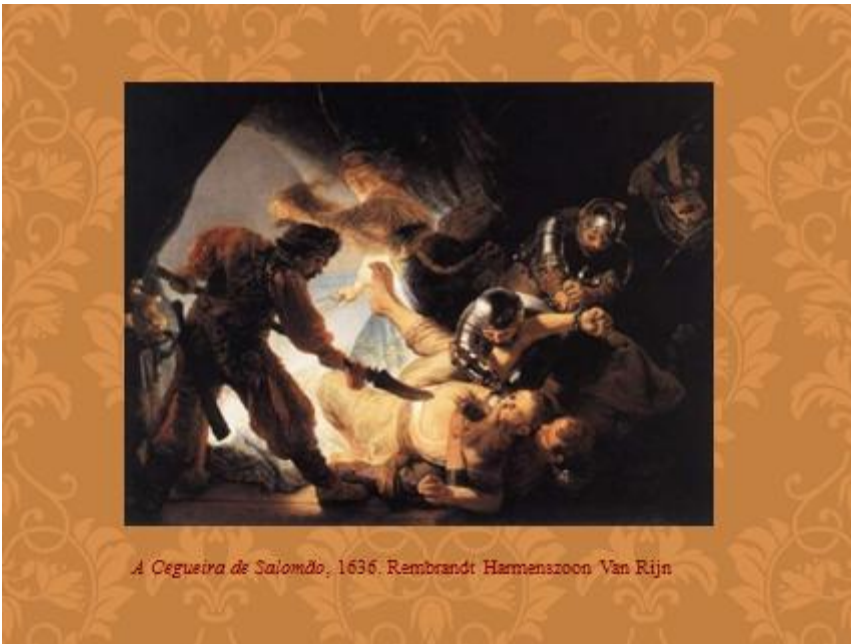
PINTURA BARROCA

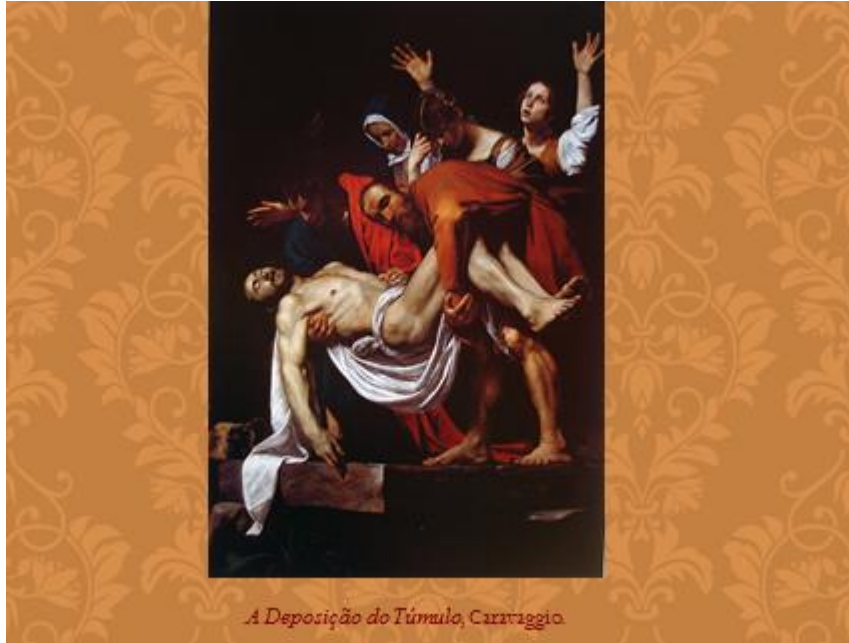
Características:

- Composição assimétrica;
- acentuado contraste de claro-escuro;
- sensação de profundidade;
- realismo;
- abrange todas as camadas sociais;
- cenas no seu momento de maior intensidade;
- a luz não aparece por um meio natural, mas sim projetada para guiar o olhar do observador.



O Rapto das filhas de Leucipo, Rubens





A Deposição do Túmulo, Carrreggio.

BARROCO NA MODA

O espírito do Barroco é carregado de informações, dramaticidade e conflitos, abundância e vitalidade.

Na moda, toda essa desordem também aparece refletida na sobrecarga de informações: mistura de estampas, hibridismo, exagero das proporções, sobreposições, peles, pelos, transparência, brilho e tudo mais.





MÚSICA BARROCA

A música barroca é geralmente exuberante: ritmos enérgicos e melodias com muitos ornamentos. Há também os contrastes de timbres instrumentais e de sonoridades fortes com suaves.



Retrato de um violinista veneziano desconhecido, geralmente tomado como sendo Vivaldi.

ATIVIDADE 1 - MÚSICA

Certas Coisas

Lulu Santos

Não existiria som
 Se não houvesse o silêncio
 Não haveria luz
 Se não fosse a escuridão
 A vida é mesmo assim,
 Dia e noite, não e sim...
 Cada voz que canta o amor não diz
 Tudo o que quer dizer,
 Tudo o que cala fala
 Mais alto ao coração.
 Silenciosamente eu te falo com paixão...
 Eu te amo calado,
 Como quem ouve uma sinfonia
 De silêncios e de luz.
 Nós somos medo e desejo,
 Somos feitos de silêncio e som,
 Tem certas coisas que eu não sei dizer...

ATIVIDADE 2 - POEMA

A Maria dos Povos – Gregório de Matos

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer
hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia;

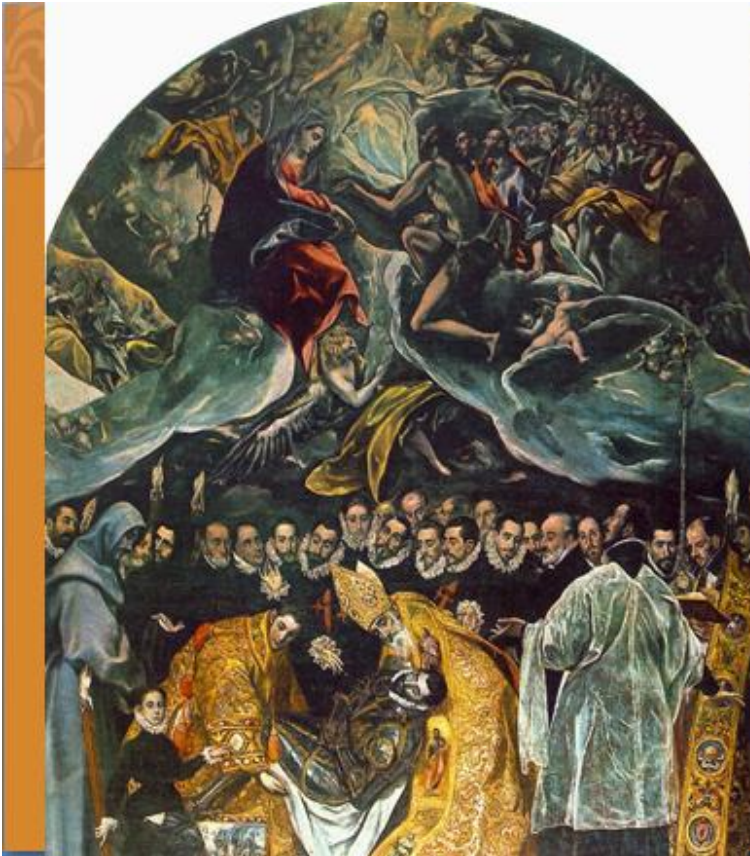
Enquanto, com gentil discortesia,
O ar, que fresco Adônis te enamora,
Te espalha a rica trança voadora
Da madeixa que mais primor te envia:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo troca, e a toda ligeireza
E imprime a cada flor uma pisada.

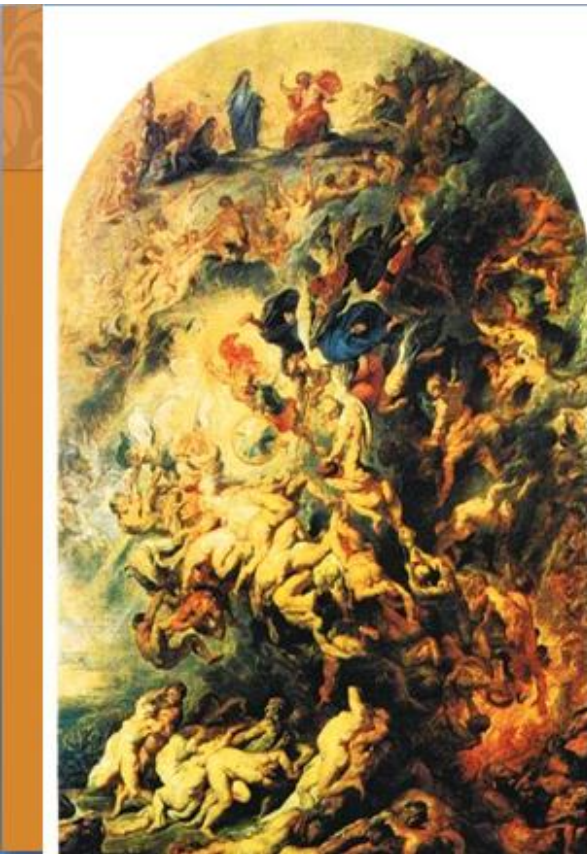
Oh não aguardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra,
em nada.



In Ictu Oculi - Juan de Valdés
Leal, de 1673,



O enterro do Conde de Orgaz – El Greco



Queda dos Condenados - Rubens (1577-1640)

REFERÊNCIAS

<http://entrechocolatecafe.files.wordpress.com/2013/01/invalides-hotel-des-invalides-paris-fl016.jpg>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Chateau-de-maison-lafite.JPG>

<http://kaleidoskopikultural.files.wordpress.com/2011/11/mestre-ataidel.jpg>

<http://tiaquinhomaishow.spaceblog.com.br/image/12691145.jpg/>

<http://www.avrtonmarcondas.com.br/blog/?p=657>

<http://3.bp.blogspot.com/-DaSLX-CdKBg/TVQicWobvbl/AAAAAAAAAD7c/a16X9IX86rA/s1600/121009.jpg>

http://1.bp.blogspot.com/_on3i97ZbCvc/TQjcFcmnoWI/AAAAAAAAAGw/ik50krsu7IM/s1600/MedusaBernini.jpg

http://www.portalsafrancisco.com.br/alfa_barroco/imagens/arte-barroca-12.jpg

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/Imagens/RUB5.jpg>

http://4.bp.blogspot.com/_w9oCEWcfljQ/TMOFuUxmW0I/AAAAAAAAAA4/K9Ar7M_Ckz4/s1600/Prosperina.jpg

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b5/Recife_matriz_de_santo_ant%C3%B4nio.jpg/200px-Recife_matriz_de_santo_ant%C3%B4nio.jpg

PLANO DE AULA N° 02

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1^a Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 17/05/2013

Horário: 09h00 às 10h50

2 Objetivos

Apresentar breve biografia de Gregório de Matos e sua contribuição para o Movimento artístico Barroco. Mostrar as poesias lírica, satírica e sacra do poeta. Propor atividade de interpretação das poesias.

3 Conhecimentos

Barroco. Gregório de Matos. Poesia lírica, satírica e sacra. Figuras de linguagem.

4 Metodologia

09h00 - 09h05 - Chamada.

09h05 - 09h10 - Retomar o que foi visto na aula passada.

09h10 - 09h20 - Apresentação, de forma expositiva, de breve biografia do poeta Gregório de Matos e sua relação com o movimento artístico Barroco.

09h20 - 09h45 - Explicação oral das características das poesias lírica, satírica, sacra e erótica, atentando para a presença das figuras de linguagem.

10h05 - 10h15 - Entregar aos alunos o poema *Triste Bahia*, de Gregório de Matos. Propor a leitura do poema e analisá-lo com a turma.

10h15 - 10h25 - Mostrar a versão de *Triste Bahia*, cantada por Caetano Veloso.

10h25 - 10h50 - Entregar aos alunos cópias com atividade de interpretação dos poemas de Gregório de Matos: *A Jesus Cristo Nosso Senhor*, *Pondera Agora com Mais Atenção a Formosura de D. Ângela*, para entregar às professoras estagiárias.

5 Recursos

Quadro, giz, aparelho *datashow* para apresentação de *slides*.

6 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: participação, interesse, desempenho, engajamento e colaboração. Aspectos atitudinais e procedimentais também serão avaliados, bem como o bom comportamento na execução das atividades.

7 Referências

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: O caso Gregório de Matos**. 2a ed. Salvador, Fundação Casa Jorge Amado, 1989.

MATOS, Gregório de. **Antologia Poética**. Sel. Waldir Aiala. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2006/Duas%20Po%C%A9ticas,%20Dois%20Olhares%20sobre%20o%20Barroco.pdf>. Acesso em 06 mai. 2013.

SILVA, José Pereira. **Gregório de Matos, o sagrado e o Barroco**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/14/14.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2013.

SILVA, Rogério Barbosa. **Dois poéticas, dois olhares sobre o Barroco**. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2006/Duas%20Po%C%A9ticas,%20Dois%20Olhares%20sobre%20o%20Barroco.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2013.

VELOSO, Caetano. **Triste Bahia**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/caetanoveloso/423798/>>. Acesso em 07 mai. 2013.

Anexo 01

BARROCO

*GREGÓRIO DE MATOS,
O “BOCA DO INFERNO”.*



*Professoras :
Tayse e Valéria*

Gregório de Matos (1636 – 1695)

Poeta barroco brasileiro Nasceu em Salvador/BA, em 1636 e morreu em Recife/PE em 1695.

Em 1651 foi para Portugal, onde ingressou, no ano seguinte, na Universidade de Coimbra.

Formou-se em direito e logo após, casou-se com Micaela de Andrade.

Ocupou vários cargos na magistratura portuguesa. Em 1678 enviuvou e em 1681 retornou para o Brasil, bastante abatido e desiludido.

Em Salvador, levou uma vida desregrada, improvisando poemas acompanhados de viola e satirizando os poderosos.



Gregório de Matos (1636 – 1695)

Amado e odiado, é conhecido por muitos como "Boca do Inferno", em função de suas poesias satíricas, muitas vezes trabalhando o chulo em violentos ataques pessoais.

É uma espécie de poeta maldito, sempre ágil na provocação, mas nem por isso indiferente à paixão humana ou religiosa, à natureza, à reflexão e, dado importante, às virtualidades poéticas duma língua europeia recém-transplantada para os trópicos.

O poeta baiano abraçou o barroco importado: seus versos são um espelho fiel de um país que se formava.

Suas obras foram publicadas após sua morte. Cultivou a poesia lírica, satírica, erótica e religiosa.



Poesia Lírica

Em sua produção lírica, Gregório de Matos se mostra um poeta angustiado em face à vida, à religião e ao amor. Na poesia lírico-amorosa, o poeta revela sua amada, uma mulher bela que é constantemente comparada aos elementos da natureza. Além disso, ao mesmo tempo que o amor desperta os desejos corporais, o poeta é assaltado pela culpa e pela angústia do pecado.

À mesma d. Ângela

*Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em vós, se uniformara:*

*Quem vira uma tal flor, que a não cortara,
De verde pé, da rama fluorescente;
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus o não idolatrara?*

*Se pois como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu Custódio, e a minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.*

*Mas vejo, que por bela, e por galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.*

Poesia Satírica

Gregório de Matos é amplamente conhecido por suas críticas à situação econômica da Bahia, especialmente de Salvador, graças à expansão econômica chegando a fazer, inclusive, uma crítica ao então governador da Bahia Antonio Luis da Camara Coutinho. Além disso, suas críticas à Igreja e à religiosidade presente naquele momento. Essa atitude de subversão por meio das palavras rendeu-lhe o apelido de "Boca do Inferno", por satirizar seus desafetos.

Não perdoava ninguém: ricos e pobres, negros, brancos e mulatos, padres, freiras, autoridades civis e religiosas, amigos e inimigos, todos, enfim, eram objeto de sua "lira maldizente".

O governador Câmara Coutinho, por exemplo, foi assim retratado:

*"Nariz de embono
com tal sacada,
que entra na escada
duas horas primeiro
que seu dono."*

Poesia Satírica

Contudo, o melhor de sua sátira não é esse tipo de zombaria, engraçada e maldosa, mas a crítica de cunho geral aos vícios da sociedade. Sua vasta galeria de tipos humanos contribuiu para construir sua maior e principal personagem - a cidade da Bahia.

*Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
Madrasta dos naturais,
e dos estrangeiros madre:
Dizei-me por vida vossa
Em que fundais o ditame
De exaltar os que aqui vêm,
E abater os que aqui nascem?
Se o fazeis pelo interesse
de que os estranhos vos gabem,
isso os paisanos fariam
com conhecidas vantagens.
E suposto que os louvores
em boca própria não valem,
se tem força esta sentença,
mor força terá a verdade.*

Poesia Sacra

Também alcunhado de profano, o poeta exalta a sensualidade e a volúpia das amantes que conquistou na Bahia, além dos escândalos sexuais envolvendo os conventos da cidade.

Necessidades Forçosas da Natureza Humana

*Descarto-me da tronça, que me chupa,
Corro por um conchego todo o mapa,
O ar da feia me arrebatou a capa,
O gadanho da limpa até a garupa.*

*Busco uma freira, que me desentupa
A via, que o desuso às vezes tapa,
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.*

*Que hei de fazer, se sou de boa cepa,
E na hora de ver repleta a tripa,
Darei por quem mo vase toda Europa?*

*Amigo, quem se alimpa da carepa,
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,
Ou faz da sua mão sua cachopa.*

Triste Bahia

*Triste Bahia! oh quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado.
Rica te vi eu já, tu a mim abundante.
A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando e tem trocado
Tanto negócio e tanto negociante.
Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.
Oh, se quisera Deus que, de repente,
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!*

Triste Bahia por Caetano Veloso

Triste Bahia, oh, quão dessemelhante...
 Estás e estou do nosso antigo estado
 Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado
 Rico te vejo eu, já tu a mim abundante
 Triste Bahia, oh, quão dessemelhante
 A ti tocou-te a máquina mercante
 Quem tua larga barra tem entrado
 A mim vem me trocando e tem trocado
 Tanto negócio e tanto negociante
 Triste, oh, quão dessemelhante, triste
 Pastinha já foi à África
 Pastinha já foi à África
 Pra mostrar capoeira do Brasil
 Eu já vivo tão cansado
 De viver aqui na Terra
 Minha mãe, eu vou pra lua
 Eu mais a minha mulher
 Vamos fazer um ranchinho
 Tudo feito de sapê, minha mãe eu vou pra lua
 E seja o que Deus quiser
 Triste, oh, quão dessemelhante

é, ô, galo canta
 O galo cantou, camará
 é, cocorocô, é cocorocô, camará
 é, vamo-nos embora, é vamo-nos embora camará
 é, pelo mundo afora, é pelo mundo afora camará
 é, triste Bahia, é, triste Bahia, camará
 Bandeira branca enfiada em pau forte...
 Afoxé lei, lei, leô...
 Bandeira branca, bandeira branca enfiada em pau
 forte...
 O vapor da cachoeira não navega mais no mar...
 Triste Recôncavo, oh, quão dessemelhante
 Maria pé no mato é hora...
 Arriba a saia e vamo-nos embora...
 Pé dentro, pé fora, quem tiver pé pequeno vai
 embora...
 Oh, virgem mãe puríssima...
 Bandeira branca enfiada em pau forte...
 Trago no peito a estrela do norte
 Bandeira branca enfiada em pau forte...
 Bandeira...

Referências

<http://i.bp.blogspot.com/-OXHJoriJrk/UNs-eYwaagI/AAAAAAAAAF3S/asQVNDp0AI/s1600/Gregorio-da-Matos.jpg>

http://www.usinadeletras.com.br/exibetexto.php?cod=622&cat=roteiro_de_Films_eu_Novels

<http://www.soliteratura.com.br/barroco/barroco09.php>

<http://www.usinadeletras.com.br/exibetexto.php?cod=622&cat=Ensejos&vinda=3>

<http://letras.mus.br/caetano-veloso/42378/>

Anexo 02

ATIVIDADE 1ª

Leia atentamente os poemas e responda as questões:

A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que
a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Gregório de Matos

1. Que justificativa utiliza o pecador para não desistir da piedade divina, embora tenha pecado tanto?
2. Que explicação paradoxal o sujeito lírico dá nos versos 7 e 8?
3. O poema tem como tema:
 - a) o amor a Deus.
 - b) o pecado e a culpa.
 - c) o arrependimento e o perdão.
 - d) a devoção a Jesus e a Glória divina.
4. “Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,/ Da vossa alta clemência me despido;” o verso apresenta
 - a) um pedido b) uma acusação c) uma ordem d) uma confissão

5. O eu lírico mostra-se humilde e submisso no verso:

“Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,”

“Se basta a vos irar tanto pecado”

“Se uma ovelha perdida e já cobrada”

“A abrandar-vos sobeja um só gemido:”

PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A FORMOSURA DE D. ÂNGELA

Não vi em minha vida a formosura,
 Ouvia falar nela cada dia,
 E ouvida me incitava, e me movia
 A querer ver tão bela arquitetura.
 Ontem a vi por minha desventura
 Na cara, no bom ar, na galhardia
 De uma Mulher, que em Anjo se mentia,
 De um Sol, que se trajava em criatura.
 Me matem (disse então vendo abrasar-me)
 Se esta a cousa não é, que encarecer-me.
 Sabia o mundo, e tanto exagerar-me.
 Olhos meus (disse então por defender-me)
 Se a beleza hei de ver para matar-me,
 Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

Gregório de Matos Guerra

1. Nos quartetos, percebemos que o eu-lírico identifica a mulher com a figura de um anjo. Nos tercetos, a mulher exerce o papel de proteção que cabe a um anjo? Justifique.
2. No poema acima, a mulher NÃO representa um(a)
 - a) pureza angelical.
 - b) grandeza absoluta.
 - c) beleza acessível.
 - d) desejo pecaminoso.
3. O soneto apresenta um eu-lírico:
 - a) Tranquilo em relação ao amor.
 - b) Satisfeito com o relacionamento amoroso.
 - c) Preocupado com o bem-estar da pessoa amada.
 - d) Aborrecido com a pessoa amada.
 - e) Em conflito por sentir-se seduzido pela beleza da amada.

PLANO DE AULA N° 03

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1^a Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 22/05/2013

Horário: 07h30 às 09h00

2 Objetivos

Ler o *Sermão da Sexagésima* de Padre Antônio Vieira. Realizar atividade sobre o sermão. Os alunos devem ser capazes de identificar, nos sermões citados, alguns dos recursos estilísticos do barroco literário.

3 Conhecimentos

Sermões. Interpretação de textos. Figuras de linguagem. Conceptismo.

4 Metodologia

07h30 – 07h40: Chamada. Breve revisão oral do conteúdo visto até aqui.

07h40 – 07h50: Vida e obra de Padre Antônio Vieira. Inicialmente exposição oral. Depois, será utilizada uma pequena apresentação de *slides* contendo imagens e trechos de textos escritos pelo padre.

07h50 – 08h00 – Gênero textual *sermão*. Características formais e particularidades. Itens pontuais serão escritos no quadro.

08h00 – 08h15 - Distribuição de excertos do *Sermão da Sexagésima* de Padre Antônio Vieira. Leitura silenciosa.

08h15 – 08h25 – Leitura em voz alta. Os alunos serão selecionados para lerem trechos. A cada parágrafo, será feita uma pausa para a compreensão de vocabulário.

08h25 – 08h45 - Discussão acerca dos recursos estilísticos do Barroco literário encontrados no sermão.

08h45 – 09h00 – Atividades 1, 3, 4, 5 e 6 das páginas 210 e 211 do livro didático dos alunos.

5 Recursos

Quadro, giz, fotocópia dos trechos do sermão, livro didático e material para registro.

6 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: participação, interesse, desempenho e colaboração.

7 Referências

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**: volume 1. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 81-101.

LIMA, Luís Filipe Silvério. **Sermões do Padre Antônio Vieira**. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/384>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

SANTOS, Alckmar Luiz Dos; SALES, Cristiano de. Raízes de um Brasil literário. In: _____. **Literatura Brasileira I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

VILELA, Maria Graciete. Sobre o ensino de literatura: os ensinamentos de Xerazade. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. **Literatura e ensino**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

8 Anexos

Anexo 01

BARROCO

*OS SERMÕES DE PADRE
ANTÔNIO VIEIRA*



*Professoras :
Tayse e Valéria*

Barroco

- Conflito entre visão antropocêntrica e teocêntrica;
- Oposição entre o mundo material e o mundo espiritual;
- Visão trágica da vida;
- Conflito entre fé e razão;
- Consciência da efemeridade do tempo;
- *Carpe diem* – “colha o dia”, aproveite o tempo.

Padre Antônio Vieira



Vieira na redução das tribos de Marajó, em 1637. Óleo de Theodoro Braga. Original: Instituto Histórico de Alagoas.

Padre Antônio Vieira nasceu em 1608, em Lisboa.

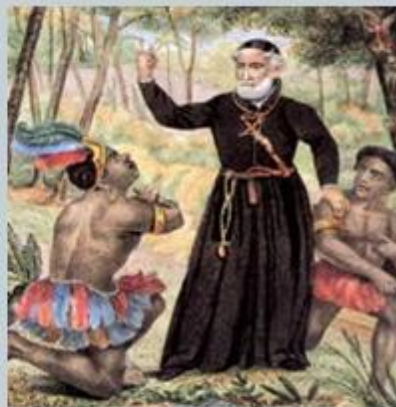
Quando tinha seis anos, sua família veio para o Brasil e fixou residência em Salvador, na Bahia. Aos 15 anos, ingressou na Companhia de Jesus.

Formou-se noviço em 1626, e, além de teologia, estudou lógica, física, metafísica, matemática e economia. Lecionou humanidades e retórica em Olinda e em 1634 foi ordenado sacerdote, na Bahia.

Padre Antônio Vieira

Aos 33 anos, voltou a Portugal com uma comissão de apoio ao novo rei Dom João IV. Nessa época Portugal passava pela guerra da Restauração da Coroa contra a Espanha. Existiam ainda conflitos contra a Holanda, França e Inglaterra.

Em 1643, Vieira foi designado pelo rei para negociar a reconquista das colônias. Suas propostas eram conciliar Portugal e Holanda, entregando a província de Pernambuco aos holandeses a título de indenização; reunir em Portugal os cristãos-novos, isto é, os judeus que estavam espalhados pela Europa, e protegê-los da Inquisição. Em troca, os judeus investiriam nos empreendimentos do Império Português.



Padre Antônio Vieira

Consideradas absurdas, suas ideias foram rejeitadas e Vieira retornou ao Brasil estabelecendo-se ao norte do Maranhão.


Em 1661, Padre Vieira foi obrigado a deixar o Maranhão, pressionado pelos senhores de escravos que não concordavam com suas posições contrárias à escravidão indígena. Voltou para Lisboa onde foi condenado pela Inquisição em virtude de seus manuscritos "heréticos": "Quinto Império", "História do Futuro" e "Chave dos Profetas". De 1665 a 1667 ficou preso em Coimbra.

Em 1669 foi anistiado e seguiu para Roma onde ficou até 1676 sob a proteção da Rainha Cristina da Suécia. Dez anos depois foi publicado oficialmente o primeiro volume dos "Sermões", em Lisboa. Em 1681 voltou ao Brasil onde passou a dedicar-se à literatura. Padre Antônio Vieira morreu aos 89 anos, na Bahia.

É o principal autor do Barroco em Portugal. Sua obra pertence tanto à literatura brasileira quanto à portuguesa.




Retrato do Padre Antônio Vieira, de autor desconhecido do início do século XVIII.



Padre Vieira foi líder de um grupo de religiosos que se instalou no Maranhão em 1653 e que lutou contra a escravização dos indígenas, proibida desde o século XVI.


Em vez de ocultar os conflitos sociopolíticos, Vieira traz para a armação do texto as hesitações e contradições do intelectual vivendo em colônias.



Os jesuítas ajudaram na povoação do Norte do Brasil. Para os europeus, era praticamente impossível entrar na mata fechada. A ajuda dos índios era imprescindível.

No entanto, os índios deveriam ser convencidos a ajudar os europeus. Os jesuítas foram os responsáveis por esse “convencimento”, pois queriam catequizar os índios.

➤ Real justificativa para a catequização



“No estado do Maranhão, Senhor, não há ouro nem prata mais que o sangue e suor dos índios: o sangue se vende nos que cativam e o suor se transforma em tabaco, no açúcar e nas demais drogas que os ditos índios se lavram e se fabricam. Com este sangue e suor se medeia a necessidade dos moradores; e com este sangue com este suor se enche e enriquece a cobiça insaciável dos que lá vão governar.”

Obras de Padre Antônio Vieira



Profecias: constituintes de três obras: História do futuro, Esperanças de Portugal e *Clavis Prophetarum*.

Cartas: são cerca de 500 cartas, que tratam de assuntos sobre a relação de Portugal e Holanda, a Inquisição e os cristãos-novos. São tidos como documentos históricos importantes, já que tratam das diversas situações sócio-políticas da época.

Sermões: são aproximadamente 200 sermões, com estilo barroco conceptista, que tratam sobre diferentes assuntos de maneira racional, lógica e com retórica aprimorada. Um dos seus sermões mais conhecidos é o “Sermão da Sexagésima”, o qual é metalinguístico, já que tem como tema a própria arte de pregar. Além desse, temos: *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, *Sermão de Santo Antônio* e *Sermão aos peixes*.

Sermão

Trata-se de um discurso religioso em que o pregador proclama verdades cristãs e aconselha seus ouvintes para que tenham uma vida digna, de acordo com a Igreja.



Cultismo



- Linguagem rebuscada, culta, extravagante, descritiva.
- Artíficos no texto como jogo de palavras, jogo de imagens e jogo de construções.
- Esconde, sob tanto detalhe, uma temática “fraca”.
- Trocadilhos, aliteraões (repetição de consoantes), homonímia (palavras de significados diferentes e mesma grafia ou pronúncia), sinonímia, perífrases (“apelido” das coisas ou pessoas).

Conceptismo



- Jogo de ideias ou conceitos, seguindo um raciocínio lógico, racionalista, que utiliza uma retórica aprimorada.
- Comparações, metáforas, hipérboles.
- Ideias claras para persuadir.

SERMOENS
D O
P ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE IESU,
Prégador de Sua Alteza.
PRIMEYRA PARTE.
DEDICADA
AO PRINCIPE, N S.



Christum agere

Mons da *Ordem de Carmo*

EM LISBOA.
NA Oficina de IOAM DA COSTA:

M. DC. LXXIX.

Com todas as licenças, e Privilégio Real.

Contracapa dos Sermoens.
Edição de 1679.

PRIVILEGIO REAL.

E U o Principe como Regente, & Governador dos Reynos, & Semboras de Portugal, & dos Algarves, Faço saber, que o Padre Antonio Vieira me representou por sua petição, que tinha impresso com as licenças necessarias a Primeyra Parte dos Sermoens que offerece em hum Tomo, que contin quante; pedindome lhe fuisse mercede conceder privilegio na forma do estylo, & visto o que allegou, buy por bõem que por tempo de dez annos nenhum Livreyro, nem Impressor possa imprimir, ou vender o livro dos Sermoens referidos, nem mandallo vir de fora do Reyno, sobpena de perdimento dos volumes, que lhe forem achados, & de cincuenta cruzados, amovelle para minha Camera, & a outra para o accusador. Elle Alvará se cumprirá, como nelle se contém; & valerá poello que seu effeyto haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Orden. do Liv. 2. Tit. 40. em contrario. E pagou de novos direyros quinhentos & quarenta reis, que se carregará ao Thezourero dellas Pedras Soares a fol. 61. do liv. 4. de sua receita. Luis Godinho de Niza o fez em Lisboa a trinta de Setembro de mil seiscentos setenta & nove. Joseph Fagundes Bezerra o fez escrever.

PRINCIPE.

Marquez Mordomo Mor.

Alvará do Padre Antonio Vieira, porqum V. A. ha por bõem de lhe conceder privilegio por tempo de dez annos, para neither Livreyro, ou Impressor vender, ou mandar vir de fora do Reyno o Livro de Sermoens de que trata, na maneyra acima declarada. Para V. A. ver.



SERMAM
D A
SEXAGESIMA

Prégado na Capella Real.

Este Sermão prégou o Author no anno de 1655. vindo da Missão de Maranhão, onde achou as difficuldades, que nelle se apontão: as quasi vencidas, com novas ordens Reaes sobre logo para a mesma Missão.

Semen est Verbum Dei. Luc. 8.

§. I. com o Prégador / Ocupamos o Evangelho, & occupamos todo: que todo he do caso que me levou, & trouxe de tão longe.

E SE quizeffe Deus, que este tão illustre, & tão numeroso auditorio fábille hoje, tão descongado da prégacão, como vem enganado

Ecco est, qui seminat, feminare. Dis Christo, que fábio o Prégador Evangelico a semente a prégacão.

A lava

Atividade – Sermão da Sexagésima



1. Aponte o que é verdadeiro e o que é falso:
 - a) Vieira defende a ideia de que o pregador não deve usar a palavra só para satisfazer o gosto pelos malabarismos estéticos – na verdade, condena o estilo cultista.
 - b) Vieira acusa diretamente o estilo cultista como responsável pelo afastamentos dos fiéis.
 - c) O grande pregador conceptista enfatiza que a importância da linguagem preciosa é decisiva para impressionar o ouvinte.
 - d) A linguagem de Vieira é evidentemente uma defesa ao cultismo, daí ter conseguido persuadir seu público.

Referências



- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**: volume 1. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- COSTA, Luís César Amad; MELLO, Leonel Itaussu A. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2004.
- LIMA, Luís Filipe Silvério. **Sermões do Padre Antônio Vieira**. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/384>>. Acesso em: 29 abr. 2013.
- SANTOS, Alckmar Luiz Dos; SALES, Cristiano de. **Raízes de um Brasil literário**. In: _____. **Literatura Brasileira I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

Anexo 02

Sermão da Sexagésima
Padre António Vieira

Pregado na Capela Real, no ano de 1655.

Semen est verbum Dei. S. Lucas, VIII, 11.

I

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

[...]

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae: «Ide, e pregai a toda a criatura». Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras?! Hão-de pregar aos troncos?! Hão-de pregar aos animais?! Sim, diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar ar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça!

[...]

Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o sementeiro evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? -- Não por certo

[...]

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este sementeiro! Dá-me grandes esperanças a sementeira porque, ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos. Dá-me grande exemplo o sementeiro, porque, depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto. Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, este último quartel da vida, porque se perderá também? Porque não dará fruto? Porque não terão também os anos o que tem o ano? O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Porque não terá também o seu Outono a vida? As flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo. Será bem que o Mundo morra

à fome? Será bem que os últimos dias se passem em flores? -- Não será bem, nem Deus quer que seja, nem há-de ser. Eis aqui porque eu dizia ao princípio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possais ir desenganados com o sermão, tratarei nele uma matéria de grande peso e importância. Servirá como de prólogo aos sermões que vos hei-de pregar, e aos mais que ouvirdes esta Quaresma.

II

Este grande frutificar da palavra de Deus é o em que reparo hoje; e é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confuso, depois que subo ao púlpito. Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o Mundo fora santo. Este argumento de fé, fundado na autoridade de Cristo, se aperta ainda mais na experiência, comparando os tempos passados com os presentes. Lede as histórias eclesiásticas, e achá-las-eis todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus. Tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis renunciando os ceptros e as coroas; as mocidades e as gentilezas metendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? -- Nada disto. Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

III

[...]

A causa por que ordinariamente se perdem as sementeiras, é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol.

IV

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? -- No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa.

Antigamente convertia-se o Mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem bala; atroam, mas não ferem.

[...] Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras.

V

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empeçado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afectado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há-de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: *Exiit, qui seminavit, seminare*. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte: na música tudo se faz por compasso, na arquitectura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte caia onde cair. Vede como semeava o nosso lavrador do Evangelho. «Caía o trigo nos espinhos e nascia» *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortae spinae* «Caía o trigo nas pedras e nascia»: *Aliud cecidit super petram, et ortum*. «Caía o trigo na terra boa e nascia»: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum*. Ia o trigo caindo e ia nascendo.

Assim há-de ser o pregar. Hão-de cair as coisas hão-de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm! Há tal tirania? Então no meio disto, que bem levantado está aquilo! Não está a coisa no levantar, está no cair: *Cecidit*. Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu; para o sermão vir nascendo, há-de ter três modos de cair: há-de cair com queda, há-de cair com cadência há-de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas porque hão-de vir bem trazidas e em seu lugar; hão-de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão-de ser escabrosas nem dissonantes; hão-de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há-de ser tão natural e tão desafectada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit*.

[...]

Tal pode ser o sermão: -- estrelas que todos vêem, e muito poucos as medem.

VI

O sermão há-de ser de uma só cor, há-de ter um só objecto, um só assunto, uma só matéria.

[...]

Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer às dificuldades; há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão-de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão. De maneira que há-de haver frutos, há-de haver flores, há-de haver varas, há-de haver folhas, há-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramallete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, à que podemos chamar «árvore da vida», há-de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão-de ser os sermões, eis aqui como não são.

[...] uma coisa é expor, e outra pregar; uma ensinar e outra persuadir, desta última é que eu falo.

VII

Será porventura a falta de ciência que há em muitos pregadores? Muitos pregadores há que vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fruto, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece também esta. O pregador há-de pregar o seu, e não o alheio. Por isso diz Cristo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: *Semen suum*. Semeou o seu, e não o alheio, porque o alheio e, o furtado não é bom para semear, ainda que o furto seja de ciência. Comeu Eva o pomo da ciência, e queixava-me eu antigamente desta nossa mãe; já que comeu o pomo, por que lhe não guardou as pevides? Não seria bem que chegasse a nós a árvore, já que nos chegaram os encargos dela? Pois por que não o fez assim Eva? Porque o pomo era furtado, e o alheio é bom para comer, mas não é bom para semear: é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce. Alguém terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa, mas esteja certo, que se nasce, não há-de deitar raízes, e o que não tem raízes não pode dar fruto. Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: *Semen suum*. O pregar é entrar em batalha com os vícios; e armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles, a ninguém deram vitória. Quando David saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja David. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David; e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante.

Fez Cristo aos Apóstolos pescadores de homens, que foi ordená-los de pregadores; e que faziam os Apóstolos? Diz o texto que estavam: Reficientes retia sua: «Refazendo as redes suas; eram as redes dos Apóstolos, e não eram alheias. Notai: Retia sua: Não diz que eram suas porque as compraram, senão que eram suas porque as faziam; não eram suas porque lhes custaram o seu dinheiro, senão porque lhes custavam o seu trabalho. Desta maneira eram as redes suas; e porque desta maneira eram suas, por isso eram redes de pescadores que haviam de pescar homens. Com redes alheias, ou feitas por mão alheia, podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar. A razão disto é porque nesta pesca de entendimentos só quem sabe fazer a rede sabe fazer o lanço. Como se faz uma rede? Do fio e do nó se compõe a malha; quem não enfia nem ata, como há-de fazer rede? E quem não sabe enfiar nem sabe atar, como há-de pescar homens? A rede tem chumbada que vai ao fundo, e tem cortiça que nada em cima da água. A pregação tem umas coisas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiais e mais leves; e governar o leve e o pesado, só o sabe fazer quem faz a rede. Na boca de quem não faz a pregação, até o chumbo é cortiça.

As razões não hão-de ser enxertadas, hão-de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

VIII

Pois se nenhuma destas razões que discurremos, nem todas elas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?

IX

As palavras que tomei por tema o dizem. Semen est verbum Dei. Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como diria) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos pregadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a eficácia e os efeitos da palavra de Deus? Ventum seminabunt, et turbinem colligent, diz o Espírito Santo: «Quem semeia ventos, colhe tempestades». Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há a Igreja de Deus de correr tormenta, em vez de colher fruto?

Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus: Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere, disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demónio.

[...]

Dizei-me, pregadores (aqueles com quem eu falo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome), dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essas empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no autor de ambos os

Testamentos, Cristo? É certo que não, porque desde a primeira palavra do Génesis até à última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não há o que dizeis e o que pregais, como cuidais que pregais a palavra de Deus? Mais: nesses lugares, nesses textos que alegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus os disse? É esse o sentido em que os entendem os padres da Igreja? É esse o sentido da mesma gramática das palavras? Não, por certo; porque muitas vezes as tomais pelo que toam e não pelo que significam, e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, que nos queixamos que não façam fruto as pregações? Basta que tenhamos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos, e não tenhamos de querer dizer o que elas dizem?! E então ver cabecear o auditório a estas coisas, quando devíamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante, se dos nossos conceitos, se dos vossos aplausos? Oh, que bem levantou o pregador! Assim é; mas que levantou? Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao santo, outro ao entendimento e ao sentido de ambos. Então que se converta o mundo com falsos testemunhos da palavra de Deus? Se a alguém parecer demasiada a censura, ouça-me.

[...] referir as palavras de Deus em diferente sentido do que foram ditas, é levantar falso testemunho a Deus, é levantar falso testemunho às Escrituras. Ah, Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço dizer que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço dizer que são palavras vossas, o que são imaginações minhas, que me não quero excluir deste número! Que muito logo que as nossas imaginações, e as nossas vaidades, e as nossas fábulas não tenham a eficácia de palavra de Deus!

X

[...]

A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme; quando cada palavra do pregador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atónito, sem saber parte de si, então é a preparação qual convém, então se pode esperar que faça fruto: *Et fructum afferunt in patientia*.

Enfim, para que os pregadores saibam como hão-de pregar e os ouvintes a quem hão-de ouvir, acabo com um exemplo do nosso Reino, e quase dos nossos tempos. Pregavam em Coimbra dois famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus escritos; não os nomeio, porque os hei-de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade qual dos dois fosse maior pregador; e como não há juízo sem inclinação, uns diziam este, outros, aquele. Mas um lente, que entre os mais tinha maior autoridade, concluiu desta maneira: «Entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízo; só direi uma diferença, que sempre experimento: quando ouço um, saio do sermão muito contente do pregador; quando ouço outro, saio muito descontente de mim.».

Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo, que saíeis do sermão muito contentes do pregador; agora quisera eu desenganar-vos tanto, que saíeis muito descontentes de vós. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus

costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós.

Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. Preguemos e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum.*

Anexo 03

- “Sermão de Santo Antônio (aos peixes)”: proferido no Maranhão em 1654, ataca a escravização de índios.
- “Sermão do mandato”: proferido na Capela Real de Lisboa em 1645, desenvolve o tema do amor místico.



Leitura

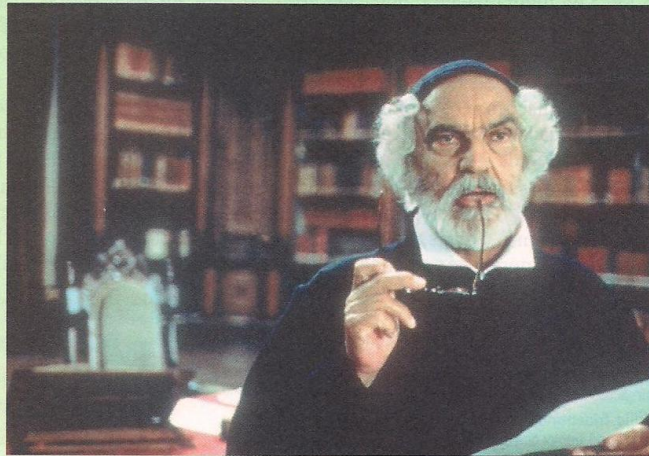
Você vai ler a seguir um trecho do “Sermão da sexagésima”, um dos mais importantes de Vieira. Nesse sermão, o autor, ao mesmo tempo que desenvolve a temática religiosa, discorre sobre a arte de pregar por meio de sermões. O texto é um exemplo da grande e nunca superada habilidade de Vieira como pregador.

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles havemos de entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. [...]

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo.

Os ouvintes, ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. [...] a palavra de Deus é tão fecunda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus, ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus são as pedras e os espinhos. E por quê? — Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades



Cena do filme *Palavra e utopia*, do cineasta português Manoel de Oliveira. Mais do que um filme biográfico, a obra é um documento sobre a arte do dizer e do pensar. O papel de Vieira é feito pelo ator brasileiro Lima Duarte.

Divulgação/AE

endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. [...]

Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode-se ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quando as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. [...]

[...] E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e apesar da dureza, nasce nas pedras.

Podéramos arguir ao lavrador do Evangelho de não cortar os espinhos e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de indústria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força que semeava. É tanta a força da divina palavra, que, sem cortar nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. É tanta a força da divina palavra, que, sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras. [...] Tomai exemplo nessas mesmas pedras e nesses espinhos! Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do Céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem.

Quando o semeador do Céu deixou o campo, saindo deste Mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeito da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? — Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus? — Por culpa nossa.

(In: Eugênio Gomes, org. *Vieira — Sermões*. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972. p. 94-9.)

agudo: perspicaz, sutil, penetrante.

alvedrio: vontade própria, arbitrio.

arguir: acusar, censurar.

Concílio Tridentino: o mesmo que Concílio de Trento, que deu origem ao movimento da Contrarreforma.

concorrer: juntar-se, contribuir.

concurso: afluência, encontro.

de indústria: de propósito.

mister: necessidade.

persuadir: convencer.

1. Logo no 1º parágrafo do texto, Vieira apresenta na forma de pergunta o tema a ser desenvolvido: *Por que a palavra de Deus faz pouco fruto?* Como é comum em sermões, o orador faz várias perguntas e ele mesmo responde, como meio de conduzir o raciocínio de seu ouvinte. Que possíveis causas Vieira atribui ao pouco fruto da palavra de Deus, isto é, ao fato de a pregação religiosa não fazer efeito nos ouvintes?

2. Vieira costuma desenvolver seus sermões por meio de raciocínios complexos e lógicos, em que faz uso frequente de metáforas, comparações e alegorias. Nesse sermão, por exemplo, ele constrói correspondências alegóricas, que podem ser assim esquematizadas:

Sempre é necessário:

para converter uma alma

- pregador → com a doutrina, persuadindo
- ouvinte → com o entendimento, percebendo
- Deus → com a graça, iluminando

para um homem se ver

- olhos
- espelho
- luz

Releia o primeiro parágrafo do texto e estabeleça as relações: A quem correspondem os elementos *olhos, espelho e luz*?

Alegorias, metáforas & cia.

Etimologicamente, *alegoria* significa "um discurso que faz entender o outro", ou "uma linguagem que oculta outra".

No "Sermão da sexagésima", por exemplo, são empregadas várias metáforas, como a semente de trigo, a pedra e o espinho, que, no conjunto, ganham um significado alegórico maior: representam a semente religiosa e a conversão das pessoas ao catolicismo.

3. Na busca de identificar o responsável pelo pouco fruto da palavra de Deus, o autor de imediato inocenta a Deus. Que argumento ele utiliza para isso?
4. Sendo Deus inocentado, a culpa passa a ser ou do pregador ou dos ouvintes. Valendo-se da alegoria do trigo, o autor afirma que, se a semente não vinga, quando semeada, tal fato não advém da qualidade da semente, mas dos espinhos e das pedras do solo. Traduza o significado dos elementos que participam dessa alegoria:
 - a) a semente;
 - b) os espinhos;
 - c) as pedras.
5. No final do texto, chega-se a uma conclusão sobre a atribuição da responsabilidade pelo pouco efeito da palavra de Deus.
 - a) Qual é essa conclusão?
 - b) Por que se pode afirmar que esse sermão é um exercício de metalinguagem?
6. Qual das duas tendências estéticas encontradas no Barroco — o cultismo e o conceptismo — predomina nesse sermão de Vieira? Por quê?

Para quem quer mais na Internet

Se você quer ler outros sermões do Pe. Antônio Vieira, acesse os sites:

- www.portoeditora.pt/bdigital/pdf/NTSITE99_SerStoAntPeix.pdf
- www.cultura.salvador.ba.gov.br/sitios-herma-peantoniovieira.php
- www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sermoes.html

PLANO DE AULA N° 04

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1ª Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 24/05/2013

Horário: 09h00 às 10h50

2 Objetivos

Apresentar o gênero textual resenha. Mostrar as características estáveis do gênero e as diferenças entre resenha crítica e descritiva. Propor aos alunos a produção de uma resenha, com base no que foi exposto.

3 Conhecimentos

Resenha descritiva e resenha crítica.

4 Metodologia

09h00 - 09h05 - Chamada.

09h05 - 09h10 - Perguntar aos alunos se eles têm o costume de assistir a filmes e qual o critério que utilizam para escolher um filme em uma locadora, por exemplo.

09h10 - 09h15 - Entregar aos alunos cópias da resenha do filme “*Intocáveis*” e pedir que a leiam.

09h15 - 09h25 - Pedir que os alunos comentem sobre a opinião do resenhista em relação ao filme e perguntar se a resenha despertou neles o interesse pelo filme.

09h25 - 09h45 - Explicar o que é resenha crítica, mostrar suas características, finalidades, esfera de circulação e escrever no quadro uma síntese do que foi explicado sobre o gênero. Nesse momento, será mostrada também uma resenha do jogo de vídeo Game *Batman Arkham City*.

10h05 - 10h50 - Propor aos alunos que escrevam uma resenha de filme, livro ou game, com base no que foi explicado. A resenha deverá ser apresentada à turma e entregue às professoras estagiárias.

Nos minutos finais, avisar aos alunos que na aula do dia 29 eles assistirão a um filme, que deverá ser resenhado.

5 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: participação, interesse, desempenho e engajamento. Será avaliada também a produção da resenha.

6 Referências

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 81-101.

_____. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-69.

MARTINS, Ronaldo. **Resenha: o que é e como se faz**. Disponível em: <<http://www.ronaldomartins.pro.br/materiais/didaticos/Resenha.pdf>>. Acesso em 31 abr. 2013.

NOGUEIRA, Gustavo. **Sendo o Batman por algumas horas**. Disponível em: <<http://gamecriticas.wordpress.com/2013/04/22/sendo-o-batman-por-algumas-horas/>>. Acesso em: 07 mai. 2013.

PACIEVITCH, Thais. **Resenha**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/redacao/resenha/>>. Acesso em 31 abr. 2013.

BERESFORD, Tommy. **Resenhas: Intocáveis**. Disponível em: <<http://cinemagia.wordpress.com/2012/09/06/resenhas-intocaveis/>>. Acesso em 06 mai. 2013.

Anexo 01

Com "Amor", o diretor austríaco reafirma sua posição como um dos grandes cineastas em atividade – e o mais preocupado em incomodar o público

GUILHERME PAVARIN

Twitter 24 | G+ 143 | +1 9 | LinkedIn share



PROVOCADOR
Michael Haneke, de 70 anos. Ele é um dos favoritos ao Oscar 2013.
(Foto: Fabrice Duf/Ariane/Cortis Outline)

"Nada disso merece ser mostrado", diz o personagem Georges, um aposentado de 80 anos, ao impedir que sua filha Eva veja a mãe doente, muito magra, de cama, no quarto. A cena está no aclamado longa-metragem *Amor*, do austríaco Michael Haneke, em cartaz no Brasil. Com a metade do corpo paralisada, sem conseguir falar ou comer, a mulher define com lentidão, em direção ao fim. Para preservar mãe e filha, Georges tranca a porta onde a doente repousa. Não quer que as duas se olhem. Ele dá a entender que a situação seria aflitiva demais para as duas. Outros familiares, amigos e vizinhos também são poupados. Os únicos que assistem ao espetáculo da decadência são o marido, as enfermeiras e, claro, os espectadores.

>> Oscar 2013 já tem um vencedor: Michael Haneke

Sem sutilezas, *Amor* marca a consagração do estilo bruto e sublime do cinema de Haneke. Nos últimos meses, o filme levou a Palma de Ouro em Cannes, o Globo de Ouro de Filme Estrangeiro e recebeu cinco indicações ao Oscar: Melhor Filme, Filme Estrangeiro, Roteiro, Direção e Atriz (a francesa Emmanuelle Riva, de 84 anos, no papel de Anne, a doente, se tornou a mais velha indicada ao prêmio). Boa parte dos críticos já considera *Amor* uma obra-prima. Para eles, trata-se do auge da filmografia subversiva e incômoda de Haneke. Ele já tratou do suicídio de uma família inteira (*O silêncio contido*, 1999), da injustificada tortura de outra (*Violência gratuita*, 1997 e 2007), de mutilações sexuais (*A professora de piano*, 2001) e de crueldade (*A fita branca*, 2009, também vencedor da Palma de Ouro de Cannes, em 2010).

SABIA MAIS

Assista ao trailer do filme *Amor*

estratégia de tirar o público de uma área confortável. Se o espectador sair da sala como entrou, Haneke não atingiu seu objetivo."

<http://revistasepoca.globo.com/Meio-Aberto/noticia/2013/01/michael-haneke-o-artista-do-mal-estara>

Cinema

Edição 187 - Março 2013

Crítica - A Idade da angústia

Depois de Lúcia, dirigido pelo mexicano Michel Franco, usa os temas do "bullying" e do luto para falar de crueldade adolescente

por **Juan Pablo Villalobos**

Depois de *Lúcia*, segundo filme do mexicano Michel Franco, recebeu o prêmio Um Certo Olhar, no Festival de Cannes, e teve cerca de 1 milhão de espectadores no México. O mais simples seria dizer que estamos diante de uma obra sobre assédio escolar, o tristemente famoso *bullying*. O próprio diretor reconhece que parte de seu processo criativo consistiu em entrevistar estudantes que sofreram a traumática experiência. No entanto, o longa se revela muito mais do que isso.

A história gira em torno de Roberto (Hernán Mendoza) e Alejandra (Tessa Ili), pai e filha, depois da morte de Lúcia, a esposa e mãe, num acidente de carro. Com o intuito de reconstruir a vida, os dois se mudam da litorânea Puerto Vallarta para a Cidade do México. Roberto é chef, e Alejandra, aluna do ensino médio. São o que se costuma definir como uma família pequeno-burguesa. Para a menina, o novo cotidiano se transforma numa sucessão de humilhações na escola, tão degradantes que podem causar insônia nos espectadores com filhos nessa faixa etária. É fortíssima, por exemplo, a cena em que os colegas a obrigam a comer um bolo de fezes.

Em diversos momentos da narrativa, fica difícil acreditar que uma pessoa – mesmo uma garota que acaba de perder a mãe e sofre chantagem – consiga tolerar semelhantes vexames sem se revoltar. Mas a realidade mostra que absurdos dessa natureza acontecem, e é o que Michel Franco parece querer dizer acima de tudo: a crueldade e a capacidade de tolerá-la na adolescência não conhecem limites.

<http://bravonline.abril.com.br/materia/a-idade-da-angustia>

A resenha pode ser:

Descritiva: Traz informações, por exemplo, sobre um filme (nome do filme, do seu diretor e produtor, dos atores, sua procedência, o gênero, etc) e, em seguida, uma sinopse do enredo.

Crítica: Apresenta, além dos dados presentes na resenha descritiva, opiniões e julgamentos do resenhista sobre as ideias do autor, o valor da obra, etc.



Contexto de Circulação

Atualmente, encontramos resenhas em diversos meios de comunicação: revistas, grandes portais da *Internet*, como UOL, Globo e Terra e até mesmo em *blogs* pessoais.

Os leitores de resenhas

O perfil dos leitores de resenhas varia tanto quanto as obras resenhadas. Geralmente, os leitores de resenha desejam não só uma descrição de determinada obra, mas também uma opinião sobre a sua qualidade. Se confiam nos autores das resenhas, podem se basear em seus textos para decidirem se vale ou não a pena conhecer tal obra.





Título original: Rio
 Lançamento: 2011 (EUA)
 Direção: Carlos Saldanha (brasileiro)
 Elenco: Jesse Eisenberg, Anne Hathaway, Rodrigo Santoro, Leslie Mann
 Gênero: Animação

O filme conta a história de uma arara azul chamada Blu. A ave cresce acreditando ser a última de sua espécie, até descobrir que há uma arara azul fêmea no Rio de Janeiro. Com a missão de impedir a extinção de sua espécie, Blu é obrigado a deixar o conforto de sua gaiola em Minnesota, onde é criado como um animal de estimação, para se aventurar em uma cidade totalmente estranha.

Acontece que o problema só aumenta quando Blu conhece Jade, uma ave independente e feminista que não tem a menor intenção de facilitar a sua tarefa. Na cidade maravilhosa, as araras acabam embarcando em uma grande aventura onde conhecem a coragem, a amizade e o amor.

Além da tecnologia 3D, o longa conta com a brilhante direção de Carlos Saldanha, premiado cineasta brasileiro que também dirigiu grandes sucessos como a Era do Gelo 2. O cenário também é muito convidativo, já que todos os detalhes dão a paisagem um ar ainda mais real.

Um filme divertido, com uma série de animazinhos irreverentes e uma questão séria abordada: a extinção das araras azuis.



Animação feita por brasileiro não ajuda a mudar a imagem do país no exterior

Por Marcelo Forlani, em 07 de Abril de 2011.

Rio é uma animação da Fox, dirigido por Carlos Saldanha (O Carioca que dirigiu Era do Gelo e outros tantos). Aqui no Brasil, o filme obteve aclamação do público, faturando \$8,3 milhões de dólares nas bilheterias.

A trama se desenvolve quando Blu, uma arara azul macho, que vive nos EUA como bicho de estimação, precisa procriar para salvar a espécie. Uma arara fêmea, Jade, espera por ele na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. As duas aves, no entanto, são sequestradas por traficantes de animais, dos quais tentarão escapar durante o longa.

Mais aventureso e dramático do que cômico, o enredo vai mostrando como Blu e Jade escapam das garras dos bandidos, se livram das algemas que as mantêm juntas, fazem amizades com animais locais e visitam os cartões postais do Rio de Janeiro, do Cristo Redentor à Copacabana, todos lindamente retratados. Existe também a história do amadurecimento de Blu, a redenção do menino que levou as aves até os contrabandistas e a aventura de Linda e Tulio pela favela e pelo Sambódromo, tudo feito de maneira bem divertida e leve, mas, infelizmente, leviana.

Em se tratando de um filme para a família e feito no Brasil, tudo logicamente acaba em samba, mas o desenrolar todo serve para alimentar ainda mais todos os estereótipos que os estrangeiros têm do nosso país. Sendo o diretor um brasileiro era esperado (pelo menos por mim), uma visão menos caricata, que ao menos não tivesse seguranças fortes escondendo roupinhas brilhantes por baixo do uniforme, só esperando o momento de "cair no samba".

É óbvio que somos conhecidos lá fora pelo trimônio futebol-samba-bunda por méritos (ou deméritos) próprios, que vão desde os resultados nas Copas do Mundo e o crescimento do turismo na época do Carnaval, ao caso de prostitutas envolvidas em grandes escândalos, mas será que isso é realmente tudo o que temos para oferecer?

<http://omelete.uol.com.br/cinema/rio-critica/>



Dicas e indicações

Como e por que ler os clássicos universais desde cedo

Ana Maria Machado

Editora: Objetiva

A premiada escritora Ana Maria Machado nos conduz por uma fascinante viagem – um passeio pelos grandes textos de literatura universal. Um mergulho no que de melhor já se produziu em literatura infanto-juvenil. Acompanhá-la ao longo dessas páginas é constatar que ler pode transformar-se numa grande aventura. Numa linguagem saborosa, a autora nos conta um pouco de sua própria história de leitora. Suas primeiras paixões literárias, seus personagens inesquecíveis, as histórias que sempre volta a ler. Enquanto traça a cartografia emocionada de suas paixões literárias, Ana Maria Machado nos contagia e nos desperta a vontade de também conhecer esses personagens incríveis.

Resenha de Livro

Deve conter:

Título: a resenha deverá ter um título diferente do título do livro que está sendo resenhado.

Autor: nome do autor e informações relevantes sobre sua biografia.

Resumo: Descrição resumida da organização geral e conteúdo da obra.

Crítica: Exposição dos comentários positivos e negativos da obra e recomendação ou não da obra.

Resenha de Filme

Deve conter:

Ficha Técnica: Nome do filme, elenco, gênero, ano de estreia, autor do roteiro, diretor, etc.

História: Dar ao leitor uma ideia geral de toda a história.

Ambientação: É uma breve descrição dos locais onde se passam as ações da aventura: o país, o estado, as cidades, etc.

Personagens: Todos os principais que participam da história.

Curiosidades: A critério do resenhista, podem ser coisas curiosas da história, dos personagens, falhas na arte, etc.

Depoimento: A opinião pessoal sobre a aventura resenhada.



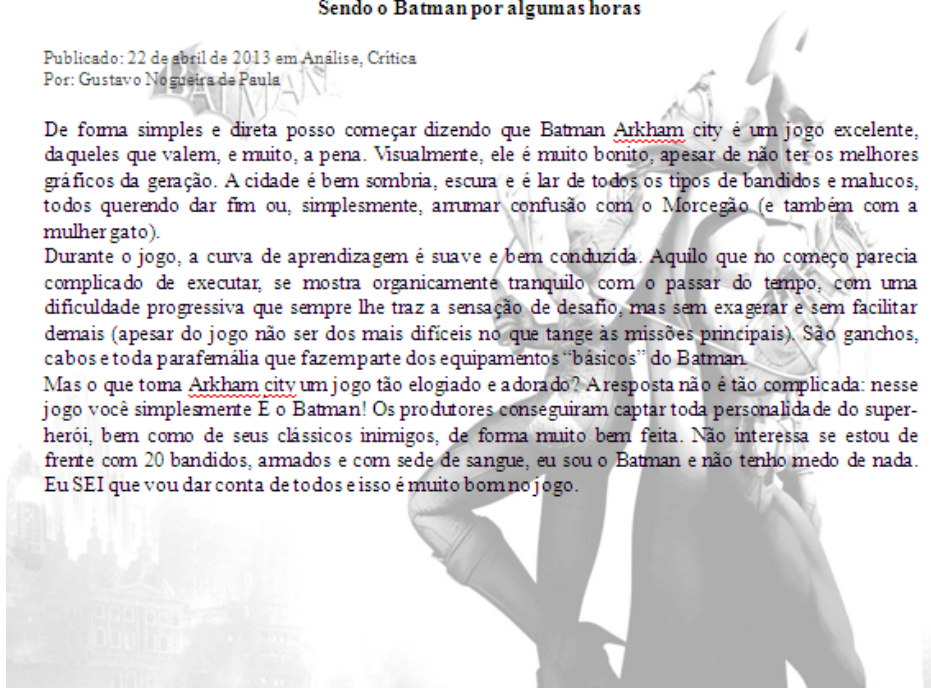
Sendo o Batman por algumas horas

Publicado: 22 de abril de 2013 em Análise, Crítica
Por: Gustavo Nogueira de Paula

De forma simples e direta posso começar dizendo que Batman Arkham city é um jogo excelente, daqueles que valem, e muito, a pena. Visualmente, ele é muito bonito, apesar de não ter os melhores gráficos da geração. A cidade é bem sombria, escura e é lar de todos os tipos de bandidos e malucos, todos querendo dar fim ou, simplesmente, anumar confusão com o Morcegão (e também com a mulher gato).

Durante o jogo, a curva de aprendizagem é suave e bem conduzida. Aquilo que no começo parecia complicado de executar, se mostra organicamente tranquilo com o passar do tempo, com uma dificuldade progressiva que sempre lhe traz a sensação de desafio, mas sem exagerar e sem facilitar demais (apesar do jogo não ser dos mais difíceis no que tange às missões principais). São ganchos, cabos e toda parafernália que fazem parte dos equipamentos “básicos” do Batman.

Mas o que torna Arkham city um jogo tão elogiado e adorado? A resposta não é tão complicada: nesse jogo você simplesmente É o Batman! Os produtores conseguiram captar toda personalidade do super-herói, bem como de seus clássicos inimigos, de forma muito bem feita. Não interessa se estou de frente com 20 bandidos, armados e com sede de sangue, eu sou o Batman e não tenho medo de nada. Eu SEI que vou dar conta de todos e isso é muito bom no jogo.



A cidade é grande e com várias coisas escondidas, possibilitando que os jogadores mais dedicados tenham muito material para explorar após o término da missão principal. A história do jogo é muito bem contada e soube explorar o que havia de melhor em cada personagem envolvido, com reviravoltas interessantes e dramaticidade na medida certa. Ela não é a mais inovadora do mundo, mas é aquele clássico bem feito que nunca sai de moda.

O sistema de lutas e combate também é muito agradável, sendo fluido e direto. Apesar de normalmente não serem muito complicados, os combates transmitem a sensação que precisam transmitir: não interessa quem vem pela frente, eu sou o Batman e vou derrotar todos.

Voar pela cidade também é uma tarefa bem interessante. Aquilo que levava um bom tempo enquanto o jogador não domina todos os comandos, passa a ser uma atividade praticamente intuitiva no decorrer do jogo causa um sentimento bom de pertencimento aquele lugar caótico.

De maneira resumida, Batman Arkham City me surpreendeu muito e de forma extremamente positiva. Recomendo a todos para que joguem e sintam o potencial que os videogames têm para explorar um universo que já bebeu de várias outras fontes. Voltando a eterna discussão sobre qual deveria ter sido o jogo do ano em 2011, que foi parar nas mãos de Skyrim, talvez o mais justo teria sido Arkham City e sei que muitos vão concordar comigo.

As velhas - resenha crítica

Por Caroline De [Wuf](#), em maio de 2011.

Como toda esperada “quarta dramática”, mais uma vez o projeto encanta os espectadores. No espetáculo da última quarta-feira (11/05), da peça *As Velhas* de Lourdes Ramalho, o que surpreendeu os espectadores foi a extraordinária encenação dos atores, que diferentemente das leituras anteriores, não eram alunos de artes cênicas, mas na sua maioria, alunos de letras e funcionárias da secretaria. *As Velhas* aborda temas como a seca, o poder político, os conflitos familiares e a vida rural, assuntos que problematizam a realidade de certos brasileiros. A presença de muitas personagens protagonistas femininas também chama a atenção para a peça.

Sempre buscando trazer peças nacionais e valorizar os dramaturgos brasileiros, o Quarta dramática abordou desta vez uma peça de caráter regional, na qual mostra a vida sofrida de brasileiros que vivem no sertão nordestino. Sob a direção do professor André Luís Gomes, a peça que por si só já é envolvente, captou ainda mais o envolvimento da platéia pelos recursos cênicos utilizados.

<http://quartasdramaticas.blogspot.com.br/2011/05/as-velhas-resenha-critica-de-caroline.html>

PLANO DE AULA N° 05

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1ª Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 29/05/2013

Horário: 07h30 às 09h00

2 Objetivos

Passar o filme *Sombras de Goya*.

3 Conhecimentos

Gênero filme. Características do Barroco europeu. Contexto histórico da Inquisição.

4 Metodologia

07h30 - 07h35 - Chamada.

07h35 - 07h45 - Situar os alunos em relação ao filme que irão assistir, explicar que deverão atentar às características barrocas e que a finalidade será a produção de uma resenha crítica sobre o filme.

07h45 - 9h00 – Assistir aos primeiros 75 minutos do Filme, em sala de aula.

5 Recursos

DVD, netbook e projetor, caderno e material para registro.

6 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: interesse, engajamento e colaboração.

7 Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

Sombras de Goya. Produção de Saul Zaentz. Espanha. Distribuidora Kanzaman S.A.l.
2005. 1 DVD (140min).

Anexos



Atividade: resenha do filme

- Barroco;
- Contexto histórico da Inquisição;
- Gênero: resenha.

- A proposta é:

Fazer uma resenha do filme Sombras de Goya, que será postada no blog www.textosonline.wordpress.com.

Sombras de Goya

Título original: Goya's Ghosts

Ano: 2006

Gênero: drama

Tempo: 113min

Direção: Miloš Forman

Produção: Saul Zaentz

Escrito por: Miloš Forman e Jean-Claude Carrière

Elenco: Natalie Portman, Javier Bardem, Stellan Skarsgård, Randy Quaid e Unax Ugalde.

Censura: 14 anos

País: Espanha, EUA

Legenda: Inglês, Português

Áudio: Inglês (Dolby Digital 2.0, 5.1 UPMIX)

Português (Dolby Digital 2.0)

Distribuição: Warner Bros., Entertainment Film e Samuel Goldwyn Films.



Quem foi Goya?

Francisco José de Goya y Lucientes (Fuendetodos, 30 de março de 1746 - Bordeaux, 16 de abril de 1828) foi um pintor espanhol.

Viveu entre Zaragoza e Madrid.

No ano de 1780, entrou para a Academia de San Fernando e apresentou a obra "La Crucificada". Nessa pintura Goya seguiu as regras acadêmicas, provando que era um mestre do estilo convencional. Em 1785, começou a receber encomendas da aristocracia.

Em 25 de abril de 1785, depois da morte de Carlos III e da coroação de Carlos IV, foi nomeado "Primeiro Pintor da Câmara do Rei", tornando-se o pintor oficial do monarca e sua família.





La Crucificada - 1780



O milagre de Santo Antonio

courtesy of www.franciscodegoya.net



Francisco De Goya - The Complete Works

Señora Sabasa
Garcia

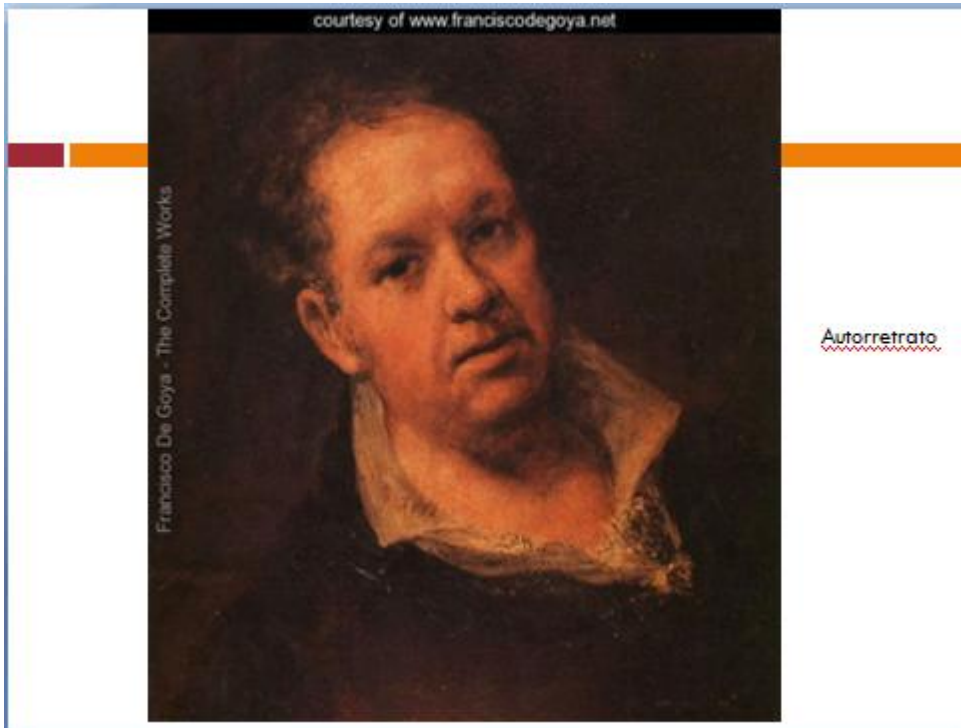
courtesy of www.franciscodegoya.net



courtesy of www.franciscodegoya.net

Francisco De Goya - The Complete Works

Carlos IV e sua familia



Procissão dos flagelados



Cena da Inquisição

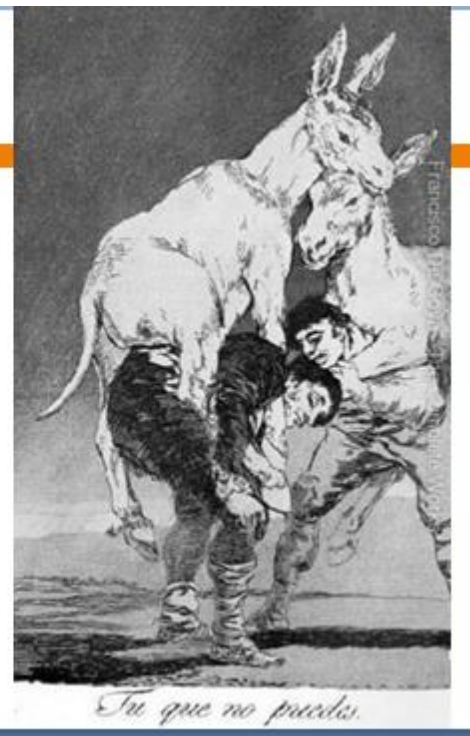
Los Caprichos

Los Caprichos é uma série de 80 gravuras publicadas entre 1797 e 1799.

As gravuras são um experimento artístico: um meio de Goya condenar as "loucuras" da sociedade espanhola.

A crítica é forte: contra o predomínio da superstição e da ignorância.







O sonho da razão produz
monstros



Seja rápido, eles estão acordando

Desastres de la Guerra



Os desastres da guerra é uma série de 82 gravuras, feitas entre 1810 e 1815. As estampas detalham as crueldades cometidas na Guerra da Independência Espanhola.



Saturno devorando um filho é uma das pinturas a óleo sobre reboco que fazia parte da decoração dos muros da casa que Francisco de Goya adquiriu em 1819 chamada a Quinta del Sordo.

PLANO DE AULA N° 06

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1^a Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 05/06/2013

Horário: 07h30 às 09h00

2 Objetivos

Terminar de assistir ao filme *Sombras de Goya*. Propor a elaboração de resenha crítica do filme *Sombras de Goya*.

3 Conhecimentos

Depreender características do barroco no filme. Gênero resenha.

4 Metodologia

07h30 - 07h35 - Chamada.

07h35 - 07h45 - Fazer síntese do filme *Sombras de Goya*.

07h45 - 08h15 - Terminar de assistir ao filme.

08h15 - 08h25 - Propor debate, levantando os seguintes temas: papel da Igreja Católica no século XVII; ideais revolucionários; a importância da arte na sociedade.

08h25 - 08h30 - Explicar a atividade: elaborar resenha crítica do filme que deverá ser publicada no *blog*.

08h30 - 08h35 - Mostrar o *blog* criado para a publicação das resenhas dos primeiros anos A e B.

08h35 - 09h00 - Início da escrita da resenha, com o auxílio das professoras estagiárias. Quando bater o sinal, as professoras recolherão a primeira versão da resenha.

5 Recursos

Material de registro (caderno, caneta, lápis), quadro, caneta, computador, *datashow*, *internet*.

6 Avaliação

A avaliação será atitudinal e procedimental. As professoras estagiárias avaliarão o comportamento e comprometimento dos alunos no debate e na elaboração da resenha.

7 Referências

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In:

_____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 39-46.

_____. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 81-101.

_____. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-69.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

PLANO DE AULA N° 07

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1^a Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 07/06/2013

Horário: 09h00 às 10h50

2 Objetivos

Trabalhar com as inadequações recorrentes na primeira versão da resenha. Refletir sobre o texto e pensar em estratégias para corrigir o que for necessário.

3 Conhecimentos

Aspectos formais do gênero resenha. Revisão textual. Adequação linguística.

4 Metodologia

09h00 - 09h05 - Chamada.

09h05 - 09h45 - A aula será reservada para exercícios e explicações sobre as inadequações referentes a aspectos do gênero e da norma culta nos textos dos alunos. As atividades dependerão da quantidade de temas abordados.

10h05 - 10h50 - Entregar a primeira versão da resenha para que os alunos façam correções considerando o indicado no *feedback*. Início da reescrita da resenha com o auxílio das professoras estagiárias.

Caso mais de um aluno termine a resenha antes do tempo previsto, será proposta uma atividade de revisão colaborativa. Os alunos terão seus textos lidos por colegas que tecerão comentários ou correções. Os “revisores” deverão seguir as seguintes regras: respeitar o texto do colega; ser organizado, caso faça comentários por escrito; dar sugestões.

5 Recursos

Quadro, giz, caderno, material para registro.

6 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: participação, interesse, desempenho, engajamento e colaboração.

7 Referências

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: _____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003. p. 107-153.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 39-46.

_____. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 81-101.

_____. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-69.

PLANO DE AULA N° 08

1 Identificação

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. José Análio de Oliveira Trindade

Professora Titular: Dra. Nara Caetano Rodrigues

Professoras Estagiárias: Tayse Feliciano Marques e Valéria Cunha dos Santos

Supervisor: Profa. Dra. Isabel Monguilhott

Série: 1^a Turma: A Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 12/06/2013

Horário: 07h30 às 09h00

2 Objetivos

Digitar a versão final da resenha, selecionar imagem para ilustração e postar no *blog*. Debater sobre as experiências do estágio.

3 Conhecimentos

Aspectos formais da resenha. Digitação da resenha. Seleção de ilustração.

Postagem de textos em *blog*.

4 Metodologia

07h30 - 07h35 - Chamada.

07h35 - 07h45 - Explicar aos alunos que eles irão ao laboratório de informática para digitalizar a resenha e publicá-la no *blog*. Pedir a colaboração de todos.

07h45 - 08h30 - Levar os alunos ao laboratório de informática. Auxiliá-los na digitação de suas resenhas e na posterior publicação no *blog*.

08h30 - 08h35 - Encaminhar os alunos à sala de aula.

08h35 - 09h00 - Socializar com a turma a experiência do estágio. Questioná-los acerca do nosso desempenho como professoras e agradecer à professora titular e aos alunos pela recepção e pela concretização do trabalho realizado.

5 Recursos

Computadores, *internet*, caderno.

6 Avaliação

A avaliação será diagnóstica e processual. Serão observados os seguintes aspectos: participação, interesse, desempenho, engajamento e colaboração. Também será avaliado o comportamento dos alunos no laboratório de informática.

7 Referências

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: _____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003. p. 107-153.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.

_____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 39-46.

_____. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 81-101.

_____. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-69.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

2.5 Relato do exercício de docência

15 de maio, quarta-feira.

23 alunos presentes.

Antes de bater o sinal, já estávamos dentro de sala, ligamos o aparelho *datashow* e abrimos os *slides*. Enquanto organizávamos os últimos detalhes, os alunos iam chegando e se acomodando na sala. Ao horário de início da aula, às 07h30, chegaram nossa professora orientadora, Isabel, a professora regente da turma, Nara, e os demais alunos.

Iniciamos a aula com a apresentação nossa e do projeto de docência. Com o intuito de explicar cada etapa do projeto, falamos que as primeiras aulas seriam dedicadas ao movimento artístico Barroco e seus principais atores. Depois ensinaríamos o gênero textual resenha e passaríamos um filme, com o objetivo de cada aluno escrever uma resenha crítica e publicá-la no *blog* dos primeiros anos, que seria criado. Após isso, a professora estagiária Tayse fez a chamada.

A primeira aula foi conduzida principalmente pela professora estagiária Valéria, que utilizou um apresentação de *slides* para traçar um panorama histórico da Europa e do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII. Explicou também sobre as figuras de linguagem mais recorrentes nas obras barrocas, como antítese, paradoxo, hipérbole e metáfora, bem como cultismo e conceptismo.

Durante as explicações, Valéria pediu para que os alunos fizessem anotações em seus cadernos. No entanto, percebendo que eles estavam apáticos e não fazendo anotações, avisou que levaria um resumo de todo o conteúdo para a próxima aula. Valéria também escreveu no quadro o número das páginas do livro didático (p. 180-187) que tratava sobre Barroco, a fim de que os alunos olhassem e estudassem o conteúdo em casa.

Em seguida, ao início da segunda aula, a professora estagiária Tayse apresentou, com o auxílio de *slides*, as influências e contribuições do Barroco na arquitetura, escultura, pintura, moda e música.

Em relação à arquitetura, Tayse trouxe exemplos de construções, principalmente igrejas, do período Barroco. No momento em que falou e mostrou as igrejas construídas por Aleijadinho. Os alunos demonstraram interesse, pois, no ano anterior, parte deles foi a Minas Gerais e conheceu algumas das construções apresentadas.

Os alunos também demonstraram interesse no momento em que foi apresentada a música *Primavera*, de Vivaldi. Tayse pediu para que eles atentassem nas alternâncias entre

tons fortes e tons fracos na música, bem como nos momentos em que a orquestra tocava e os momentos de solo, que são típicos do contraste barroco.

Depois dessa música, iniciamos a atividade de análise da música *Certas Coisas*, de Lulu Santos. No momento em que fomos mostrar a música aos alunos, o som não funcionou como na música *Primavera*. O som pareceu ter ficado desconfigurado. Infelizmente, seguiu-se a atividade sem o áudio. Foi feita a leitura em voz alta da música e sua posterior interpretação.

Por fim, a professora Valéria fez a segunda atividade com os alunos: análise e interpretação do poema *A Maria dos Povos*, de Gregório de Matos. Mais uma vez, Valéria atentou para as figuras de linguagem presentes nos poemas.

Logo após o término da atividade, o sinal bateu. Desligamos os aparelhos, recolhemos os materiais, apagamos o quadro, preparando a sala para o próximo professor.

Notamos nessa aula alguns alunos sonolentos, desatentos, outros realizando tarefas de outras disciplinas. Além disso, os alunos que participavam das aulas eram sempre os mesmos.

17 de maio, sexta-feira.

23 alunos presentes.

Após a realização da chamada, a professora estagiária Tayse retomou com os alunos o conteúdo da aula anterior. Relembrou o movimento artístico Barroco, suas principais características e figuras de linguagem. Os alunos contribuíram com a revisão, falaram do conflito do homem barroco, das principais obras da pintura e da arquitetura.

Após isso, Tayse explicou à turma que a aula do dia trataria sobre o poeta Gregório de Matos e seus principais sonetos e poemas. Fez uma apresentação breve, de forma expositiva, da biografia do poeta e explicou a sua relação com o movimento artístico Barroco.

Em seguida, Tayse iniciou a apresentação dos *slides*, com os exemplos das poesias lírica, satírica, sacra e erótica do poeta, analisando-as e atentando para as figuras de linguagem presentes.

Para exemplificar a poesia lírica, Tayse trouxe o soneto *À mesma Dona Ângela* e o poema *Minha Rica Mulatinha*. Nesses poemas, enfatizou os conflitos do eu lírico, que sente desejos corporais pela amada, e, ao mesmo tempo, é assaltado pela culpa do pecado.

Senhora Dona Bahia e *A cada canto um grande conselheiro* foram trazidos como exemplos da poesia satírica. Tayse explicou que o principal alvo das poesias satíricas de Gregório de Matos era a cidade da Bahia, sobretudo sua situação econômica e moral decadente.

Para a poesia sacra, trouxe o soneto *A Nosso Senhor Jesus Cristo com Atos de Arrependido e Suspiros de Amor* em que o eu lírico humilha-se diante de Deus, com um forte sentimento de culpa por haver pecado, e promete redimir-se.

Por fim, para exemplificar a poesia erótica, o soneto *Necessidades Forçosas da Natureza Humanas* foi lido. Tayse explicou que Gregório de Matos, na poesia erótica, exaltava a sensualidade e a volúpia das amantes que havia conquistado na Bahia e apontava os escândalos sexuais que envolviam os conventos da cidade.

Boa parte da leitura dos poemas e sonetos foi realizada pelos alunos, que se mantiveram atentos à aula. Nos momentos em que havia cochichos, bastava pedir silêncio que eles atendiam.

Após a análise do último poema, Tayse entregou aos alunos cópias do soneto *Triste Bahia* de Gregório de Matos e da canção *Triste Bahia*, de Caetano Veloso e pediu que lessem o soneto silenciosamente. Antes de terminarem a leitura, o sinal para o recreio bateu e os alunos saíram da classe.

Assim que retornaram do intervalo, os alunos concluíram a leitura solicitada. Após isso, Tayse perguntou à turma o que tinham entendido do soneto. Alguns alunos falaram que era um poema criticando a Bahia, pois afirmava que o estado era triste. Como poucos alunos se manifestaram, Tayse leu em voz alta o soneto, analisou com os alunos, explicou que Gregório de Matos comparava a situação da Bahia de outrora, rica e opulenta, com a situação da Bahia do século XVII, explorada pelos portugueses, e, por isso, se encontrava triste.

Imediatamente, Tayse colocou a música *Triste Bahia*, de Caetano Veloso, para tocar e pediu que os alunos a acompanhassem pela folha com a cópia da canção. Todos ficaram atentos, mas, nos minutos finais da música, eles se mostraram cansados, tanto pela demora do término da música quanto pelas repetições de frases.

Tayse analisou a letra e comparou com o poema. Enfatizou que o contexto em que a Bahia estava inserida era diferente nas duas obras, mas que ambas havia um teor crítico.

Depois disso, entregou aos alunos cópias com a atividade de interpretação dos poemas de Gregório de Matos: *A Jesus Cristo Nosso Senhor* e *Pondera Agora com Mais Atenção a Formosura de D. Ângela*, para entregar às professoras estagiárias ao término da aula. Tayse leu os poemas, esclareceu dúvidas de vocabulário e leu também as questões.

Os alunos demonstraram algumas dificuldades na interpretação dos poemas, principalmente na questão que pedia uma explicação paradoxal do soneto. Aproximadamente cinco alunos disseram não saber o que era *paradoxal*. Vale destacar a falta de atenção, já que na aula anterior, a professora Valéria havia explicado o conceito de paradoxo, com exemplos

e, no início da aula, a professora Tayse lembrou o mesmo conceito, com outros exemplos. Devido às dúvidas constantes, Valéria escreveu no quadro dois exemplos de paradoxo.

Enquanto respondiam às questões, estávamos disponíveis para esclarecer as possíveis dúvidas. Alguns alunos demoraram em iniciar as atividades ou não demonstraram muito interesse, foi necessário enfatizar que a atividade valeria nota.

Poucos minutos para o final da aula, alguns alunos ainda não tinham concluído, mas todas as atividades nos foram entregues.

22 de maio, quarta-feira.

24 alunos presentes.

Chegamos com antecedência, às 07:15, e fomos para a sala de aula instalar o aparelho de *datashow*. No entanto, como era dia de paralisação dos servidores federais, a inspetoria estava fechada. Com isso, consideramos a impossibilidade de utilizar o computador em sala e a professora Valéria escreveu no quadro um esquema com as palavras-chave da aula, que poderia substituir o uso dos *slides*.

Ao primeiro sinal, a professora Fernanda Müller entrou em sala e nos disse que substituiria a professora Nara. Perguntou se precisávamos de algo, quando falamos sobre a chave do armário e o controle do aparelho de *datashow*. Então, a professora se ofereceu para buscar a cópia da coordenadoria.

Com a chave em mãos, Tayse ligou os aparelhos enquanto Valéria fez a chamada. A aula foi iniciada com a presença das professoras Isabel e Fernanda.

Nos primeiros minutos, a professora Valéria fez uma breve revisão sobre os conteúdos anteriores, com pouca participação dos alunos. Como alguns termos citados nas aulas anteriores estavam escritos no quadro, eles foram utilizados para a revisão.

Após isso, de maneira expositiva e com o auxílio de uma apresentação de *slides*, a professora Valéria falou sobre a vida e obra de Padre Antônio Vieira, como um dos nomes mais importantes do Barroco literário. Além disso, foi abordado em também o contexto histórico da época no Brasil e em Portugal.

Os alunos estavam quietos, mas muito dispersos. Muitos deles cochilavam. Sabendo que o assunto poderia ser monótono para a maioria, Valéria deixava para chamar a atenção dos alunos – literalmente acordá-los, em alguns casos – nos momentos em que era tratado algum ponto mais pertinente.

Assim como nas outras aulas, a fim de fazer com que os alunos soubessem onde recuperar o conteúdo do dia, foram escritos no quadro os números das páginas do livro didático que tratam sobre o Barroco em Portugal e a vida e obra de Vieira (páginas 206-211).

Prevendo que a aula poderia ser entediante, a professora Valéria decidiu passar trechos do filme *Palavra e Utopia*, que conta a história de vida de Padre Vieira. O filme português possui um ritmo e linguagem distantes dos adolescentes, mas serviu para ilustrar o ambiente em que eram falados os sermões, gênero textual de forte expressão no movimento barroco brasileiro. Foi exibido no total cerca de cinco minutos do longa metragem. Nessa hora os alunos ergueram as cabeças e atentaram para o que estava se passando.

Por volta de 08:00 Valéria iniciou uma explicação sobre o gênero sermão, falando quem são seus autores, quais suas esferas de circulação e características particulares. Em seguida, foram reforçados os conceitos de cultismo e conceptismo.

Posteriormente, a professora Valéria solicitou que os alunos sentassem em duplas para realizarem a leitura de trechos do Sermão da Sexagésima, de Padre Vieira. Nesse momento os alunos foram todos acordados, pois deveriam prestar atenção na leitura para posterior atividade de interpretação, que fez parte das avaliações de participação. Cada dupla recebeu uma cópia dos excertos.

Os excertos foram selecionados por nós para evitar uma leitura em voz alta muito prolongada, de modo que não afetou a compreensão total do texto.

Antes de iniciar a leitura do Sermão, a professora Valéria leu a passagem bíblica, em Lucas 8, a que Padre Vieira faz referência no início de seu texto. A intenção de levar mais esse elemento para a sala de aula foi de facilitar a compreensão do sentido e do contexto do Sermão.

Valéria ficou circulando pela sala, intercalando a leitura com os alunos para que o ritmo não desacelerasse. Alguns alunos se recusaram a ler, mas outros, que geralmente não liam, leram dessa vez.

Durante a leitura, o vocabulário era esclarecido, bem como as figuras de linguagem que apareciam no decorrer do texto, como antítese, paradoxo, metáfora e hipérbole. A cada trecho, Valéria fazia um comentário ou traçava uma possível interpretação, porque ainda com a leitura, os alunos permaneciam sonolentos.

Estava previsto em plano de aula discutir sobre a temática abordada no Sermão, mas como os alunos estavam apáticos, a professora estagiária achou melhor ir direto para os exercícios.

Valéria solicitou que os alunos fizessem os exercícios 1, 3 e 6 das páginas 210 e 211, em dupla. Eles deveriam entregar essa atividade na aula de sexta-feira, já que estávamos nos últimos minutos. Foram escritas todas as coordenadas no quadro, inclusive o prazo de entrega.

Todos os alunos começaram a fazer as atividades, mas ninguém terminou.

Bateu o sinal, recolhemos os materiais, desligamos os equipamentos e saímos da sala.

Anteriormente, havíamos planejado a realização de mais atividades do livro didático, no entanto, refletimos sobre as propostas e vimos que era melhor solicitar apenas perguntas que precisavam ser respondidas por extenso, relacionadas à interpretação do texto e à busca de informações. Essa alteração foi feita baseada nas nossas observações sobre o andamento das aulas ministradas.

24 de maio, sexta-feira.

22 alunos presentes.

Assim que o sinal para a aula de português bateu, nós estávamos em frente à sala da turma. Os alunos estavam agitados e conversadores. A professora Valéria cobrou a entrega da atividade de interpretação do Sermão da Sexagésima, do Padre Antônio Vieira, mas apenas três alunos entregaram. Os demais alegaram não ter entendido as questões e, por isso, decidimos estender o prazo de entrega para a próxima aula, sem, no entanto, ter o mesmo peso de nota.

Depois disso, Tayse fez a chamada e entregou a atividade de interpretação dos poemas de Gregório de Matos, feitos no dia 17 de maio. As atividades foram entregues apenas com o visto, com correções e comentários.

Em seguida, Tayse introduziu o tema da aula: resenha. Iniciou perguntando quais eram os critérios que os alunos utilizavam para escolher um filme para assistir ou um livro para ler. Alguns alunos disseram que, no caso dos filmes, sempre assistiam ao *trailer*, outros falaram que levavam em conta a opinião e indicação de amigos. Tais perguntas foram feitas para que os alunos vissem que tanto o resumo de obras (que é o que há no *trailer* de filmes) quanto a opinião e indicação de uma determinada obra são elementos que compõem uma resenha crítica.

Depois disso, entregou cópias da resenha do filme *Intocáveis* e pediu para que os alunos lessem silenciosamente. Concluída a leitura, Tayse perguntou quais alunos já tinham assistido àquele filme e se concordavam com a opinião do resenhista. Três alunas que já haviam assistido disseram que concordavam. Depois, Tayse perguntou se os alunos que não

tinha visto o filme sentiram curiosidade em assistir. Alguns alunos disseram que não, pois parecia ser um filme chato e monótono.

Em seguida, Tayse iniciou a apresentação de *slides*. Falou do contexto de circulação das resenhas, mostrou dois exemplos de resenhas nas revistas *online Época e Bravo*. Explicou que, além das resenhas críticas, há também as resenhas descritivas, falou das diferenças entre as duas e pediu para que os alunos copiassem essas distinções em seus cadernos. Em seguida, solicitou que um aluno lesse a resenha descritiva do filme *Rio* que estava presente no *slide* e que outro aluno lesse a resenha crítica do mesmo filme.

Foi mostrada também a resenha do livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, de Ana Maria Machado. Nesse momento, Tayse explicou que as resenhas não seguem um padrão específico, que o estilo da resenha varia muito de acordo com o meio de circulação e com o objeto resenhado. Falou também que, apesar disso, podemos retirar um padrão de composição das resenhas. Então, mostrou tópicos que devem conter nas resenhas de livros e de filmes e pediu para que copiassem em seus cadernos. Nesse momento, o sinal bateu.

Após o intervalo, os alunos começaram a copiar nos cadernos os tópicos que devem compor uma resenha. A turma estava agitada e demorou a copiar. Um aluno bateu foto do *slide* que era para ser copiado e disse que iria postar a foto no grupo do *Facebook* da turma.

Em seguida, Tayse pediu para uma aluna ler a resenha do jogo de *videogame Arkhan City*. Todos ficaram atentos à resenha. No final, alguns alunos que já conheciam o jogo comentaram sobre a crítica do resenhista e expuseram as suas opiniões. Foi lida também a resenha da peça de teatro *As Velhas*, de Lourdes Ramalho.

Depois disso, Tayse solicitou que cada aluno escrevesse uma resenha. Poderiam ser resenhados o último livro lido, ou o preferido, o último filme assistido ou o filme preferido, ou o jogo de videogame favorito. Foi estipulado o mínimo de 10 linhas.

Os garotos se mostraram empolgados para a elaboração da resenha de jogos. Quase todos eles escolheram essa opção para resenhar. Houve um pouco de agito, mas todos produziram. Em alguns momentos, os alunos nos chamavam para dúvidas de ortografia ou pedindo sinônimos e os atendíamos individualmente em suas carteiras.

Antes do término da aula, quase todos os alunos já tinham entregado suas resenhas. Assim que o sinal bateu, recolhemos as últimas produções e lembramos que na próxima aula seria passado um filme para ser resenhado e que eles não deveriam faltar.

29 de maio, quarta-feira.

22 alunos presentes.

Chegamos por volta das 07:00 e fomos até a inspetoria pegar as chaves do armário e o controle do aparelho de *datashow*.

Entramos em sala e testamos os aparelhos para a exibição do filme *Sombras de Goya*, que seria resenhado pelos alunos nas próximas aulas. Deixamos o DVD pronto e aguardamos o horário do sinal para darmos início às atividades.

Fizemos a chamada e, nos primeiros minutos, a professora Valéria apresentou a ficha catalográfica do filme, bem como seu personagem principal, Francisco Goya. Utilizando *slides*, a professora falou da importância de Goya no cenário artístico internacional, mostrando algumas gravuras de obras.

Chamamos a atenção dos alunos para os elementos barrocos que poderiam estar no filme e nas obras de Goya e fizemos uma pequena revisão do que foi visto até ali.

Depois, os alunos foram lembrados da elaboração da avaliação final, a resenha crítica do filme que seria publicada no *blog* criado especialmente para a divulgação dos textos feitos no estágio de docência de língua portuguesa.

Acessamos a página Textos Online⁵ para mostrar aos alunos onde circularia seus textos e divulgar o *link*. No *blog* já estava publicada a ficha com informações e o vídeo retirado do *Youtube* com o filme na íntegra.

Por volta das 07:45 o filme começou a ser exibido.

Faltando dois minutos para bater o sinal, pausamos e avisamos que a continuação seria na aula de 05 de junho, já que houve feriado no dia 31 de maio.

05 de junho, quarta-feira.

21 alunos presentes.

Como nos outros dias, chegamos antecipadamente. Instalamos o aparelho de *datashow* e deixamos o filme *Sombras de Goya* pronto para continuar sendo assistido.

Assim que o sinal bateu, Tayse realizou a chamada e fez um breve resumo dos primeiros 75 minutos do filme. Enfatizou que o filme se passou em dois momentos da história da Espanha: primeiro, em 1792, quando os espanhóis viviam submetidos à Inquisição, e,

⁵ *Blog* criado para a divulgação dos textos elaborados no estágio de docência com as turmas do primeiro ano A e B. Disponível em: <http://textosonline.wordpress.com/>.

segundo, em 1807, quando a França invadiu a Espanha e levou os ideais da Revolução Francesa.

Falou também das características barrocas presentes no filme, como o conflito do personagem Frei Lorenzo, que colaborou com a volta da Inquisição no país. No entanto, devido às circunstâncias, ele acabou sendo uma das vítimas da Inquisição. Ressaltou também a incoerência das pinturas Goya, que ora fazia pinturas da corte e clérigo, ora pintava o lado mais sombrio da Igreja Católica.

Em seguida, os alunos continuaram a assistir ao drama. Durante o filme, a turma se manteve atenta, alguns alunos faziam comentários, mas nada que atrapalhasse.

Assim que o filme terminou, perguntamos aos alunos o que tinham achado. Muitos alunos se manifestaram positivamente. Questionamos também quais características barrocas mais chamaram a atenção.

Depois disso, explicamos à turma a atividade de elaboração da resenha crítica do filme e mostramos a página do *blog* criado para a publicação das resenhas. Avisamos também que aqueles que perderam parte do filme poderiam assisti-lo pelo *link* do *Youtube*, disponível no *blog*.

Em seguida, os alunos iniciaram a escrita da resenha, contando com nosso auxílio a todo o tempo. Vários alunos pediram ajuda para lembrar os acontecimentos do filme. Alguns conseguiram produzir bastante, outros escreveram apenas o título e “enrolaram” nos minutos finais.

Quando bateu o sinal, recolhemos primeira versão da resenha de todos os alunos.

07 de junho, sexta-feira.

23 alunos presentes.

Entramos em sala às 09:00, quando bateu o sinal para a terceira aula. A professora Valéria fez a chamada enquanto a professora Tayse ligava o computador.

O planejamento desse dia de aula foi feito baseado nas primeiras versões das resenhas dos alunos. Cada resenha foi lida, erros de grafia foram corrigidos e foi escrito uma observação para cada aluno sobre seu texto. Compilamos as inadequações à norma padrão mais recorrentes nos textos da turma numa apresentação de *slides* (anexo 04).

Esses *slides* foram utilizados pela professora Valéria, que fez uma revisão de conteúdos gramaticais já estudados por eles em séries anteriores: pontuação, crase e uso de letras maiúsculas. Primeiramente, o conteúdo gramatical foi problematizado, depois foram feitos, em conjunto, exercícios de fixação.

Os alunos participaram bastante dessa aula sem que fosse preciso chamar muito sua atenção.

Em dado momento, um professor do colégio e um representante do grêmio estudantil passaram na sala para lembrar os alunos da eleição do grêmio e para recolher a autorização de um passeio. Então a professora Nara sugeriu que os alunos fossem liberados mais cedo para votar, às 09h40. Acatamos sua sugestão e liberamos os alunos mais cedo para o recreio.

Às 10:05 na volta para a quarta aula, a professora Nara disse as médias do primeiro trimestre em voz alta, mas rapidamente. Durante esse tempo, não houve bagunça nem risadas. Algo que nos chamou atenção foi o fato de um aluno ter entregado apenas um trabalho dentre os quatro que compuseram a nota final. Esse mesmo aluno repetia esse comportamento nas nossas aulas, faltando com frequência e não entregando as atividades.

Após isso, a professora Valéria voltou a conduzir a aula e entregou as primeiras versões das resenhas aos alunos. Os que haviam faltado na aula anterior iniciaram a escrita dos seus textos.

Alguns avisos foram feitos para a turma toda: nos seus textos, os alunos deveriam atentos para a divisão dos parágrafos, não precisariam contar a história completa do filme e deveriam evitar construções do tipo “eu acho” e “na minha opinião”.

Estava prevista uma atividade de revisão colaborativa caso muitos alunos terminassem rapidamente a revisão de seus textos, mas isso não aconteceu e não houve necessidade de executar a atividade. Preferimos deixar mais tempo para que trabalhassem com seus textos individualmente.

Faltando poucos minutos para o término da aula, a professora Valéria escreveu no quadro seu *e-mail* para que os alunos lhe enviassem até segunda-feira, dia 10, às 23:59, a última versão de seus textos digitada. A professora também pediu que eles entregassem, na aula de quarta-feira, a versão escrita à mão.

Alguns alunos entregaram os textos ao longo dos dias, mas a maioria enviou nas últimas horas do prazo. Três alunos não entregaram a atividade e um deles não fez sequer a primeira versão.

12 de junho, quarta-feira.

17 alunos presentes.

Como sempre, chegamos com alguns minutos de antecedência na sala de aula. Nesse dia levamos nossos *notebooks* pessoais, já que na semana anterior nossa professora orientadora nos avisou das condições ruins dos computadores do laboratório de informática

do colégio. Sabendo que os computadores eram muito lentos, decidimos cancelar a reserva do laboratório e pedimos para a professora Nara pegar dois *notebooks* do colégio para uso em sala.

Antecipadamente ligamos nossos computadores e o da sala de aula, conectamos a *internet*, fizemos *login* na página do *blog* e copiamos, em todos os aparelhos, as versões digitadas das resenhas, já com nova correção nossa.

Às 07:30 foi feita a chamada e os alunos foram divididos em quatro grupos: um para cada computador disponível, deixando o da sala para demonstrações feitas pela professora Valéria.

Em seguida, os alunos foram instruídos a revisar seus textos, corrigir as inadequações que ainda estavam presentes e buscar na *internet* imagens para ilustrar sua publicação no *blog*. As dúvidas eram esclarecidas por nós nos grupos, que não tiveram maiores dificuldades na postagem.

Aguardamos até o início da segunda aula para que chegassem os alunos atrasados. Os que faltaram tiveram suas resenhas postadas por nós, sem ilustração.

Nenhum dos alunos levou a última versão feita em sala, mas suas notas já estavam atribuídas, o que não foi muito grave. Dois dos alunos que não haviam enviado a resenha digitada foram avisados que teriam que enviar até sexta-feira, dia 14, valendo 9,0. Nenhum deles entregou, nem depois de lembretes feitos por nós, por isso suas avaliações foram baseadas na primeira versão de seus textos.

Durante essa atividade, por ser em grupo, a turma acabou conversando mais, mas sem fazer bagunça.

Havíamos pensado em deixar alguns minutos aos que quisessem ler suas resenhas, mas, como aparentemente ninguém queria ler, decidimos cancelar essa atividade devido ao pouco tempo de aula restante.

Às 08:25 formamos um círculo e propusemos uma avaliação do nosso estágio. Entregamos folhas em branco para que os alunos escrevessem, sem precisar colocar o nome, considerações sobre nosso estágio de docência (anexo 05). Depois disso, pedimos que falassem com sinceridade o que eles haviam achado do conteúdo, da forma como as aulas eram dadas e do nosso posicionamento como professoras. Eles deveriam pontuar aspectos positivos e negativos, falar o que poderia ter sido melhor e nos dar conselhos.

Alguns minutos depois fizemos nossa avaliação. Falamos que os alunos foram muito receptivos e respeitadores e agradecemos esse comportamento. Além disso, ressaltamos um dos pontos mais marcantes da turma, a preguiça. Dissemos compreender a sonolência e o

tédio, mas aconselhamos que eles fossem mais atentos em determinados momentos. Por exemplo, nos textos digitalizados estavam os mesmos erros dos manuscritos, que já haviam sido corrigidos. Isso foi reflexo da falta de atenção ou excesso de pressa para terminar alguma atividade. Dissemos que eles poderiam ser mais atentos porque tinham potencial para muito mais, mas que, ainda com bocejos e fones de ouvido, tinham sido uma turma ótima.

Por fim, pedimos que a professora Isabel tirasse uma foto nossa com a turma como lembrança (anexo 06). Nos despedimos e, após bater o sinal, saímos da sala.

3. Participação em atividades extraclasse na instituição

3.1 Projeto extraclasse

Introdução

O projeto extraclasse é parte da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II e prevê o cumprimento de 6 horas/aula para a realização de alguma atividade extracurricular no ambiente escolar.

Como o estágio envolve outras atividades num cronograma estreito, o tempo dedicado às atividades extraclasse é curto. Por esse motivo, nos inserimos em um projeto já existente no Colégio de Aplicação, a Recuperação de Estudos (RE), feito com todas as turmas do segundo ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O colégio oferece aos alunos horários no contraturno para a recuperação de estudos, feitos sob orientação do professor da disciplina que o aluno precisa de reforço.

Já que o horário reservado ao estudo de língua portuguesa “extraclasse” estava previamente agendado para essas atividades de recuperação, foi-nos proposto que trabalhássemos com os alunos desse projeto, com temas que convergissem com o foco da recuperação em língua portuguesa: aprimoramento de leitura e produção textual.

Dentre as turmas da RE, escolhemos trabalhar com os sextos anos, pois planejamos uma oficina em três encontros sobre histórias em quadrinhos (HQs), gênero que atrai a atenção, principalmente das crianças, por fazer parte das suas leituras habituais.

Referencial Teórico

Acreditamos que as histórias em quadrinhos são um excelente meio de suscitar nos alunos o prazer pela leitura e uma maneira agradável de, por meio da elaboração de HQs, trabalhar noções de pontuação, utilização de ilustrações e, ainda, detectar suas dificuldades ortográficas.

Segundo Passarelli (2004),

um dos fatores que motiva a lidar com HQs é a possibilidade de com elas realizar um trabalho que considera os conteúdos a serem contemplados em relação aos aprendentes: conteúdos conceituais (referentes a informações, fatos, conceitos, imagens etc), procedimentais (habilidades, hábitos, aptidões, procedimentos, etc.) e conteúdos atitudinais (disposições, sentimentos, interesses, posturas, atitudes, etc.). (PASSARELI, 2004. p. 49).

Ainda segundo Passarelli (2004), os conteúdos conceituais das HQs são importantes para persuadir, informar, divertir e ensinar. Sabemos que os quadrinhos há muito tempo são utilizados como instrumento de utilidade pública. Um exemplo disso são as campanhas pela

segurança no trânsito, que, através dos quadrinhos, ensina crianças e jovens o comportamento ideal no tráfego.

Em relação aos conteúdos procedimentais, as habilidades leitora e escritora podem ser desenvolvidas, desde que se observem alguns aspectos que têm a ver também com os conteúdos atitudinais, especialmente no que se refere à postura do professor quanto à validade de um ensino que lida com variação linguística. (PASSARELLI, 2004. p.50)

Considerando os conteúdos atitudinais em relação às HQs, podemos destacar, como intervenção do aluno em sua realidade, a compreensão das variações linguísticas, fazendo com que eles reconheçam que a língua é plural.

Ainda sobre a variedade linguística, é possível explorar o tom coloquial e a fala das personagens a partir das características regionais. A linguagem “caipira” do Chico Bento, personagem da *Turma da Mônica*, pode, por exemplo, ser usada tanto para trabalhar com a ortografia como para desencadear reflexões sobre variedade linguística.

Todos esses conteúdos e habilidades foram trabalhados com os alunos de forma descontraída e prazerosa, já que, conforme salienta Ferraz e Fusari (1993), as histórias em quadrinhos, além de ser uma linguagem artística e de comunicação social, aguçam nos alunos grande interesse devido as suas diversas possibilidades interativas e imaginativas.

O interesse pelas histórias em quadrinhos não se restringe apenas aos alunos. Professores também consideram um bom tema a ser trabalhado devido a seu caráter flexível e passível de abordar variados conteúdos visados nos objetivos do plano de aula do professor.

Vale destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa consideram as histórias em quadrinhos um dos gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita.

As HQs são também uma excelente ferramenta para o trabalho com a linguagem oral, já que, ao ler os variados diálogos, os alunos percebem que deve haver um respeito na troca de diálogos, ou seja, aprendem a importância de esperar o outro terminar a fala para poder colocar a sua opinião ou resposta.

Ao pensarmos no projeto chamado “Recontando a História do Nosso Jeito”, o primeiro objetivo final que tínhamos em mente era a produção de histórias em quadrinhos. No entanto, decidimos ampliar nosso projeto e trabalhar com fábulas, mais especificamente, versões da fábula *A Cigarra e a Formiga* de La Fontaine, para que os alunos fizessem versões ou adaptações HQ.

Escolhemos o gênero fábula para ser adaptado, pois sabemos que elas exercem um poder de atração sobre as crianças, por serem leituras curtas e divertidas. Além disso, a fábula é um tipo de narrativa que se caracteriza pela tentativa de transmitir uma lição de moral. A moral da fábula, no entanto, não gera uma conclusão definitiva. Assim, a interpretação pode variar de acordo com quem lê a história.

Marcuschi diz que:

a leitura é um ato de interação comunicativa que se desenvolve entre o leitor e o autor, com base no texto, não se podendo prever com segurança os resultados. Assim, mesmo os textos mais simples podem oferecer as compreensões mais inesperadas. (MARCUSCHI, 1999. p. 96)

Desse modo, as fábulas podem apresentar múltiplas interpretações e, por meio delas, os alunos têm liberdade de criar sua adaptação para os quadrinhos.

Crianças do Ensino Fundamental, apesar da pouca idade, são sujeitos reflexivos e muito criativos. As reflexões podem ser ainda mais abrangentes quando bem trabalhadas e instigadas. Textos, como as histórias em quadrinhos e as fábulas, propiciam o pensar reflexivo através de acontecimentos rotineiros, muitas vezes semelhantes aos vivenciados fora da escola.

Objetivos

Identificar os gêneros história em quadrinhos e fábula. Reconhecer os componentes das histórias em quadrinhos, como balões de fala, onomatopeias e expressões corporais. Exercitar habilidades de escrita. Localizar informações explícitas e implícitas nos textos. Adaptar a fábula *A Cigarra e a Formiga* para quadrinhos. Incentivar a leitura de diferentes gêneros.

Metodologia

Os encontros ocorreram em três quintas-feiras (18 e 25 de abril e 02 de maio) em dois horários, das 08:30 às 09:20 e das 10:30 às 11:20, no laboratório de linguagem do Colégio.

A metodologia utilizada variou conforme o momento. Por se tratar de uma oficina, os primeiros passos foram feitos com a exposição do tema feita por nós, utilizando apresentação de *PowerPoint* e exemplares de gibis. Durante essa atividade, foi disponibilizado tempo para que os alunos comentassem sobre o assunto.

Num segundo momento, ainda no primeiro encontro com as turmas, foi realizada uma atividade que contou com nossa explicação prévia e participação: junto com as crianças,

produzimos diálogos entre personagens, auxiliando os alunos individualmente em suas produções.

A importância do atendimento individualizado foi demarcada por se tratar de um momento de recuperação de estudos e, por isso, um olhar atento do professor para as limitações de cada um era necessário.

Nos demais encontros, continuamos explicando as atividades que deveriam ser feitas de maneira expositiva. Além disso, foi realizada leitura em voz alta da fábula *A Cigarra e a Formiga* e de histórias em quadrinho.

Os alunos foram orientados a realizarem uma produção escrita (adaptação da fábula para HQ) que foi revisada e reelaborada. A correção de aspectos ortográficos e gramaticais foi feita por nós individualmente, sendo ampliada ao grupo dependendo das circunstâncias.

Utilizamos os seguintes materiais: *notebook* e *datashow* para apresentação de *slides* e da animação *The Grasshopper and the Ants*, de Walt Disney, recortes de revistas, folhas de papel branco, material para desenho e colagem (lápiz, lápis de cor, régua, borracha, tesoura...), livros com as fábulas, cópias dos textos (fábulas dos livros e retiradas da *internet*), livros em quadrinho e gibis.

Cronograma

1º encontro - dia 18/04/2013

08:30/ 10:30 - Apresentação das estagiárias e do projeto;

- Apresentação dos alunos e elaboração de crachás com seus nomes;

08:45/ 10:45 - Exposição de *slides* sobre a história das HQs e seus principais componentes;

08:55/ 10:55 - Adaptação da tirinha do Chico Bento para narrativa oral;

09:00/ 11:00 - Criação de uma cena de HQ a partir de colagens de recortes de revista;

09:20/ 11:20 – Encerramento.

2º encontro - dia 25/04/2013

08:30/10:30 - Apresentação do gênero fábula;

08:45/10:45 - Leitura das quatro versões da fábula *A Cigarra e a Formiga*;

09:05/11:05 - Apresentação da versão animada da fábula *A Cigarra e a Formiga*, da Disney;

09:15/11:15 – Explicação e início da atividade a ser desenvolvida: adaptar a fábula *A Cigarra e a Formiga* para uma versão em quadrinhos.

3º encontro - dia 02/05/2013

08:30/10:30 - Continuação da adaptação da fábula *A Cigarra e a Formiga* para a versão em quadrinhos;

09:15/11:15 - Socialização das HQs entre os amigos;

09:20/11:20 - Encerramento da oficina.

Relato das atividades do projeto extraclasse

No projeto extraclasse tivemos a oportunidade de trabalhar com uma turma de alunos mais novos, do sexto ano do Ensino Fundamental, que já fazia parte do projeto de recuperação de estudos coordenado pela professora Maria Alice.

Como o horário da recuperação de estudos de língua portuguesa era reservado para a realização de atividades de aprimoramento de leitura e produção de textos, decidimos trabalhar com gêneros textuais que fossem interessantes aos alunos para que esse horário *extra* fosse agradável.

Alguns participantes foram convocados pela professora Maria Alice e outros convidados por ela ou por seus colegas de turma.

Os encontros foram realizados, sempre às quintas-feiras, com duas turmas. A primeira, composta por dois integrantes, das 8h30 às 9h30, e a segunda, em torno de 12 alunos, das 10h30 às 11h30.

Por ser uma atividade extraclasse, não havia obrigatoriedade da presença de todos. Isso se refletiu na variação no número de alunos da segunda turma, que tinha seus encontros após a aula de educação física.

A faixa etária dos alunos, entre 10 e 12 anos, fez com que nos preocupássemos em ter “cartas na manga”, pois não sabíamos, por falta de experiências anteriores, se eles demorariam mais ou menos tempo nas atividades programadas.

Como não conhecíamos previamente os alunos e nem sabíamos o número de participantes da oficina, elaboramos apenas um cronograma para as duas turmas. O planejamento foi o mesmo, mas o andamento das aulas foi diferente, principalmente pela diferença no número de alunos e no horário dos encontros.

As turmas reagiram de forma distinta a cada atividade, mas todos os objetivos foram alcançados mesmo com algumas alterações na metodologia.

Em todos os dias da oficina chegamos com antecedência a fim de prepararmos os materiais a serem utilizados. Quando os alunos entravam em sala, as atividades programadas eram iniciadas.

No primeiro encontro, no dia 18 de abril, apresentamos os objetivos do projeto e fizemos uma breve exposição da evolução das histórias em quadrinhos, com o auxílio de

slides. Mostramos as diferenças entre os tipos de balões e onomatopeias. Todos os alunos eram familiarizados com o tipo de texto, pois conheciam as particularidades do gênero, faziam constatações e opinavam com frequência.

Depois, entregamos aos alunos folhas com figuras recortadas de revistas e solicitamos que eles fizessem uma atividade que consistia em criar um diálogo, utilizando os balões adequados para cada cena.

Todos os alunos realizaram essa atividade. Alguns demonstraram mais facilidade que outros, que precisavam de maior auxílio.

No segundo encontro, no dia 25 de abril, levamos quatro versões da fábula *A Cigarra e a Formiga* para apresentar aos alunos. A maioria deles já conhecia a história e as regularidades do gênero.

Antes de lermos as versões, falamos sobre a *moral da história* presente nas fábulas, sobre os autores e as versões conhecidas de outras fábulas além daquela. Após essa conversa, entregamos a cada um uma cópia das versões para que pudessem levar para casa e realizamos a leitura desses textos.

A leitura era alternada entre nós e os alunos, já que a finalidade dessa atividade era trabalhar com a leitura em voz alta e pronúncia. Ao final de cada texto, esclarecíamos dúvidas de vocabulário e interpretação.

Além das versões publicadas em livros e em *sites*, mostramos também uma versão em desenho animado da fábula, feita por Walt Disney, retirada do *Youtube*.

Depois disso, atentamos para as semelhanças e diferenças entre as versões lidas/vistas. Procuramos chamar a atenção dos alunos para elementos extratextuais, principalmente ilustrações, que poderiam ser transpostos para suas adaptações em quadrinhos.

Foi enfatizado que eles poderiam ou escolher uma das versões da *Cigarra e a Formiga*, ou criar a sua própria versão para ser adaptada em HQ no encontro seguinte.

Nos minutos finais, entregamos uma folha de papel sulfite para cada aluno levar para casa. Eles deveriam escolher ou criar a versão para a adaptação e trazê-las em rascunho para o próximo encontro.

O último encontro, no dia 5 maio, foi destinado à produção final das adaptações.

Poucos alunos trouxeram de casa a versão escolhida em rascunho, como havíamos solicitado. Sabendo que o tempo era curto, pedimos que iniciassem as produções para nos entregarem ainda naquele dia. Alguns alunos produziram mais rápido, outros mantinham conversas paralelas e se atrasaram nas produções.

Em vários momentos nos pediam ajuda, com dúvidas de ortografia ou de como fazer determinado desenho.

Assim que recolhíamos as versões, atentávamos para ver se a história tinha começo, meio e fim e, junto com o aluno, corrigíamos os erros encontrados.

À medida que os alunos iam terminando, nós nos despedíamos e entregávamos um pirulito como forma de agradecimento e de despedida.

Apesar de ser uma atividade em grupo, procuramos conversar e auxiliar os alunos individualmente, já que, para alguns, aquele era o tempo reservado para um atendimento mais particular.

O projeto extraclasse nos serviu como outra experiência, que nos possibilitou o contato com alunos de outras séries, trabalhando com gêneros textuais diferentes do projeto de docência.

3.2 Reuniões

Parada Pedagógica

No dia 22 de março de 2013, às 10h, assistimos à Parada Pedagógica, no auditório do Colégio de Aplicação.

A reunião foi mediada pelo diretor de ensino e estava aberta a toda a comunidade escolar. Teve como objetivos discutir a elaboração de um novo currículo, bem como estratégias para a implantação do ensino em tempo integral e mudanças no espaço físico e na carga horária das disciplinas.

Os professores iniciaram a reunião ressaltando que o Colégio de Aplicação tem como meta, até 2020, implantar o tempo integral de ensino. E, para isso, os professores e a coordenação devem montar um projeto de escola ideal, que deverá ser construída gradativamente, até o prazo estabelecido.

Discutiram a possibilidade de reduzir para dois o número de turmas por série, e diminuir também a quantidade de alunos por turma. Falou-se em oferecer mais disciplinas optativas aos alunos, para que possam ir moldando sua grade escolar de acordo com suas afinidades e interesses.

Muitos professores trouxeram a proposta de tornar a iniciação científica uma disciplina do Ensino Médio, alegando que tal ato seria uma forma de aproximação da escola com a universidade e garantiria um melhor rendimento dos alunos na universidade, no futuro.

Foram trazidas também como propostas: implantar o ensino de jovens e adultos (EJA) à noite e disponibilizar aos alunos almoço e lanche dentro do colégio.

Outros assuntos foram tratados na reunião, mas, em razão de outros compromissos, não pudemos permanecer até o final.

Reunião de Série

No dia 05 de abril de 2013 assistimos à Reunião de Série dos primeiros anos, na sala de reuniões do Colégio de Aplicação.

Os professores dos primeiros anos do Ensino Médio têm reservadas as tarde de sexta-feira para reunião, que é previamente agendada e divulgada.

Tendo início às 14h, a reunião foi "aberta" aos pais de duas alunas, mais suas terapeutas, e a alguns estagiários de docência.

O professor Ivan Brognoli inicia a reunião lendo a pauta. Os primeiros 15 minutos estavam reservados às falas dos pais e terapeutas de alunas com necessidades especiais. O pedido dos pais feito na reunião foi a diminuição da carga de exercícios para que as alunas em questão conseguissem realizar melhor suas atividades. O assunto acabou tomando mais tempo que o previsto e levantando outras questões. Houve a sugestão de marcar outra reunião específica para discutir assuntos ligados à inclusão na escola.

Após isso, o outro assunto da pauta era os alunos repetentes. O professor Ivan havia pedido as notas e uma avaliação por escrito desses alunos feita pelos professores, mas ninguém levou por escrito. Outro prazo foi estabelecido para que fosse possível ter esses registros para acompanhamento dos alunos. Essa medida está sendo tomada para buscar soluções que evitem a *re-reprovação*.

Em seguida foram distribuídas as listas de chamada das turmas. Os professores comentaram sobre a aluna do primeiro A que pediu trancamento de matrícula porque está grávida e sobre outro aluno, de outra turma, que está sob medicação (ao que pareceu, está em tratamento de dependência química).

Às 15h, tivemos que sair da reunião para nos encontrarmos com a professora Arlyse, de língua portuguesa, para decidirmos nosso projeto extraclasse, que acabou sendo feito com o auxílio de outra professora da disciplina, Maria Alice, conforme foi dito anteriormente.

Conselho de Classe

No dia 07 de junho de 2013, no auditório azul do Colégio de Aplicação, às 14h, realizou-se o conselho de classe do 1º trimestre da turma do primeiro ano A. Estavam presentes os professores de todas as disciplinas, alguns estagiários e duas alunas representantes da turma.

O conselho foi conduzido pelo diretor de ensino e teve como propósitos: traçar um diagnóstico do ensino/aprendizado da turma e discutir sobre a frequência e a avaliação de cada aluno.

Na primeira parte da reunião, os professores avaliaram a turma de uma forma geral. De acordo com os docentes, a turma é tranquila, mas tem alguns alunos desinteressados, que não entregam as atividades e nem fazem as avaliações. Somente a professora de história demonstrou ter problemas de relacionamento com a classe.

Em seguida, os representantes da turma deram um parecer sobre os professores e mencionaram questões incômodas, como o excesso de tarefas de casa e o pequeno prazo para entregá-las. Sugeriram mais trabalhos de campo e viagem de estudos. Depois do parecer dos discentes, a participação deles no conselho terminou.

Imediatamente, os professores falaram de cada aluno. Aqueles que tinham problemas com notas, frequência ou comportamento, foram alvos de maior discussão, os docentes discutiram estratégias de melhorar o rendimento dos alunos menos produtivos.

Infelizmente, em virtude de outros compromissos, não pudemos permanecer no conselho de classe até o final.

4. Ensaaios individuais

4.1 Tayse Feliciano Marques

Vivências no Cotidiano Escolar

O presente ensaio visa relatar algumas experiências e reflexões do período de estágio obrigatório, referente à disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do curso de graduação de Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da professora Dra. Isabel Monguilhott.

O Estágio Supervisionado foi realizado em duplas, no Colégio de Aplicação da UFSC, que fica localizado no campus João David Ferreira Lima, no bairro Trindade, e atende alunos do primeiro ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, nos períodos matutino e vespertino.

Foi na turma do primeiro ano A, do ensino médio, que realizei o estágio de observação e de docência, no período de 23 de março de 2013 a 12 de junho de 2013.

Desde o período de observação e, principalmente, na prática docente, percebi o quanto a estrutura do Colégio de Aplicação é boa e organizada, pois conta com vários recursos didáticos de apoio ao professor, como *datashow* e computadores em todas as salas de aula. Além de sala de informática, ampla biblioteca, auditórios, salas de teatro, salas de recuperação de estudos, etc. Durante a atuação como professora, foi possível utilizar vários desses recursos disponíveis, o que facilitou bastante o trabalho.

Antes de iniciar a fase da docência, realizei o período de observação das aulas. A observação serve para conhecer os variados perfis dos alunos, seus gostos e comportamentos na sala de aula, e, assim, decidir quais conteúdos trabalhar no projeto de atuação docente e metodologia utilizada. No entanto, as dez aulas observadas não foram o suficiente para depreender as características da turma e, por isso, pouco contribuíram para a elaboração do projeto.

Foi também no período de observação que tive um contato bem próximo e realista da relação professor-aluno. Pude conhecer a didática da professora regente, de que forma a disciplina é organizada e de que maneira os conteúdos são expostos aos alunos. Essas observações foram muito importantes para a formação como futura professora, pois o contato direto com a unidade escolar permitiu uma reflexão entre as teorias aprendidas no curso de licenciatura e a prática docente.

Nas primeiras aulas observadas, os conteúdos explicados pela professora foram fonética e fonologia. Fiquei satisfeita com a excelente explicação da professora, que demonstrou domínio no conteúdo, trouxe exemplos esclarecedores e se fez entender. Foi possível notar que há respeito dos alunos para com ela e que a docente busca manter uma relação amigável com eles.

A organização da professora na forma como explicava os conteúdos refletia na maneira como os alunos se comportavam: silenciosos e atentos ao conteúdo abordado. Como é de se esperar, por ser uma turma de adolescentes, em alguns momentos havia cochichos que eram facilmente controlados por ela.

A maneira como a professora conduziu as aulas, sem dúvida, serviu como exemplo para a prática docente e incentivo para seguir a carreira de professora.

Acabado o período de observação, eu e minha dupla tivemos um pouco mais de um mês para elaborarmos o projeto de docência, que se baseou principalmente no trabalho com o movimento artístico Barroco e com o gênero resenha.

Sair da sala de aula, da visão de aluna, para protagonizar como professora não foi uma tarefa fácil. Na verdade, era uma mistura de ansiedade, entusiasmo e medo. Ansiedade porque a ideia de ser professora de Ensino Médio sempre me atraiu; o entusiasmo veio, principalmente, das aulas observadas da professora regente, que por ser uma docente exemplar, me “contaminou” com a vontade de entrar em cena e dar meu melhor. E senti medo por encarar uma turma pouco conhecida e por não me sentir plenamente preparada para ser a protagonista da educação.

O curso de licenciatura em língua portuguesa da UFSC me deu pouco suporte para entrar na sala de aula e realmente saber o que fazer. A universidade me bombardeou de conhecimentos teóricos, e isso é muito válido, mas faltaram disciplinas que aproximassem a sala de aula dos acadêmicos.

Durante todo o curso, tive as disciplinas de Psicologia da Educação, Literatura e Ensino, Linguística Aplicada, Didática, Organização Escolar e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa que têm na ementa um maior enfoque teórico no ser professor. Dessas disciplinas, apenas as quatro primeiras transmitiram conhecimentos adequados para o ensino, na sala de aula. Além disso, a meu ver, faltam disciplinas que preparem o futuro professor para aulas de gramática normativa. Para muitos, na escola ideal, não se deveriam ensinar regras gramaticais aos alunos, mas isso ainda é exigido nas salas de aula e o professor precisa ter domínio da gramática normativa.

A UFSC prepara melhor no quesito literatura, temos Literaturas Brasileira e Portuguesa I, II e III, e demais disciplinas optativas, como Literatura Africana, que dão melhor suporte para o futuro docente. Esse amparo na parte de literatura contribuiu no momento da elaboração dos planos de aula para trabalhar com o movimento artístico Barroco, pois foi possível utilizar como apoio os materiais usados na graduação.

Organização Escolar e Metodologia do Ensino, que são disciplinas indispensáveis para a formação docente, foram mal conduzidas, por professores despreparados e, aparentemente, desconhecedores da realidade da sala de aula. Aliás, nenhuma das disciplinas tem como característica preparar para lidar com a realidade da sala de aula, que inclui problemas de aprendizagem e um contexto social que influencia no processo.

Por isso, a importância do estágio, de experimentar a realidade escolar. No entanto, as vivências com o estágio no Colégio de Aplicação não refletiram bem a realidade das escolas públicas. O colégio é um exemplo e, infelizmente, uma das poucas exceções de escola organizada e que está em constante aperfeiçoamento.

Os alunos, os professores e os membros da coordenação pedagógica têm consciência que o colégio é um modelo a ser seguido, e que os que trabalham e estudam nele são privilegiados. No entanto, apesar das qualidades, todos também sabem que existem falhas em sua estrutura, falhas com a inclusão de alunos especiais e demais desafios que precisam ser vencidos. Por isso, constantemente, são agendadas reuniões, como as de série, de turma e de paradas pedagógicas, para discutir os variados problemas e buscar soluções.

Em relação ao período de regência, no início, sentia-me um pouco apreensiva. Primeiro porque os dias de observação em sala de aula não foram o suficiente para traçar um perfil da turma e, por isso, não sabia como seria recepcionada. E segundo porque iniciaria a aula com um tema pouco atraente para os alunos: o movimento artístico Barroco.

Apesar das preocupações, os alunos reagiram positivamente, tanto na primeira aula quanto nas demais, ao longo do estágio. À medida que conhecia mais a turma, me sentia mais segura como professora. E já sabia o que esperar de cada aluno na participação em sala de aula e na entrega das atividades solicitadas.

A turma tem vários alunos participativos, alguns alunos mais preguiçosos, sonolentos, e outros mais desatentos e conversadores. Pude constatar na experiência como professora, que não há na turma alunos com dificuldades de aprendizagem, ao contrário disso, são alunos bastante inteligentes. O que os distingue é o interesse ou a falta dele nos conteúdos das aulas. Muitos alunos aderem à lei do menor esforço, e fazem apenas o suficiente para passar de ano.

Entre os alunos repetentes, há dois que chamaram a atenção tanto pela quantidade de faltas quanto pela boa desenvoltura que apresentavam quando se esforçavam e faziam as atividades. O que comprova que o único problema é a falta de estímulo para aprender e vir para a sala de aula.

Em relação a minha atuação como professora, devido à falta de experiência e por ser discreta e tímida, estabeleci uma relação mais distanciada dos alunos. Certamente, o ideal seria firmar um relacionamento mais estreito com os discentes, a fim de interagir ao máximo com eles e trazer a atenção para o conteúdo exposto. Acredito que, com mais tempo em sala de aula, eu passaria a ter mais desenvoltura e consolidaria uma relação mais próxima com os alunos.

Ter segurança e naturalidade como docente são qualidades que vão sendo conquistadas com a vivência em sala de aula. Encarar alunos reais, dentro de uma escola também real, é a maneira de adquirir a habilidade e a destreza de ser professor.

Por isso, a meu ver, o estágio precisa ganhar maior importância e deve ocorrer desde o início da formação do professor. Segundo Pimenta (2007), a formação envolve um duplo processo: o de autoformação dos professores, a partir da reelaboração constante dos saberes que realizam em sua prática, confrontando suas experiências nos contextos escolares; e o de formação nas instituições escolares onde atuam. Por isso, o estágio supervisionado é a melhor oportunidade para o aluno, futuro professor, exercitar a reflexão e superar a distância entre teoria e prática.

Referências

BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2007.

4.2 Valéria Cunha dos Santos

Reflexões de uma futura professora

Durante o primeiro semestre de 2013, como atividades previstas na disciplina Estágio de Língua Portuguesa e Literaturas II, realizamos observação e docência em uma turma do Ensino Médio, sob supervisão da orientadora de estágio e da professora regente de língua portuguesa da turma.

Foi numa turma de primeiro ano, com 24 alunos de 14 a 18 anos, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, que tive minha segunda experiência como professora. A experiência anterior em sala de aula foi também durante o estágio, mas numa escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Florianópolis.

O Colégio de Aplicação fica localizado no campus universitário, no bairro Trindade, e atende alunos de primeiro ano do Ensino Fundamental a terceiro ano do Ensino Médio. É uma instituição pública e gratuita e o ingresso dos alunos é feito por meio de sorteios realizados anualmente. Todos os professores da escola possuem formação na área em que atuam e a maioria deles cursou pós-graduação.

O espaço físico é bem conservado e conta com salas e laboratórios para diversas atividades. Os funcionários da instituição convivem respeitosamente.

O Colégio foi criado para que alunos de licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina realizassem seus estágios e, por isso, toda a comunidade escolar está acostumada com a presença de estagiários no dia a dia.

O estágio, em dupla, foi feito em uma turma de adolescentes. A maioria dos alunos estudou na instituição em anos anteriores e conhecia todos os funcionários, professores e alunos de outras turmas. Mesmo os alunos novos já estavam enturmados quando iniciamos nossa docência.

A professora regente de língua portuguesa do primeiro ano é formada em Letras Português e cursou mestrado e doutorado. Dá aulas apenas para as turmas de primeiro ano do Colégio de Aplicação e é servidora federal, trabalhando pouco mais de 40 horas semanais, dentro e fora de sala, desenvolvendo atividades de pesquisa e administrativa. Ela nos todo o suporte necessário para a realização do projeto de docência e se mostrou disponível para qualquer eventualidade. Mesmo sendo atarefada, a professora nos acolheu e se mostrava interessada tanto nas aulas que nos assistiu, quanto na forma como respondia nossos *e-mails*.

Nos inícios e nos términos das aulas ela conversava rapidamente conosco e nos deixava informada sobre reuniões e outras atividades realizadas na instituição.

A descrição feita acima sobre instituição, turma e professora, justifica em grande parte o sucesso do estágio, desde a observação até o término da docência.

Tecer pareceres negativos sobre qualquer coisa parece ser natural do ser humano. Sem fazer força, somos tendenciosos a olhar as falhas, a reparar aquilo que “deveria ser”. Mas essa não é a intenção. Aqui busco ressaltar os pontos que mais me chamaram atenção no período vivenciado no Colégio de Aplicação da atuação docente, da inserção no ambiente escolar por estagiários de licenciatura e da estrutura administrativa e física dessa escola.

Apesar de viver mais de onze anos frequentando uma escola até chegar à universidade, quando chega o momento de ser professor, surge um frio na barriga. A inversão de papeis, de aluno para professor, é permeada por insegurança e entusiasmo. O período passado na faculdade é tão distante da realidade escolar que faz com que a volta à escola, ainda mais como professoras, seja estranha para nós. “A escola” e “os alunos” são tomados de modo tão abstrato na graduação que nos distancia de algo que era tão corriqueiro, que fazia parte do nosso cotidiano.

No curso de licenciatura em português da UFSC, começamos a tocar no assunto “ensino” apenas a partir da quinta fase. As disciplinas, em geral, não são suficientes para nos reaproximar do contexto escolar.

Estudamos algumas teorias na universidade, porém são reservadas poucas horas para problematizá-las e visualizá-las na prática. Mesmo com uma carga “pesada” de leitura, não temos tempo reservado para dialogar com os textos. São raras as oportunidades de propor questionamentos a outros profissionais da educação, a textos, a autores. Somos, enquanto alunos, acostumados a restringir nossa visão à visão do professor.

O professor “filtra” aquilo que devemos conhecer, produzir e reproduzir. Assim, acabamos repetindo um comportamento automaticamente. É criado em nós um comodismo que nos contenta com a amostra que temos na graduação. Ao invés de abrir as portas para um mundo de opiniões e experiências, vivemos dentro da “casinha” da universidade, desacostumados com diferenças e surpresas.

Por isso é essencial cursar o estágio de docência. Ideal seria que tivéssemos mais oportunidades de inserção em sala de aula, mesmo em momentos apenas de observação, porque precisamos supor situações reais para aplicarmos o que aprendemos. Se já é complexo

planejar atividades a uma turma específica e real, é mais difícil ainda abstrair e imaginar um grupo de pessoas “possível”.

Não existem pessoas “possíveis” no mundo. Do lado de fora existem pessoas *reais*. Duas realidades são conhecidas com o estágio: professores estagiários conhecem a escola e a escola conhece o que acontece na universidade.

O intercâmbio entre ambiente de pesquisa e de atuação é produtivo, pois toda a instituição escolar ganha e os alunos/professores estagiários crescem, expandem a visão. O crescimento é pessoal também, se considerarmos que, ao lidar com pessoas, o trabalho ultrapassa a mecanicidade. Aí está outra justificativa do bom trabalho realizado no Colégio de Aplicação: os conteúdos ensinados nas salas de aula não são estanques, mas andam ao lado da pesquisa e da produção de conhecimento.

Algo que incomodava no percurso da graduação era não serem ditas “fórmulas” de como lidar em sala de aula. Como aluna, me sentia perdida, sem ter para onde recorrer em caso de emergência. Mas depois de *ser* professora entendi, verdadeiramente, que não há como um modo de fazer funcionar em toda situação. Emergências podem surgir, mas vêm sem aviso e dependem de muitos fatores para serem resolvidas, incluindo reflexão e amadurecimento de ideias. Talvez por isso meu julgamento sobre a forma de como cursos e manuais são abordados na maioria das escolas seja um pouco “tendencioso”.

O uso excessivo do livro didático faz com que o desenrolar da aula fique preso a algo exterior a ela e que desconhece seus sujeitos. A presença desse material de apoio retrata o fato histórico da transição do professor que detém o conhecimento para aquele que apenas o transmite. Antes, o aluno era desconhecedor de tudo e deveria ouvir o professor antes de começar a pensar.

Na “era” do livro didático, o “conhecimento não é mais mediado pelo professor, mas sim pelo material didático posto na mão do aprendiz” (GERALDI, p.87) e, assim, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento, para ser aquele que medeia a relação do aluno com o livro. A sobrecarga de trabalho do professor somada à presença do livro didático deixaram “o professor sem oportunidade de criar seu curso” (ANTUNES, p.124). Dessa forma, o professor ficou preso ao roteiro de conteúdos que o livro impõe.

Até mesmo nesse quesito a vivência no Colégio de Aplicação foi surpreendente. Diferente de outros contextos escolares conhecidos, o uso do livro didático na turma do primeiro ano era pautado nos planos da professora e não o contrário. Os livros serviam como apoio, mas as atividades eram feitas conforme um cronograma elaborado no início do ano letivo pelos professores da série e da disciplina.

O ensino de gramática na escola, geralmente tão criticado por nós, estudantes, foi feito de acordo com o que aprendemos: as aulas partem dos gêneros textuais e questões gramaticais são pautadas em uma motivação maior: o estudo do texto. Existe uma série de conteúdos gramaticais no livro didático, mas a professora não seguia a ordem das páginas. Conforme o assunto se encaixava no cronograma ele era abordado e revisado. Ao contrário do que acontece em muitas escolas, não vimos a sistematização do estudo de gêneros textuais. A produção e a leitura de textos eram contextualizadas e reflexivas.

No Colégio vimos ser colocada em prática uma série de teorias estudadas durante a graduação, mas sem que essas teorias fossem apenas transpostas. Elas são adaptadas ao terreno e aos sujeitos que compõem a escola.

Os “teóricos” abstraem extremamente a ciência “criada em laboratório” para que se encaixe em contextos distintos. As teorias compõem as diretrizes e os manuais dos professores das escolas e os professores muitas vezes não conhecem de modo pleno as teorias seguidas. Como estagiária, a obrigação carregada é de conhecer as teorias, conhecer a escola e adequar uma a outra, num movimento “redondo”, planejado para que ocorra sem falhas. O que busquei fazer foi continuar, do mesmo modo coerente, o trabalho já feito pela professora da disciplina.

Entretanto, mesmo não sendo mais a primeira experiência, o estágio continuou nos moldando. Por sorte e como resultado de grande esforço, com orientação e escola abertas e colaborativas, foi gratificante todo o período de estágio, o que não excluiu algumas formalidades e adequações.

Dessa vez, durante a elaboração dos planos de aula e dos projetos de docência e extraclasse tivemos mais liberdade e tranquilidade. Mesmo com opções de tema restritas ao cronograma da turma, pudemos apresentar aos alunos os conteúdos da forma que julgamos ser a melhor para aquela turma. Ainda que com receio, acredito que a forma como foi realizado o projeto de docência foi a melhor possível, pois contamos com o auxílio das professoras Nara e Isabel nos dando sugestões e conselhos.

Como estagiárias, nossas funções se restringem a dar continuidade a algo em andamento. Devemos nos moldar, mas, mesmo tentando *imitar* a metodologia da professora em alguns momentos – não por insegurança, mas por julgar que era a coisa certa a se fazer –, quem estava em frente à sala éramos *nós* e foi isso que apareceu.

Mesmo sendo avaliadas, vejo o quanto crescemos e criamos autonomia no momento de ensinar, desde o planejamento de atividades até sua correção. Obviamente fazíamos o nosso melhor para que obtivéssemos uma boa nota no final da disciplina, porém a vontade de

aprimorar nossa “técnica” foi natural, impulsionada pelo desejo de sermos boas professoras e de fazer com que os alunos compreendessem as matérias dadas da forma mais agradável possível. Dessa vez os planos foram readaptados conforme as aulas eram ministradas sem tanta dificuldade.

Percebi que os alunos, as professoras, o “eu” que volta e meia aparecia puro na frente da turma são mais fortes que o passo a passo dos planos. Olhar e observar com disposição para aprender e construir conhecimento faz do professor amigo, conselheiro, facilitador e orientador, que alcança seus objetivos traçados mesmo que por outros caminhos.

Esse foi o grande aprendizado durante o semestre, saber da importância de um rumo traçado, com consciência e responsabilidade, sem se esquecer de que os planos não devem negar os fatos inéditos, as surpresas. Humanos que somos precisamos ter, além do preparo e do estudo, sensibilidade e atenção para lidar com o inesperado.

Referências

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: _____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003. p. 107-153.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

5. Considerações finais

O caminho traçado durante o Estágio de Docência II serviu para reforçar a importância do estágio supervisionado na nossa formação como futuras professoras.

Aprendemos, nessa trajetória iniciada com o estágio I - ou, antes ainda, nas primeiras fases da graduação -, que a atuação docente não se limita à sala de aula. Mas foi na prática efetiva, na inserção no ambiente escolar, que percebemos que, apesar de essenciais, todas as teorias estudadas não abrangem a complexidade do dia a dia do professor. No cotidiano escolar surgem situações inesperadas, às vezes inéditas, em que são essenciais a sensibilidade de olhar e “jogo de cintura” do professor.

Assim, percebemos que a união entre teoria e prática é fundamental. O saber empírico não exclui o saber teórico, nem vice e versa. A prática precisa de uma base teórica, não se apoiando exclusivamente nas vivências. Não se trata apenas de prática, mas de *práxis*, teoria que orienta a atividade humana e é adaptada pela prática.

Nas aulas ministradas conseguimos atingir todos os objetivos planejados nos planos de aula. Apesar disso, nem todas as atividades foram realizadas passo a passo tal qual previam os planos. Algumas mudanças e adaptações foram necessárias, e, nesses momentos, buscamos novas estratégias para alcançar os mesmos objetivos.

Desde a observação até a prática docente, tomamos conhecimento de como funciona a instituição escolar, suas peculiaridades e estrutura hierárquica, reconhecendo a escola como nosso ambiente de trabalho. Vimos como trabalhavam os professores, principalmente a professora regente de língua portuguesa. Suas ações serviram como reflexão para nossa futura atuação docente, e, mais que isso, nos serviram como exemplo. O modo como a professora ministrava suas aulas fez com que déssemos o nosso melhor a fim de dar continuidade ao bom trabalho desenvolvido por ela, fazendo com que a nossa entrada em sala de aula não fosse vista como uma ruptura.

Assim como as professoras do primeiro ano e do projeto de recuperação de estudos, buscamos estabelecer uma relação dialógica com os discentes, considerando seus pontos de vista, ouvindo para sermos ouvidas. Como resultado, obtivemos respeito e evitamos situações conflituosas.

Mesmo receosas, depois de ouvirmos depoimentos negativos sobre a profissão professor de colegas da área, fomos novamente surpreendidas positivamente.

A atuação como professoras nos assustou um pouco no início. Afinal, sabíamos que teríamos que lidar com uma turma heterogênea, com alunos de diferentes idades,

comportamentos e expectativas. Mas, ao longo das aulas ministradas, fomos nos envolvendo e percebendo a aceitação por parte dos alunos, o que nos deu mais segurança.

Foi uma experiência engrandecedora. Além de uma retomada de estudos feitos na graduação, ser professoras nos exigiu atenção, paciência, força de vontade, ânimo e trabalho de pesquisa. Assim, concluímos o Estágio de Docência II satisfeitas com nosso desempenho e motivadas a crescer como profissionais.

6. Referências

- ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: _____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003. p. 107-153.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 110-127.
- _____. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 31-38.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 277-327.
- BATISTA, Adriana Danielski. **Interação de vozes em Mafalda**. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/AdrianaDanielskiBatista.pdf>>. Acesso em: 14 de abr. de 2013.
- BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (2000)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical**. Campinas: ALB: Mercado de letras, 1997.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. Barroco. In: **Literaturas brasileira e portuguesa: teoria e texto**. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 131- 142.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens: volume 1**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- DISNEY, Walt. **The grasshopper and the ants**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wM1DgihKHVI>>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 39-46.

_____. A aula como acontecimento. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 81-101.

_____. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: _____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-69.

_____. **Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas; de práticas a objetos**. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5510/4183>>. Acesso em: 02 maio 2013.

LA FONTAINE, Jean de. A cigarra e as formigas. In: _____. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Scipione, 2002. p. 12-13.

LA FONTAINE, Jean de. **A cigarra e a formiga**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cigarra_e_a_Formiga>. Acesso em: 10 abr. 2013.

LOBATO, Monteiro. A cigarra e as formigas. In: _____. **Fábulas**. São Paulo: Globo, 2008. p. 12-13.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NUNES, Vaz. **A cigarra e a formiga**. Disponível em: <http://web.educom.pt/~pr1305/inverno_cigarra_formiga2.htm>. Acesso em: 10 abr. 2013.

PASSARELLI, Lilian Ghiuro. Os quadrinhos na educação linguística: história, teoria e prática. In: BASTOS, Neusa Barbosa. **Língua portuguesa em caleidoscópio**. São Paulo: EDUC, 2004. p. 47-59.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SANTOS, A. R. e SILVA, J. E. **A importância das histórias em quadrinhos como veículo de informação e entretenimento: a nova SIPAT. Um estudo de caso**. Disponível em: <http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/V_11.pdf>. Acesso em 15 de abr. de 2013.

SOARES, Magda. Português na escola. In: SOARES, Magda. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 155-177.

SOARES, Doris de Almeida. **Produção e revisão textual**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TARDELLI, Marlete C. **O ensino da língua materna: interações em sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2002.

TARDELLI, Marlete C. **O ensino da língua materna: interações em sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2002.

VILELA, Maria Graciete. Sobre o ensino de literatura: os ensinamentos de Xerazade. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. **Literatura e ensino.** Florianópolis: LLV/CCE/U FSC, 2010.

7. Anexos

Anexo 01 – Questionário aplicado na turma do primeiro ano A

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Você gosta de estudar no Colégio de Aplicação da UFSC? Por quê?

4. Em que bairro você mora?

5. Quanto tempo você leva para chegar à escola? Qual meio de transporte utiliza?

6. Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias?

7. O que você costuma fazer em seu tempo livre?

8. Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos...):

a) A profissão desses familiares:

9. Você pretende fazer vestibular ao terminar o ensino médio? Para que curso e em qual universidade?

10. Classifique em ordem de preferência os assuntos que você gostaria de discutir em sala de aula: 1 para muito interesse, 2 para algum interesse, 3 para nenhum interesse

Vestibular ()

Televisão ()

ENEM ()

Cinema ()

Drogas ()

Moda ()

Esporte ()

Culturas ()

Música ()

Outros:

Política ()

Religião ()

Violência ()

Sexualidade ()

Namoro ()

Família ()

Internet ()

11. Você tem acesso à internet com frequência? Que tipos de site você costuma acessar?

12. Quais as disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por quê? Use o sinal “+” para indicar as que mais gosta e o sinal “-” para as que menos gosta.

Língua Portuguesa ()

Biologia ()

Física ()

Química ()

Ed. Física ()

História ()

Geografia ()

Matemática ()

Artes ()

Língua Estrangeira ()

Outra (s): _____

13. Você costuma participar de atividades culturais (cinema, teatro, dança, circo)? Se você não participa, tem curiosidade de conhecer ou participar de alguma destas atividades?

14. O que você acha que o professor de língua portuguesa deveria ensinar na escola? Caso você fosse o professor o que faria para tornar suas aulas mais interessantes?

15. Fora do ambiente escolar, você costuma ler? O quê?

16. Você concorda com o uso do livro? Caso você concorde, escreva sobre quais os materiais que você se interessa nele.

17. O que você acha da biblioteca da escola?

18. Que tipo de materiais seus familiares costumam ler?

19. Que motivações trazem você para a escola?

20. Qual a influência da escola na formação pessoal dos alunos em se tratando do futuro?

Anexo 02 – Entrevista feita via *e-mail* com a professora de língua portuguesa

Qual sua formação? Possui pós-graduação? Em que área?

Graduação em Letras; mestrado em Letras/Linguística/UFSC e doutorado em Linguística (área: LA).

Há quanto tempo você trabalha com educação?

22 anos

Qual é sua carga horária atual no Colégio de Aplicação?

30 horas de ensino; 4h de extensão (Participação no NEPALP/MEN/CED); 6 h pesquisa (Projetos: “Pés na estrada e iniciação científica na escola” e “Reflexão da prática docente e do currículo escolar em Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação da UFSC”; 2h de administração (Coordenação da disciplina de LP).

Você pode descrever a turma 1ºA?

É uma turma que está se entrosando, pois houve uma reconfiguração das turmas de 8ª série, há 4 alunos repetentes e 6 alunos novos que entraram no CA em 2013. A maioria dos alunos se envolve nas atividades de sala de aula; a participação oral está crescendo. Eles começaram o ano bem tímidos, mas sinto que estão começando a participar mais e têm se mostrado um pouco mais alegres/animados. Quanto à postura, são tranquilos, respeitosos – muitas vezes afetuosos – e receptivos na relação professora-alunos.

Qual sua relação com os alunos?

Procuro interagir de modo amigável com os alunos, embora deixe sempre claro que estou em sala na condição de professora, portanto tenho tarefas a desempenhar nessa função. Ou seja, tenho clareza do meu ato responsável na relação com os alunos e espero deles que também tenham clareza de suas responsabilidades no acontecimento da aula. Afinal, a aula só acontece com ambos os sujeitos envolvidos (professora e alunos) tendo uma participação ativa.

Quais leituras você costuma realizar por fruição?

Gosto de ler romances, mas geralmente leio nas férias; no período de aula, leio mais os gêneros que trabalho com os alunos, como relato de viagem, por exemplo.

Também gosto de ler revistas, como a ISTOÉ; geralmente, leio no domingo ou à noite

Como você entende a aprendizagem?

Vejo a aprendizagem como um processo que se dá na interação dos alunos com os vários outros com os quais eles dialogam: professora, pais, colegas, estagiários, funcionários da escola, guias e demais pessoas que, em algum momento, se envolvem em questões ligadas aos conteúdos e à vida dos alunos, principalmente no que diz respeito à linguagem (suas regularidades e seu uso).

Qual sua metodologia de ensino?

Procuro planejar atividades que possibilitem o diálogo com diferentes vozes, como por exemplo: ao abordar determinado conteúdo, começo trazendo a voz de um escritor, poeta, músico, teórico, na sequência, proponho atividades que provoquem os alunos para que dialoguem com a “fala” desse outro a partir do que já sabem sobre o assunto/conteúdo em questão. Vou “costurando” essas diversas vozes em sala e procuro propor isso também nas produções textuais (verbais/visuais) que solicito, seja individualmente, em dupla ou em grupo. Outro exemplo: nas saídas de estudos, procuro trabalhar na perspectiva de que o conhecimento é produzido em diferentes lugares sociais e esferas, não sendo restrito ao professor e à escola. Entendo a minha aula como agenciamento de vozes diversas para construir conhecimentos plurais. Por isso, tenho dificuldade com o uso de determinados recursos como o livro didático, provas e na atribuição de notas para os trabalhos produzidos, pois minha tendência é flexibilizar as avaliações na medida em que sinto que os alunos não estão significando o que está sendo trabalhado. Materiais que costumo utilizar (dependendo do gênero trabalhado): revista ISTOÉ, jornal Brasil de Fato e Folha de São Paulo (às vezes, DC); livros de literatura; vídeos (documentários, clipes), filmes, sites (datashow).

Qual sua perspectiva teórica?

Procuro trabalhar na perspectiva da linguagem como interação que se realiza nas diversas situações/encontros entre os sujeitos que se relacionam, seja na esfera escolar ou em outras esferas. Minha fundamentação vem dos estudos do Círculo de Bakhtin e de pesquisadores brasileiros que discutem Bakhtin e a educação, como João Wanderley Geraldi, Roxane Rojo, Irandé Antunes, Raquel Fiad e Maria Aparecida Lopes-Rossi entre outros.

Anexo 03 – Resumo de conceitos apresentado nas aulas

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação – Colégio de Aplicação
Turma: 1º A Disciplina: Língua Portuguesa
Professoras estagiárias: Tayse e Valéria

Barroco

O Barroco foi o estilo artístico dominante nas cortes europeias do século XVII. Houve, no Brasil colonial, dois tipos de Barroco: o baiano, com manifestações literárias e artísticas no século XVII, e o mineiro, predominantemente na arquitetura e nas artes plásticas, no século XVIII.

A arte barroca é a expressão de uma época marcada por inúmeros *conflitos sociais, guerras e lutas religiosas*, que utilizou mecanismos para impressionar e subjugar o observador pelo luxo e pela exuberância. O Barroco serviu, assim, a propósitos que em muito ultrapassaram as superficialidades e frivolidades das cortes ou os aspectos simplesmente decorativos.

Dualidade barroca: o homem dividido entre o céu (as coisas celestes) e a terra (as coisas terrenas). Um conflito entre valores tradicionalistas, ligados à consciência medieval, defendidos pelos jesuítas, e valores progressistas, gerados pelo avanço do racionalismo burguês.

A arte literária barroca fazia uso de formas menos racionais e mais ambíguas. Empregava amplamente figuras de linguagem que indicassem *conflitos*, como a antítese.

Figuras de linguagem presentes na literatura barroca:

- Antítese: constrói sentido com confronto de ideias opostas. Contraste. - “*Pequei, senhor; mas não porque hei pecado,/ Da vossa alta **clêmência** me despido*”
- Paradoxo: contradição num mesmo enunciado. - “*Enquanto com **gentil descortesia**”*
- Hipérbole: exagero intencional para chamar a atenção. - “*Matem-me, disse eu, vendo abrasar-me*”
 - Metáfora: “jogo” de palavras. A palavra sai do contexto convencional (denotativo) para um novo campo de significação (conotativo). - “*Quem semeia ventos colhe tempestades.*”

Pontuação

- Tem a ver com pausa?
- Tem a ver com entonação?
- Tem a ver com sentido?

Pontuação

- Quantas formas você encontra para pontuar a frase abaixo?

Meu relógio sumiu não está na gaveta

Pontuação

- Quantas formas você encontra para pontuar a frase abaixo?

- **Meu relógio sumiu. Não está na gaveta!**

- > Afirmação e constatação indignada de quem fala

Pontuação

- Quantas formas você encontra para pontuar a frase abaixo?

- **Meu relógio sumiu.**

- **Não está na gaveta?**

- > Diálogo com resposta em réplica

Pontuação

- Quantas formas você encontra para pontuar a frase abaixo?
 - **Meu relógio sumiu, não?**
 - **Está na gaveta!**
- > Dúvida na pergunta e certa rispidez na resposta

Pontuação

- Reconstitua a frase ordenando os segmentos.
Use vírgula quando for necessário.

Segmento 1: Alguns parlamentares governistas

Segmento 2: defendiam

Segmento 3: o fim dos trabalhos da CPI

Segmento 4: sem o menor constrangimento

1/4/2/3 1/2/4/3 4/1/2/3

Pontuação

A herança

Um homem rico estando muito mal de saúde, pediu que lhe trouxessem papel e tinta.

Escreveu o seguinte:

Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres .

Deu o último suspiro antes de ter podido fazer a pontuação. A quem, afinal, deixava sua fortuna?

Eram apenas quatro os citados.

No dia seguinte, ao receberem o papel, cada um dos citados deu ao texto a pontuação e a interpretação que lhe favorecia.

De que modo o texto foi pontuado:

- Pelo sobrinho;
- Pela irmã;
- Pelo padeiro.

Pontuação

“A mãe disse para o pai registrar o filho com o nome de Tadeu, mas o pai queria que o filho se chamasse Jonas.

No dia em que o pai foi ao cartório, ele encontrou um bilhete da mãe, na mesa, que dizia assim:

Jonas, não Tadeu.

MAS o que ela queria era: Jonas não, Tadeu.”

UMA VÍRGULA

MUDA TUDO.



@mauritodluca
maurito

esqueci de dar , boa noite*-*

via web ☆ Favorite 🔄 Undo Retweet ↻ Reply



Crase

- Visita à jovem: elemento feminino após o artigo.
- “Ir a e voltar da: crase há.
- Ir a e voltar de: crase pra quê?”
- “Às vezes”, “às 10h”, “à noite”

Letras maiúsculas: quando usar

- No início de frases e versos;
- Nos substantivos *próprios*:

Nomes de pessoa: Maria, Fábio

Nomes de divindades : Deus, Iemanjá, Buda

Nomes de seres fabulosos: Saci, Iara

Apelidos: Juca, Laurinha

Nomes de lugar: Espanha, Ceará, Florianópolis, Córrego Grande

Letras maiúsculas: quando usar

Títulos em geral: Papa, Presidente da República, Banco do Brasil, Colégio de Aplicação, Sombras de Goya, Diário Catarinense, Dom Casmurro

Nomes de fatos históricos: Idade Média, Sete de Setembro, Revolução Francesa

- Nos substantivos *comuns*, quando individualizados ou quando representam um sentido simbólico.

A Igreja, o Santo Ofício, a Inquisição

Revisão colaborativa

- Trocar de texto com um colega.
- Ler o texto e elaborar algum comentário sobre (pode ser por escrito ou oralmente).
- Revisar ortografia e aspectos textuais: parágrafo, título...
- Regras: respeitar o texto do colega, ser organizado nos comentários e dar sugestões.

Anexo 05 – Depoimentos escritos pelos alunos do primeiro ano A



EU GOSTEI MUITO DAS AULAS E
NÃO HÁ O QUE RECLAMAR PORQUE AS
AULAS SÃO MUITAS BOAS E EU
ENTEDI TODAS AS MATERIAS RESSALVANDO
BARROCO ENTRE OUTRAS.
GOSTEI MUITO DO FILME E DA ATIVI-
DADE.

Gostei bastante do estágio de vocês. Principalmente
por as aulas serem dinâmicas, muitas vezes, e
também pelo utilização do dota show, que sem-
pre duro a aula mais descontraída a unico
coisa que eu adorei, foi o fato de as aulas
terem sido muito divididas entre vocês duas.
Senti falta de interação entre vocês, na maio-
ria das aulas. Apesar disso, as aulas foram
bem descontraídas e boas.
Enfim, no geral o estágio foi muito bom! Boa
sorte as duas, vocês serão ótimas professoras!!

Vitoria Resendi

As aulas até foram legais, mas tinha muitos slides com vocês falando e isso tornava as aulas muito cansativas e tediosas, a aula devia ter uma dinâmica melhor. Valéria brava demais e a Thaíse fica muito quieta

Adorei vocês! são ótimas colegas/professoras, continuem assim que suas aulas serão ótimas, eu garanto.

Espero que tenham muito sucesso no trabalho e que tenham muita sorte! É uma pena não termos um abraço, gostaria que fossem nossos professores para sempre.

Grande Beijo!

Nota 5.

2013.

12/06/2013.

As aulas foram muito boas, pareceram bem planejadas junto com as explicações.

O assunto não era muito interessante, mas as aulas foram bem discutidas.

Anexo 06 –Foto do último dia de aula na turma do primeiro ano A



Anexo 07 – Fotos dos encontros do projeto extraclasse



A CIGARRA
E A
FORMIGA

